Revista da Semana

Anno XXXII — N.º 26 — 13 de Junho de 1931
— Preço 1$500 —

1231 1931
Numero dedicado
ao
VII Centenario
de
Santo Antonio

Visitem as lindas Exposições dos productos "4711" na **CASA HERMANNY** Rua Gonçalves Dias, 50. Em Petropolis, Avenida 15 de Novembro, 764. Em Bello Horizonte, Rua da Bahia, 910 a 916.

Revista da Semana

A Decana das Revistas Nacionaes

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e o Grande Premio na Exposição de Sevilha em 1930.

PROPRIEDADE DA

COMP. EDITORA AMERICANA

Rua Maranguape, 15

RIO DE JANEIRO

Telephones: Redacção 2-4447

Administração 2-2550

End. telegraphico: *REVISTA*

Correspondencia dirigida

a AURELIANO MACHADO

DIRECTOR RESPONSAVEL

ASSIGNATURAS

52 Numeros (BRASIL E AS 3 AMERICAS)

Um anno 63$ — 6 mezes 32$

REGISTRADA: Um anno 80$ — 6 mezes 41$

ESTRANGEIRO

Um anno 75$ — 6 mezes 38$

REGISTRADA

Um anno 105$ — 6 mezes 53$

Avulso 1$500 — Atrazado 2$000

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXII | Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1931 | NUMERO 26

Santo Antonio de Lisboa

A Revista da Semana *honra hoje as suas paginas com o retrato e a palavra sempre erudita de S. Eminencia o cardeal patriarcha de Lisbôa, D. Manuel Cerejeira, uma das figuras mais destacadas do Clero e um dos mais scintillantes espiritos de Portugal.*

Como vêem os leitores, não poderiamos abrir o numero dedicado a Santo Antonio com palavra mais idonea e autorizada, com mais opportuna e preciosa chave de ouro.

NA tarde de sexta-feira, 13 de Junho de 1231, um carro puxado a bois e acompanhado de religiosos franciscanos, cobertos de pó e de dó, chegava lentamente ao convento de Santa Maria di Cella, ás portas de Padua, na Italia. Transportava, deitado em palha, um fardo precioso: o grande Thaumaturgo Antonio, moribundo.

Durante a tormentosa jornada agravou-se tão assustadoramente a doença que força foi recolher o Santo naquelle humilde convento, onde ao cahir da noite exhalava o derradeiro alento na visão do seu Senhor. "*Video Dominum meum*" foram as ultimas palavras proferidas por Antonio, emquanto na "Celleta", a cellazinha paupérrima, fechava os olhos á luz do mundo para abril-os á luz eterna da gloria.

Sete seculos estão a perfazer-se sobre este facto na apparencia vulgar; e, a tão descompassada distancia, longe de sumir-se pulverizado na dispersão das coisas e successão dos acontecimentos, avulta com singular relêvo, impõe-se com realce cada vez mais vivo a nossos olhos.

E' que, se a morte dos santos é preciosa aos olhos do Senhor, por ser condição para que á luz da Fé succeda a luz indefectivel e plena da Gloria, a morte de Santo Antonio foi o sello sagrado e augusto, o coroamento radioso duma vida excepcional, eminentemente enriquecida de sobrenaturaes carissimas.

E' por isso que o *VII Centenario da Morte de Santo Antonio* é o acontecimento religioso de maior importancia e culto deste anno de Graça.

A Christandade inteira prepara-se para commemorar festivamente, conglobando nas mesmas manifestações de jubilo, as duas grandes datas quasi coincidentes — o passamento e a canonização de Santo Antonio.

Gosa o glorioso Thaumaturgo do privilegio raro da popularidade em todas as nações do mundo; essa popularidade garante de antemão ás projectadas solemnidades centenarias o mais seguro exito.

Mas, entre todas as nações, são Portugal e a Italia; entre todas as dioceses, são Lisbôa e Padua a quem mais de perto interessam essas solemnidades, a quem, por mais poderosos motivos, cumpre dar todo o seu esforço, todo o seu decidido concurso para que revistam a alta significação, sejam informadas do espirito e obedeçam á finalidade que estão na intenção e nos propositos da Igreja Catholica e do Soberano Pontifice.

A vida de Santo Antonio desenha-se em arco de luz e graça (sempre fulgurante através de sete seculos) entre dois polos — Lisbôa, o berço; Padua, o tumulo.

Aqui, na mesma atmosphera que elle respirou, no mesmo quadro em que viveu os annos da juventude, á distancia de tantos seculos (que importa o tempo á admiração e ao amor?) — nós como que ouvimos os seus primeiros vagidos de criança, vemol-o acordar, num sorriso de Graça, á Vida Nova, ali na fonte lustral da Nossa vetusta Sé, ensaiar os primeiros passos pela senda florida e sempre ascendente da perfeição christã; desabrocharem numa efflorescencia de maravilha sobre a robustez da haste juvenil os lyrios mysticos das virtudes religiosas; depois internar-se na sombra e silencio fecundos do claustro de Santa Cruz de Coimbra, e partir por fim, com um sonho alto na alma, ardendo em febre de apostolado e martyrio, para as plagas de Marrocos, envolto na tunica austéra do Poverello de Assis.

Deixae-o partir. E' a vocação missionaria da nossa Patria que desperta na consciencia do seu destino providencial. E' um precursor; vai ensinar o rumo das Descobertas e das Conquistas.

E', porém, a Europa mediterranea — a Italia e o sul da França — o vasto campo de apostolado destinado ao jovem missionario portuguez. E elle ahi surge dentro em pouco, no seu traje de penitencia e pobreza, e apesar de desconhecido, apesar de se occultar e esconder nas profundezas da sua humildade, revela-se o que a Providencia quer que elle seja: o Mestre sapientissimo, o Pregador inegualavel, o Apostolo inflammado, o Thaumaturgo maravilhoso.

Deus delega-lhe o poder; os elementos e as forças da natureza põem-se ao seu serviço e elle avança numa irradiação de vida sobrenatural. Encontra no seu caminho a ferocidade dos egoismos humanos, a truculencia da tyrannia e, com uma santa altivez, fulmina-as em nome da Justiça e da Caridade christãs.

E' o defensor da Fé, o thesouro da sciencia divina, o martello das heresias, o modelo vivo do zelo sacerdotal, luz que se devolve em chamma de caridade.

Em que lingua prégou? pergunta a critica litteraria, indaga a investigação historica. S. Antonio falou a grande e universal lingua da Caridade, a lingua do Pentecostes, a dos Apostolos, a mesma que mais tarde assegurou os immorredouros triumphos dos pregadores do Evangelho, de S. Vicente Ferrer por toda a Europa e de S. Francisco Xavier no Oriente. Ahi o segredo da sua eloquencia, a força conquistadora de seu apostolado!

Para variar conto de Edmond Jaloux

A vida de Emilio Vancurel corria, lenta e monotona, numa modesta cidade da Normandia, onde elle dirigia uma fabrica de lanificios. Se a cidade era pequena, os negocios de Vancurel eram importantes. A fabrica fôra fundada por seu pae, que nella fizera fortuna; e de anno para anno o fabrico se desenvolvia e mais se acreditava. Emilio Vancurel era casado; tinha duas filhas que desejava ver opulentamente casadas. Adorava-as e era ambicioso; e só realmente essa paixão e essa vaidade fariam com que elle se resignasse a morar em Lionville, onde a sua fabrica funccionava. Cidadezinha pacata e laboriosa, Lionville estendia-se ao fundo dum valle humido, onde serpenteava uma ribeira. Distracções, nenhuma. Apenas, aos sabbados, um triste cinema. Emilio Vancurel sentia-se opprimido, asphixiado pela especie de torpor ambiente. Terminado o seu dia de trabalho, gostava de ver ao redor bastantes luzes, gente alegre, vivaz, um pouco ruidosa até... Mas isso em Lionville!... Sua esposa era de genio socegado, com tendencia para a melancolia; os filhos, muito moços ainda, não lhe podiam servir de companheiros de passeatas e festanças. Vancurel lia muito, tocava piano ou, então, deixava-se possuir de crises medonhas de tédio que o deixavam deprimido por longos dias.

Tornando-se os seus negocios cada vez mais prosperos, Vancurel collocou capitaes em outras industrias. Isso o obrigou a fazer parte de varias firmas ou directorias de empreza e determinou a sua ida todos os mezes a Paris. Assim a sua vida mudou profundamente. Aquelles tres ou quatro dias em cada mez vieram a constituir uma especie de pharol a illuminar-lhe a existencia.

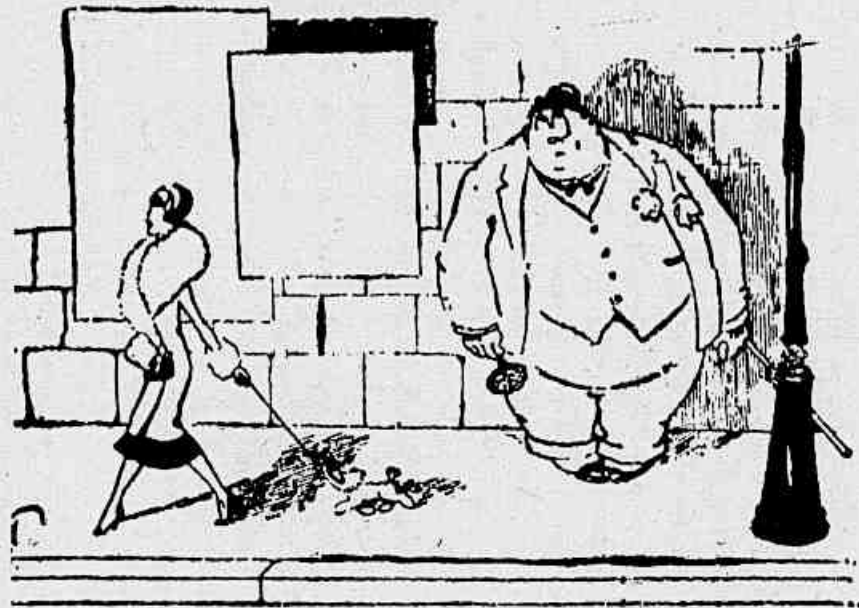
Jantava num restaurant de luxo, vagarosa e deliciadamente, depois ia ao theatro, ao cinema, a um dancing... Tinha a impressão de ser um estudante em férias. Metteu-se em aventuras que o divertiram e superiormente lhe lisonjearam o amor proprio. De volta a casa, era um homem alegre, falador, exuberante... Emfim, como a esposa e as filhas diziam, parecia outro.

Assim decorreram alguns annos, entre aquellas visitas mensaes a Paris que regularmente proporcionavam a Vancurel aspectos duma vida nova. E, regressando a casa, revia com verdadeiro prazer a esposa sempre tristonha, as filhas, cada qual mais esbelta e sympathica. Casaram ambas, uma em Marselha, outra em Epinal. Sem ellas, Vancurel sentiu a vida em Lionville mais pesada, mais sombria. Passou a prolongar as suas estadias mensaes em Paris; depois, notou como isso desgostava a esposa e teve remorsos. Além disso, a direcção geral dos negocios resentia-se da sua ausencia; e Vancurel resolveu ter mais juizo...

Um dia, recebeu elle a proposta dum grupo de fabricantes de lanificios, desejoso de o ter como associado. Entre as vantagens que lhe offereciam, estava um logar de director geral, com residencia em Paris. Vancurel acceitou com enthusiasmo. Finalmente, via-se livre de Lionville, da sua atmosphera de indolencia e aborrecimento, das suas noites vazias e sem fim!

O casal tomou um apartamento que dava para o Luxemburgo. Como os negocios o punham naturalmente em contacto com outros industriaes e capitalistas, Vancurel formou relações, agradaveis ou lisonjeiras, que lhe davam a impressão de ter sahido dum tumulo de oppressão e tristeza, de ter verdadeiramente ressuscitado.

No emtanto, ao cabo de alguns mezes, principiou a sentir certo desassocego ou inquietação, como se lhe faltasse alguma coisa. Ia ao theatro, ao cinema, ao dancing com a esposa, com os novos amigos, e aborrecia-se. Já não gosava aquelle prazer que o esperava nas suas antigas visitas a Paris. Era o mesmo jazz, o mesmo tumulto elegante, a mesma atmosphera dantes tão deliciosa de respirar... Tudo, porém, se lhe tornara familiar, banal, quotidiano. E voltou a sahir, a ler romances, a tocar piano...

— Que tens tu? perguntava-lhe a esposa. — Estás ainda mais triste em Paris do que em Lionville...

O APAIXONADO — Que falta de sorte! Passei tão perto della e não me viu!

— Que queres? E' a velhice, talvez um pouco de neurasthenia...

— Vae passear. Distráe-te.

— Mas é isso de me distrahir que justamente me aborrece!

Um dia, teve vontade de voltar a Lionville. No primeiro momento tal desejo pareceu-lhe absolutamente insensato. Foi-se, porém, deixando possuir por elle... Acabou dizendo á esposa que precisava de dar uma vista de olhos á fabrica, entender-se com os directores. E partiu.

Chegou a Lionville ás cinco da tarde. Cahia um daquellas chuvas pegadas, trespassantes que elle tanto receava noutro tempo. Hospedou-se num hotel que passava por suportavel. O proprietario do estabelecimento, que o conhecia, recebeu-o com mil amabilidades. Jantou sózinho na sala humida, lugubre, regelada. Mas a comida era bôa, muito melhor do que elle esperava, e o hoteleiro deu-lhe a beber um Vouvray secco, claro, maravilhoso...

Após o jantar, Vancurel, sahiu de charuto na boca, achando a vida uma delicia. Voltava a experimentar alguma coisa parecida com o prazer das suas escapadas a Paris. Ao passar por um café modesto, mal illuminado, avistou um dos seus antigos contramestres. Entrou para lhe falar, offerecer-lhe um calix de velho "calva". E, ao cabo dum quarto de hora de palestra, empenhava-se com elle numa partida de gamão.

Ao sahir do café, sentia-se calmo, bem disposto. Andou algum tempo pelas ruas negras, sinistras, que lhe pareciam sobremaneira atrahentes. Como podia elle aborrecer-se naquella cidade que tão ditosamente inspirava a calma, a meditação, a doçura de viver longe de multidões e de barulheiras? E não comprehendia.

Só voltou a Paris na noite seguinte, satisfeitissimo. E quando a esposa lhe perguntou, com o mais terno interesse, como elle suportara tão fastidiosa viagem, Vancurel respondeu:

— Pois olha, meu bem, creio que vou ser obrigado a passar todos os mezes alguns dias em Lionville.

— Mas para quê? exclamou ella, espantada.

— Negocios! respondeu elle com importancia — Comprehendes, preciso de olhar por tudo, acompanhar, fiscalizar... Negocios!

EDMOND JALOUX

O BASTÃO DE SANTO ANTONIO

A imagem de S. Antonio, no altar da sua invocação na egreja franciscana da Bahia, é uma das mais características que existem: o Santo traz as insignias da sua alta dignidade militar, desde o chapéu até á espada que lhe pende do cinto, o que não o impede de trazer, em pé sobre o livro, o Menino Jesus e, na mão direita, a cruz da qual brota o lirio.

A' imagem de Santo Antonio da matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto foi concedido o posto de capitão do exercito, como, entre outras coisas, ainda se vê por uma inscripção no bahú que conserva os castiçaes e as placas de prata do seu altar, com a data de 1805. Os corpos do Santo e do Menino estão vestidos com roupa natural. A cabeça do joven Santo, porém, surprehende pela expressão de seus finos traços.

A imagem de Santo Antonio na egreja do seu convento, no Rio de Janeiro, nos dias de festa é apresentada com o rico bastão que recorda datas importantes da nossa historia.

Em 1555, Nicoláo Durand Villegaignon apoderou-se da bahia da Guanabara e fundou uma colonia franceza, sendo expulso em 1560 por Mem de Sá, que viera da Bahia e que fôra ajudado por seu sobrinho Estacio de Sá.

BELCHIOR GROSSEK "Santo Antonio prégando aos peixes"

Em 1710, porém, a esquadra franceza, sob o commando de Du Clerc, tentou novamente apossar-se do Rio de Janeiro, sendo governador desta Francisco de Castro Moraes, que á primeira noticia logo dispoz tudo para uma defesa tenaz.

"Invocou o nosso General a S. Sebastião é a S. Antonio, encommendando a estes dous grandes Santos o bom successo, regimen e direcção das armas portuguezas no Rio de Janeiro, e no dia seguinte mandou pedir ao Padre Guardião do Convento de S. Antonio que todas as missas daquelle dia se dissessem ao dito Santo, por sua tenção e bom successo da batalha que se esperava; cuja diligencia tão bem pedir e encommendar a varios Conventos e Egrejas desta Cidade; e nesse mesmo dia, que foi vespera do conflicto, mandou o nosso dito General a Santo Antonio huma Patente de Capitão de Infantaria pago, passando de soldado razo que athé então era, e o intitulou General do exercito nos Campos, e a São Sebastião, nosso padroeiro nas Praias.

O Padre Provincial de S. Antonio, que então se achava no Convento, tomou hum rico bastão que o dito Santo tinha na mão, que lh'o deu hum Governador da Nova Colonia, quando com o seu patrocinio triumfou do Castelhano; e o mandou ao nosso General, dizendo-lhe pelejasse com aquelle bastão do Santo; beijou-o e o pôs na corôa da sua cabeça e mandou pedir ao P. Provincial, o puzesse na mão do Santo no muro do Convento, o que assim se fez".

O exercito inimigo, que era "a flôr da França, onde vinha muita fidalguia e nobreza", foi derrotado, vencendo os portuguezes "porque tinham por si a razão, e justiça e os Santos Capitães."

Pensamentos

A dôr dos outros penetra melhor no coração daquelles que já soffreram.

A. Bazin.

O amor não é um fogo que possa ser fechado dentro d'uma alma. Tudo o tráe: a voz, o silencio, os olhos. E os fogos mal cobertos brilham mais.

Racine.

O SALVADOR DE PADUA

Mais de um motivo tinham os Paduanos para quererem bem ao Thaumaturgo que os distinguia com a sua presença.

Haviam-se tornado alarmantes as noticias que vinham de Ezzelino, apoiado pelo infeliz imperador Frederico II. Por sua ordem "matavam-se ás porções, nas praças publicas, os cavalheiros e os cidadãos grados; depois, faziam-se-lhes os corpos em postas, que se juntavam para as queimar. Os amigos, os parentes, os irmãos atraiçoavam-se uns aos outros ou matavam-se reciprocamente pelas proprias mãos, crendo ganhar com isso as graças do tyranno, que, poucos dias após, os fazia morrerem, tambem elles. Mandava tirar os olhos aos filhos dos nobres, depois deixava-os morrerem á fome nas prisões, onde pereciam tambem não poucas damas e donzellas da nobreza. Todos os dias morria gente em tortura, e dia e noite se lhes ouviam os gritos lamentaveis.

"Todavia, ninguem ousava queixar-se publicamente de tantos males: era preciso elogiar a Ezzelino, intitulal-o de justo, sabio, conservador da patria, e desejar-lhe a vida e a victoria; e ainda com essas bajulações nada se ganhava. Sempre egualmente desapiedado, não poupava edade, nem sexo, nem profissão. Tratava assim ao clero como ao povo, aos religiosos como aos seculares. Tomava os bens dos bispados, das abbadias e dos outros beneficios; e delles se servia para commetter mais facilmente seus

Bilhete postal editado pelo Governo Portuguez, representando Santo Antonio prégando aos peixes.

crimes. Não havia mais pregação, nem confissão, nem visita dos logares santos, nem pratica nenhuma exterior de devoção".

Tudo isso bem sabiam os Paduanos; mas, felizmente, Ezzelino estava longe e os muros de Padua eram fortes. Mudaram-se as coisas, porém. O tyranno tomára Verona de assalto, entregando-a á sua soldadesca infrene, e Padua... temeu a mesma sorte.

Quem a salvará contra o grande poder bellico do tyranno, agora mais forte do que nunca? Restava uma unica esperança: — Antonio. E a elle foram. Mas, contra um Ezzelino, que poderá o proprio Thaumaturgo? Não tinha aquelle dado provas de que não respeitava a pessôa de sacerdotes e de religiosos? Que terrivel mez esse Outubro de 1230 quando, já não confiando nos muros e nas poucas tropas da cidade, viam a sua unica defesa num frade, que lhes viera de fóra!

S. Antonio não hesitou. Sem levar em conta fadigas e perigos, partiu immediatamente tomando a direcção de Verona, onde Ezzelino fixara residencia.

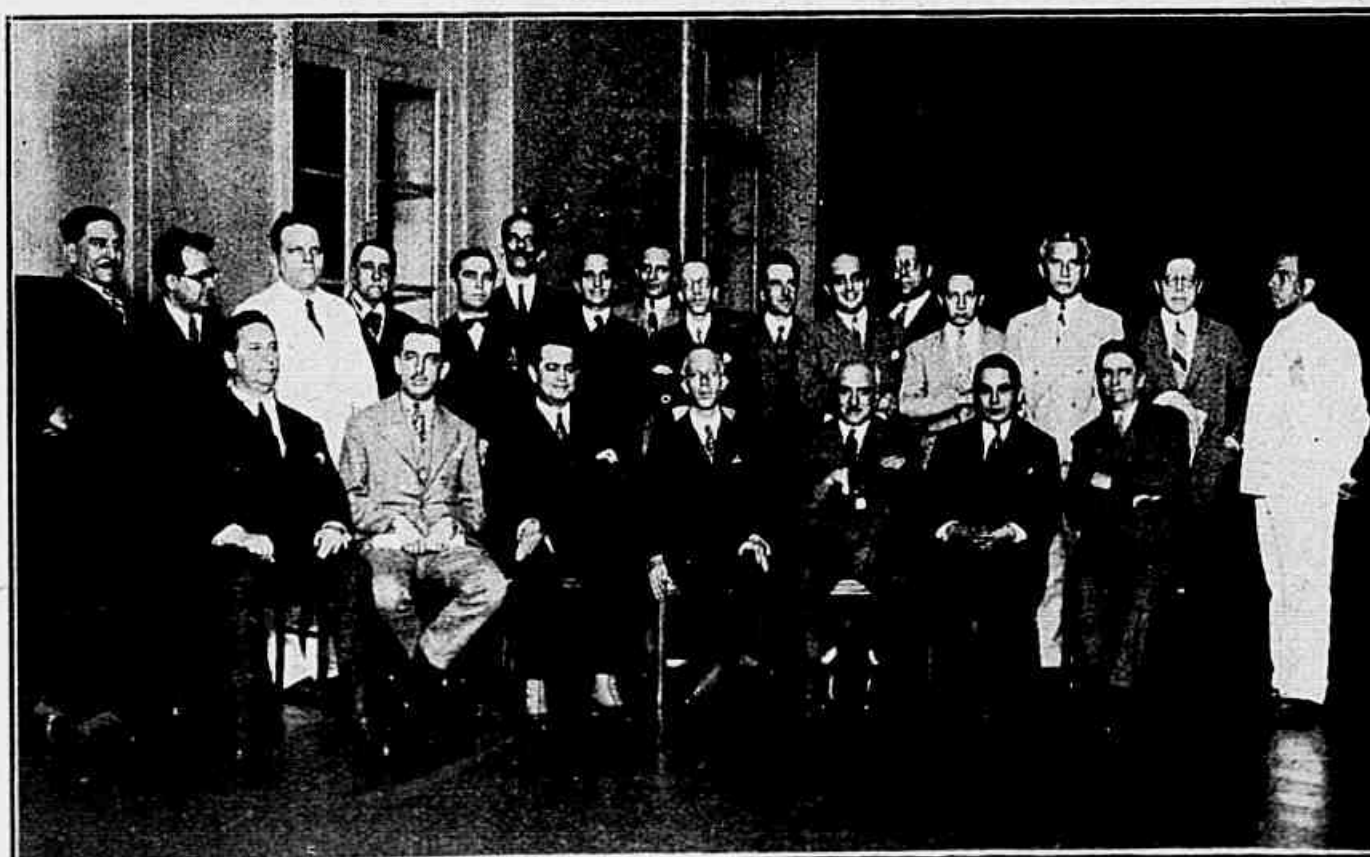
Chega até ao palacio sem ter encontrado grandes empecilhos; mas os soldados e cortezãos do tyranno se entreolham com ironia, certos de que esse frade ousado pagará caro a tentativa de querer falar a Ezzelino, adverso a religiosos e igrejas.

Ha verdadeiro pasmo, porém, quando Antonio, conduzido á presença do tyranno, em vez de pedir algum favor, começa a exprobrar-lhe, em voz decidida, os crimes e vexames de seu governo. E ficam todos petrificados quando o intrepido monge conclue a sua objurgatoria com uma ameaça prophetica:

— O' inimigo de Deus, tyranno crudelissimo... até quando continuarás a fazer derramar o sangue innocente dos christãos? A sentença divina, tremenda e durissima, está prestes a condemnar-te.

A côrte marcial de Ezzelino, profundamente estupefacta pela insolita temeridade de Antonio, e em pleno palacio de seu chefe, esperava a cada momento ordem terminante para logo decapitar ou ao menos prender o audaz franciscano. E ainda mais surprehendida ficou quando, após aquella inaudita reprimenda, vêem o feroz Ezzelino assumir um semblante imprevisto de compuncção, rojar-se aos pés d'aquelle humilde religioso e prometter-lhe uma sincera emenda.

Antonio deixa a côrte e Ezzelino, sentindo sobre si os olhos dos cortezãos e dos companheiros d'armas, explica:

— Não é um simples homem: vi tamanho fulgor sahir de seu rosto que eu julgava ser precipitado já nos quintos dos Infernos.

A Associação Brasileira de Imprensa elegeu sabbado ultimo a sua primeira directoria, depois que nella se fundiram as tres sociedades congeneres, existentes nesta capital. A directoria eleita, que se vê sentada, rodeada dos membros do Conselho Deliberativo, ficou assim constituida: Presidente, dr. Herbert Moses; Vice-Presidente, João Mello; Primeiro Secretario, Nestor Guimarães; Thesoureiro, Paschoal Ferrone; Bibliothecario, Carlos Manhães; Procurador, Edmir Pederneiras.

O culto de S. Antonio no Brasil

O Brasil não quer ficar atrás no culto a S. Antonio, e não fica mesmo. E' rara a egreja que não tenha a sua imagem, e são muitas as imagens a que se prendem tradições de milagres.

Na cidade de São Salvador da Bahia, existe o Santuario de S. Antonio da Barra, hoje confiado aos Jesuitas portuguezes, onde, além do Santo, se vê um Cruxifico notavel, como os ha em numero avultado nas igrejas do Brasil.

A imagem de S. Antonio, com uma insignia de official do exercito a tiracollo, tem, como muitas e muitas outras, suas falhas, o que não impede seja muito venerada pelo povo.

Imagem do altar de Santo Antonio na egreja franciscana da Bahia.

"A egreja, comquanto um pouco acanhada, não deixa de ser airosa e alegre com as duas bellas torres que de longe se avistam, com os tres altares e situação proeminente. As paredes da egreja estão ornadas de seis grandes quadros, dos quaes o primeiro do lado do Evangelho representa a S. Antonio no pulpito a prégar, o segundo representa-o de joelhos recebendo um ramo de açucenas da mão do Divino Salvador e o terceiro figura-o resuscitando um morto.

Do outro lado vê-se o mesmo Santo prostrado ante o papa Gregorio IX, que está lendo as constituições franciscanas, e Frei Elias ao lado, com varios cardeaes.

O tecto, todo pintado, está em volta ornado de diversos medalhões que representam o Santo ainda novo e outros Santos, intermeados de desenhos e de figuras de prelados que teriam talvez relação com o Santo ou com a sua Ordem.

No centro do tecto ha uma grande pintura de seis metros de comprido que representa a gloria do extraordinario Thaumaturgo; por cima está a SS. Trindade, que cumula o seu servo de grandes e singulares mercês; no centro vê-se o Santo com uma cruz e com o Evangelho de S. João a symbolisar os seus grandes conhecimentos da S. Escriptura, e do outro lado a SS. Virgem a offertar-lhe um ramo de açucenas, emblema de suas virtudes; aos pés estão os albigenses representados por um grupo de homens amedrontados, com uma espada flammejante que um anjo descarrega sobre elles e que figura a lingua do Santo, terror d'aquelles herejes. A disposição das figuras não parece em geral muito perfeita".

O autor desses paineis, segundo affirma o professor e literato Manoel Querino, é o pintor Antonio Joaquim Franco Velloso (1780 — 1833)

Foram os quadros retocados e deformados pelo retoque, de modo que não se póde fazer idéa justa do seu primitivo valor.

Em todo o caso, alguns são de assumptos pouco tratados por outros artistas, pelo que são dignos de cuidadosa conservação.

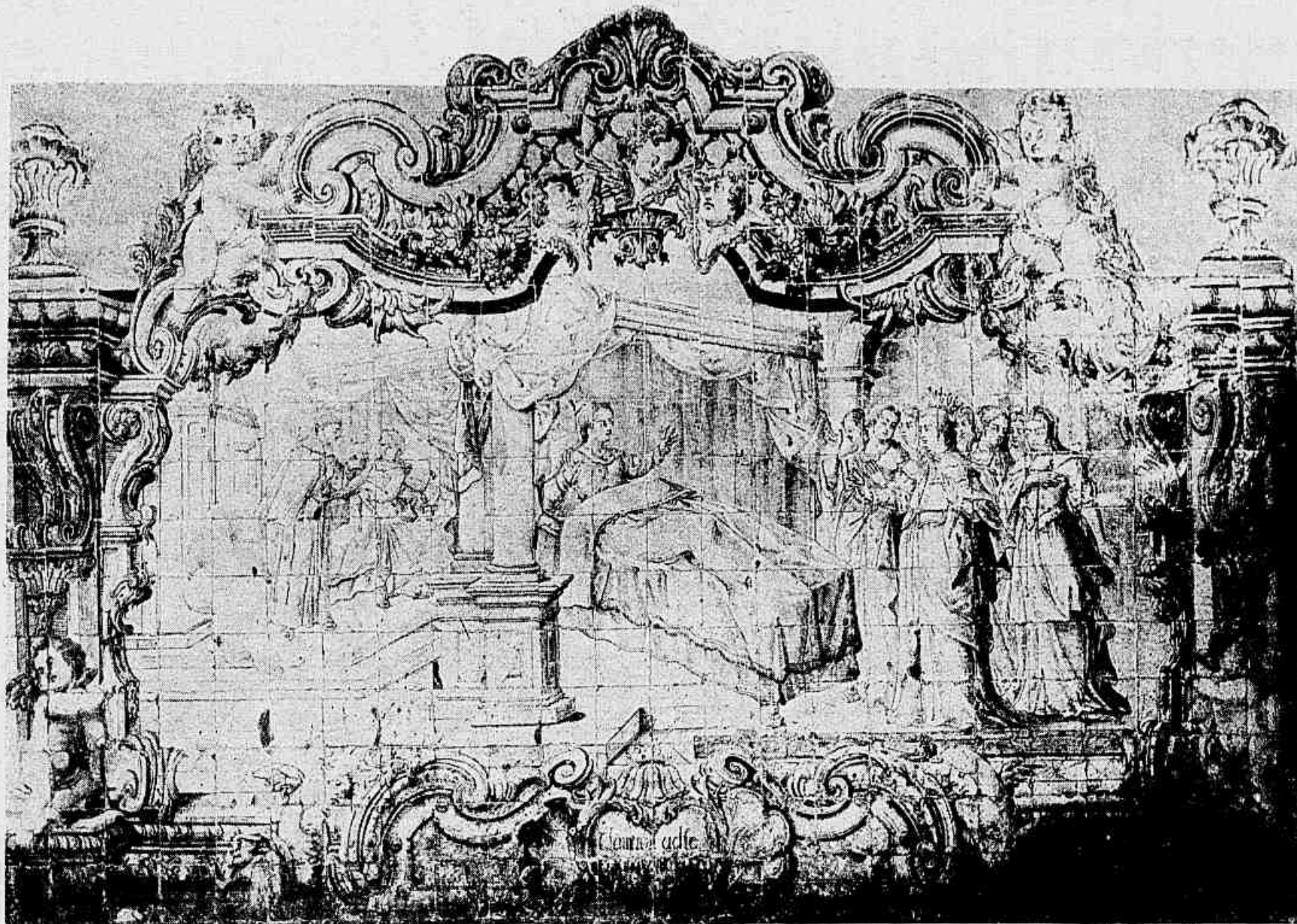
A uma das imagens da Bahia prende-se a tradição que Sebastião da Rocha Pitta conta por estas palavras:

"Milagre de S. Antonio de Arguim. — Da Arrochella (ninho de Hereges, de que naquelle tempo estavão apoderados os Calvinistas, e outros Sectarios, valhacouto dos seus insultos, e porto, em que recolhião as suas prezas) sahira uma Armada, não só com tenção de piratear nos mares do Brasil, mas de invadir, e saquear a Cidade da Bahia. Tinha tomado na costa de Africa a Fortaleza de Arguim, em cujos despojos acharam o simulacro do glorioso Santo Antonio, illustre Portuguez, e illustrissimo Santo, ao qual dando muitos golpes, lançarão ao mar, dizendo-lhe, por ludibrio, que os guiasse á Bahia; mas Deos, que é admiravel nos seus Santos e vingador das suas injurias, os castigou de sorte com huma tempestade, que derrotados e perdidos por varias partes os seus navios, aportou a sua Capitania destroçada e rota á Provincia de Sergipe, onde não escapando da prisão os que tinham escapado do naufragio, forão remettidos á Bahia para serem castigados.

Porém vindo por terra daquella Provincia, conduzidos por muitos soldados e outros caminhantes, que se juntarão á companhia (para que tivesse mais testemunhas o milagre) acharão na praya do Itapoan, a quatro legoas da Cidade, com os golpes do heretico e sacrilego ferro a Imagem do Santo, que tinhão lançado ao mar, muitos grãos antes de chegarem á altura da Bahia, quando lhe disserão por zombaria, que os guiasse a ella. Estava o milagroso em pé, como esperando para os conduzir á Cidade, em execução do que lhe tinhão pedido: que os despachos de petições insolentes são castigos, como experimentarão aquelles Hereges, pois forão sentenciados á morte pelo roubo, e pelo sacrilegio; e a Imagem do Santo com os proprios signaes abertos, e permanentes, collocada no seu Convento da Bahia, onde por Ordem Real lhe faz todos os annos o nobilissimo Senado da Camara festa com Procissão solemne, como a Padroeiro"...

Onde ficou esta imagem de S. Antonio de Arguim? Frei João Manderfelt O. F. M., da Bahia, diz que "foi recolhida na egreja da Ajuda, desta cidade, que serviu aos franciscanos para o culto, emquanto o convento e a egreja estavam em construcção. Depois foi a imagem, solemnemente, trasladada para a egreja do actual convento. Muitos annos depois, um guardião, não achando quem concertasse bem direitinho o mutilado Santo, mandou vir de Portugal a actual imagem, substituindo a antiga, e ninguem sabe que fim esta levou. A chronica do convento não sabe dizer mais sobre o caso do que isso. A imagem desappareceu. Não existe mais. Era uma estatua muita imperfeita, e, pelos golpes que levou, inconveniente para o culto publico".

Entre os templos que, no Brasil, foram levantados em honra do grande Santo

A Casa Real de Santo Antonio, em Lisbôa. Vê-se, ao fundo, uma das torres da Sé.

Dois preciosos azulejos do Convento de Santo Antonio, em Recife. Essas duas obras primas da arte religiosa, no seculo dezoito, reproduzem, em geral, passagens da vida milagrosa do grande Santo.

portuguez, o do Convento de S. Antonio de Capital Federal é digno de destaque.

"Embora muito tenha soffrido, no correr dos tempos, o historico convento, ainda hoje, de alguma maneira, permitte ver quanto nelle as bellas artes acharam protector e abrigo. São de marmore as portas da igreja, de jacarandá as portas e o tecto, bem como as estantes e os assentos do côro, cujo orgão, antigamente, era um dos melhores do Rio.

"O presbyterio apresenta pesados trabalhos de talha e dezenove paineis da vida de Santo Antonio...

"A sacristia é uma das mais ricas da Capital Federal, embora inferior ás de alguns conventos da Bahia. O tecto é coberto de paineis com scenas da vida do mesmo Padroeiro; o chão é de marmore de diversas côres, e embutido; as portadas de marmore e as portas de jacarandá, com trabalhos de talha. Mais importante é o vasto arcaz, todo de jacarandá, em magnifico trabalho de talha, bem como o alto espaldar em cima do arcaz.

"Cumpre notar que todas estas obras foram executadas pelos religiosos capuchos, no tempo em que a sua ordem como algumas outras monasticas davam o exemplo do cultivo esmerado das artes liberaes e contavam entre os frades não poucos architectos, pintores, talhadores, musicos e artistas de todas as especies".

Imagem de Santo Antonio, vestida, no Consistorio da matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto.

Sobresahiu entre os pintores Frei Francisco Solano, mais tarde Provincial, evidentemente um dos autores dessa grande série de quadros antonianos do tradicional Convento.

Alguns quadros existem na igreja e na sacristia desse Convento de S. Antonio, do Rio de Janeiro, cujo assumpto não ousamos definir por mais que tivessemos recorrido a biographias do Santo e outras fontes. Assim, por exemplo, o d'uma freira fallecida, talvez resuscitada a nova vida por S. Antonio que da terra ergue a mão, tomando a d'uma bemaventurada que apparece nas nuvens.

O convento de S. Antonio, do Rio de Janeiro, actualmente, passa por importantes obras de inadiavel reconstrucção que, para serem terminadas, ainda levarão annos. Em compensação, parece que S. Antonio terá um santuario digno para augmentar a confiança de todos quantos o procurarem.

Dos santuarios antonianos do Brasil tão pouco como dos de outros paizes póde ser dada uma relação mais ou menos completa. Cidades e egrejas novas rivalisam com as antigas para testemunharem sua devoção ao Thaumaturgo.

Em Ouro Preto, a lendaria Villa Rica de outr'ora, onde os templos — que são dos mais artisticos do Brasil — evocam quadros grandiosos, Santo Antonio teve e tem devotos muito dedicados.

Na matriz de Nossa Senhora do Pilar ha um altar de S. Antonio com ricas obras de talha, como as deixou em todo o Estado de Minas o admiravel e infeliz Aleijadinho.

A devoção dos fieis não se contentou com o altar como tal, mas soube ornal-o, no dia da festa do Thaumaturgo, com castiçaes de prata que levam uma pequena imagem do Santo, e entre os quaes estão collocadas quatro placas egualmente de prata, todas ellas ornadas de scenas originaes que se completam, reproduzindo as varias phases da visão do Menino Deus.

Ficou, pois, reservada a uma obra no Brasil a idéa original de gravar em prata os momentos principaes da celebre apparição de Jesus que tem inspirado a tantos artistas.

A matriz de Nossa Senhora do Pilar não é a unica que soube glorificar o Thaumaturgo. Com o seu altar de S. Antonio tem bastantes analogias o de outra egreja de Ouro Preto, vendo-se nas columnas riquissimos ornamentos e figuras de anjos.

A egreja de Santo Antonio Além do Carmo.—Bahia.

Na admiravel egreja de S. Francisco d'Assis, de Ouro Preto, com obras estupendas, mormento do Aleijadinho, ha no tecto um medalhão com a figura de S. Antonio, que ahi apparece com uma nota original que ainda não lhe vimos em outra parte, pois tem um globo a seu lado, seja em lembrança de suas longas viagens apostolicas, seja em signal da universalidade da sua veneração.

A matriz de Estrella, no Rio Grande do Sul, consagrou o seu altar-mór a S. Antonio, escolhendo como assumpto a apparição do Menino Jesus. A reproducção do quadro faz ver o Santo na attitude mais humilde, tocando com a fronte pura os pésinhos do Menino Deus que acaba de se desprender dos braços de sua Mãe. O bello quadro é obra de Francisco Krombech, de Munich.

A portaria do convento franciscano de Petropolis é enriquecida com a linda obra d'um pintor allemão apparecendo a Virgem com seu divino Filho ao Santo puro e apostolico que outro amor não conhecia senão a seu Deus e Senhor.

Fachada e altar-mór da greja de Santo Antonio de Lisbôa, pertencente á Parochia de São Lourenço, Nictheroy.

A conversão dos hereges

Estavam desertas as ruas de Rimini. Toda a vida da cidade se concentrava n'um unico ponto: a Egreja, onde S. Antonio prégava. Os que não conseguiram entrar disputavam um logarzinho perto de qualquer das portas, d'onde percebiam, se não tudo, pelo menos uma ou outra, palavra do prégador e outros, mais afastados, não deixavam o seu logar para, pelo menos, verem passar depois o grande Santo.

Deviam ser 8 horas da noite. O Santo ainda continuava no pulpito.

N'um beco estreito, sob um lampeão de azeite, cuja fraca luz tremulava constantemente, tres homens, envoltos em longas capas escuras, conversavam a meia voz:

— Não vol-o disse eu? observava o mais alto, magro que nem uma vara, mas com olhos irrequietos e maus. — Toda a cidade correu a ouvil-o. Temos que desfazer a impressão d'aquelle maldito apparecimento dos peixes.

— Pois vamos negal-o systematicamente, respondeu o gorducho e baixo, que mal chegava á altura dos hombros do primeiro. — Acabarão por acreditar que se enganaram.

— Estás doido! — interrompeu o terceiro, de estatura média, homem agil e vivo. — A cidade em peso viu a coisa tão bem como nós. Não sabes que já falam em construir lá uma capella?

— Era o que faltava, respondeu o gordo. — Nós, catharos, é que teriamos que pagar a festa.

— Psiu! Psiu! — disse o vara de páu. E continuou baixinho: — Ha uma só solução: o frade... tem que desapparecer...

Recuaram, por um instante, os dois outros. Todavia, momentos depois, cochichando em voz quasi imperceptivel, tomaram uma resolução rapida, apertaram-se mutuamente as mãos e separaram-se, antes que na egreja terminasse o sermão.

Dois dias depois, foi S. Antonio convidado para almoçar em casa de um herege catharo. Como Jesus, elle acceitou a mesa dos peccadores, para chamal-os á salvação. A' sua direita sentou-se o conspirador alto; á esquerda o de estatura média e na sua frente o gordo, emquanto mais alguns catharos occupavam os outros logares. Estes ultimos convivas não sabiam nada da experiencia que, meia hora antes, o homem alto tinha feito, em presença dos dois outros conspiradores: acompanhado por um cão, levára-os para o seu quarto, cortára um pedaço de carne apparentemente appetitosa occultada n'um movel do quarto e atirára-o ao cão, que o engulíu. Minutos depois, o pobre animal se debatia em convulsões terriveis e, pouco mais tarde, seu dono o atirára, morto, pela janella...

O santo franciscano respondia animado ás perguntas que lhe faziam os vizinhos e demais convivas. Estava em meio o almoço, quando o dono da casa, cortando um naco de appetitoso assado, offereceu-o a Frei Antonio, não sem um certo olhar sinistro, que o franciscano não pôde notar. O homem gordo reparou bem que Frei Antonio não vira o sinistro olhar, e a sua excitação foi tanta que sentiu cahir-lhe o suor pelo rosto.

Tranquilamente, acceita Frei Antonio o pedaço de carne e com a maior naturalidade colloca o prato diante de si. O homem alto, porém, fiel á combinação, estende a mão para o prato como si se quizesse servir delle, mas deixa-o cahir desastradamente no chão, soltando uma exclamação de impaciencia.

— Foi o melhor que podia fazer — observa amavelmente S. Antonio — menos a palavra impaciente, que bem podia ter dispensado.

— Heim? — replicou o vara de páu, com uma onda de rubor na face — que quer dizer com isso o senhor Padre?

— Apenas que fez bem em evitar que outros se servissem desse prato.

— Heim?!... repetiu, com voz rouca, o dono da casa. — Não comprehendo o que quer dizer.

— Oh! é tão facil comprehender!... Esse prato... estava envenenado!...

Saltaram para cima dois convidados, olhando, com profunda pallidez, para o franciscano, que falava tão tranquillamente. — Envenenado!... o prato envenenado?... — repetiram gaguejando.

— Oh, o nosso hospede quer gracejar — interveio o conjurado vivo e agil. Mas, subito, emmudeceu ao ouvir o franciscano alludir, com voz tranquilla, á scena nos fundos da casa que ninguem podia ter observado:

— Pobre cachorro, atirado ao jardim!... que mal teria elle feito?

Fez-se um silencio completo na mesa. Grossas bagas de suor cahiam do rosto do conspirador, sentado em frente do Santo. Alguns dos convivas baixavam os olhos, emquanto outros, irrequietos, os fixavam ora em Antonio, ora no dono da casa.

— Deus os illumine e lhes dê a sua graça, meus amigos, continuou o hospede franciscano, — para que reconheçam a malicia desta tentativa, bem como o erro da sua heresia.

— Pois ouça, meu padre, respondeu com um pestanejar ironico o herege alto. Não affirma o evangelho: "si elles ingerirem algum veneno, nenhum mal lhes fará"? Em que está, então, o nosso peccado, si este prato não lhe causar mal algum?

O gordo admirou a desfaçatez e o sangue frio de seu conjurado, porém mal ousou fixar os olhos no franciscano, quando este replicou:

— A sua consciencia lhe dirá, meu irmão, si pretendeu verificar a palavra do S. Evangelho ou antes acabar com alguem que lhe parece nocivo ás suas heresias.

— Eu só posso dizer a V. Rev. o seguinte, em meu nome e no dos meus irmãos catharos, respondeu, com um olhar falso, o dono da casa. — Se V. Rev. comer d'esse prato e não sentir mal algum, promettemos crer no Evangelho e abraçar a sua fé; si não comer, receiando o perigo do veneno, então concluimos pela falsidade do Evangelho.

Sem dizer palavra, S. Antonio se levanta, faz lenta e respeitosamente o signal da Cruz sobre o prato, e enfia decididamente o garfo na carne envenenada.

Não chega a leval-o á bocca. O seu vizinho da esquerda, repentinamente arrependido, segura-lhe no braço:

— Não coma! E' veneno terrivel. O cão morreu em menos de cinco minutos.

— Covarde! — sibila a voz fanhosa do alto. — Deixa o frade mostrar-nos si o seu Evangelho vale um patacão ou si elle é mentiroso como os outros.

S. Antonio, tranquillo e calmo, ergue os seus lucidos olhos para o céu, levanta resolutamente o garfo á bocca e come, repetindo a dóse, duas e mais vezes.

O vizinho á esquerda não ousa olhar para o Santo. Esconde a face em ambas as mãos e aguarda a cada instante um baque de corpo.

Os outros, porém, têm fixos os olhos no franciscano. Não lhe perdem um movimento. Estudam-lhe as feições. Julgam vel-o empallidecer, tremer, baquear; mas é a sua phantasia terrivelmente excitada que os faz ver tudo isso. Não proferem uma palavra que seja. Mas quando passaram tres e quatro minutos immensamente longos começam a dilatar-se os olhos do dono da casa. E' elle, agora, que treme, como si sentisse um frio medonho. Tremem-lhe os joelhos, as pernas, as mãos, os braços. Tem que se agarrar á mesa, para não cahir. O suor, em grossas bagas, cae-lhe pelas faces lividas. Tem os olhos desvairados. Arqueja-lhe o peito. Um rouco estertor lhe sobe á garganta e, antes de o poderem impedir os convivas, cae desfallecido.

Morto? Morto por castigo! — é a idéa assustadora que, de chofre, se apodera de todos... Antonio curva-se sobre o homem, molha-lhe a fronte com um pouco de agua de seu copo, e elle volta lentamente a si. Fazem-n'o sentar-se. Não fala ainda. Fixa o olhar sobre o Santo, e só minutos depois, com um esforço que lhe sacode todo o corpo, balbucia roucamente:

— Vou abjurar... os meus erros, Frei Antonio... Ensine-me... a doutrina catholica!

— E a mim! E a mim! — resoou o côro todo.

A heresia dos catharos, em Rimini, recebera o seu golpe mortal.

A egreja de Santo Antonio da Barra — Bahia.

Affonso XIII

Affonso XIII, escreve um jornalista inglez, não tem nas veias uma gota de sangue hespanhol. E' com effeito descendente directo de Felippe V, duque de Anjou, neto de Luiz XIV. Felippe V, primeiro dos Bourbons de Espanha, desposou Maria Anna da Baviera; o seu successor, Carlos III, casou com Isabel Farnése; Carlos IV, filho e successor de Carlos III, casou com sua prima, Maria Luiza de Parma; reinaram depois successivamente Fernando VII, alliado a Maria Christina das Duas Sicilias; Isabel II, casada com um Bourbon; Affonso XII, que casou com Maria Christina da Austria; e finalmente Affonso XIII. Como se sabe a rainha Victoria de Espanha é ingleza de nascimento.

Não é, porém, o rei Gustavo V da Suecia descendente directo de Bernadotte, marechal de França? Não é o rei Carol da Rumania um Hohenzollern? O rei Haakon VII da Noruega, filho de Frederico VIII, rei da Dinamarca, nasceu em Charlottenlund, ao norte de Copenhague. A rainha Guilhermina da Hollanda é bisneta de Paulo I, imperador da Russia.

E' facto rarissimo esposar um soberano uma princeza nascida no paiz em que elle reine. A rainha de Italia é montenegrina; a da Belgica é de origem bavara; Alexandre da Servia desposou Maria da Rumania; o rei Carol da Rumania desposou Helena da Grecia. E se recordarmos as Rainhas de França, encontraremos Branca de Castella, Isabel de Aragão, Isabeau da Baviera, Catharina de Médicis, Maria de Médicis, Anna de Austria etc. etc.

A vocação de Emile de Girardin

A proposito do cincoentenario da morte de Emile de Girardin, recorda um jornal uma historieta famosa da sua adolescencia. Na edade de doze annos, disse elle um dia ao official reformado que lhe servia de tutor e perceptor:

— Queria umas esporas.

— Umas esporas! Para que?

— Para fazer barulho.

Tal era, naquella edade, a ambição de Emile de Girardin. E realmente toda a sua vida elle "fez barulho". Grão-mestre do jornalismo, publicista militante por excellencia e, além disso, homem de negocios e incorrigivel utopista, Emile de Girardin morreu em Paris a 29 de Abril de 1881, depois de haver, durante mais de meio seculo, luctado com a penna na mão.

Creou numerosos jornaes, que cedeu uma vez bem lançados, para assumir a direcção de novas folhas. Foi o creador em França da imprensa popular, a baixo preço. As suas polemicas, sempre violentas, valeram-lhe innumeros inimigos, mas o publico era irresistivelmente seduzido pela feição surprehendente e ardorosa de seu estylo.

Emile de Girardin teve numerosos duellos, o mais celebre dos quaes custou a vida a Armand Carrel. Foi este, aliás, o seu ultimo encontro pelas armas; e, ao recordar o desfecho, dizia o polemista que "aquella cova se abrira tambem no seu coração".

Qual a opinião politica de Emile de Girardin? Elle se dizia "conservador constantemente progressista, progressista constantemente conservador, pertencendo á monarchia pelos meus gostos e as minhas relações, ligado á Republica pelas minhas idéas e os meus estudos..."

Emile de Girardin foi o primeiro espectador que em 1870, na Opera, reclamou a Marselheza, ao ser annunciada a declaração de guerra.

Hymno a Santo Antonio

Se queres milagres,
Implora confiante
De Antonio o favor;
Seu braço é tão forte
Que do erro e da morte
Destroe o furor.

Os mares acalma,
A dor allivia,
Desata a prisão;
Depara o perdido,
Attende ao pedido
Do moço e do ancião.

Afasta os perigos,
Dissipa as miserias
E males humanos;
Seus dons nos apontem,
Seus mimos nos contem
Os bons Paduanos.

Os mares acalma,
A dor allivia,
Desata a prisão;
Depara o perdido,
Attende ao pedido
Do moço e do ancião.

Ao Padre e ao Filho,
E ao Spirito Santo
Deus, unico bem,
Amor, honra e gloria,
Pôr todos os sec'los
Dos sec'los. Amen.

Os mares acalma,
A dor allivia,
Desata a prisão;
Depara o perdido,
Attende ao pedido
Do moço e do ancião.

AMELIA RODRIGUES

Aspecto externo e interior da capella de Santo Antonio da Covanca, em Neves (Nictheroy), pertencente á Parochia de São Sebastião do Barreto.

Egreja de Santo Antonio dos Pobres, nesta capital, á rua dos Invalidos, esquina da rua do Senado.

Exposição Antoniana

por Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

A Morte de Santo Antonio. Quadro da sacristia do Convento do mesmo Santo, no Rio de Janeiro.

O facto de as mais altas autoridades se terem collocado á frente das commissões preparatorias do 7.º Centenario da morte de S. Antonio diz de sobra da immensa e incomparavel popularidade do grande Thaumaturgo. O presidente da Republica portugueza e S. Em. o cardeal-patriarcha de Lisbôa, de commum accordo com o rei da Italia e a inconfundivel figura de Mussolini, estão dando brilho excepcional ás commemorações do Centenario nos respectivos paizes de origem e de obito do Santo.

No Brasil, o echo das festas é desusadamente forte, não havendo orgão de imprensa de certa importancia que não lhes dedique longas columnas ou numeros especiaes. Por extraordinarias que sejam, porém, as commemorações de Junho, que iniciarão o Centenario, ha um ponto do programma que despertou particular interesse e applausos francos dos mais vastos circulos: a Exposição Antoniana, marcada para fins de Setembro, a realizar-se em logar de honra no tradicional convento de S. Antonio, da Capital Federal.

Antigo lavatorio da sacristia do Convento de Santo Antonio. Obra portugueza de marmore, de finissimo lavor artistico. Através das grades de ferro batido vê-se o nosso erudito collaborador, Frei Pedro Sinzig.

Receiavam a principio os amigos da idéa que seria impossivel reunir objectos de arte, dentro do culto a Santo Antonio, em numero sufficiente e na variedade indispensavel, duvida esta que já de ha muito está dissipada de vez. Surgiu mesmo a preoccupação do logar disponivel, pois póde muito bem ser que a extensa sala da portaria do Convento seja incapaz de alojar todos os numeros da Exposição, tanto mais quanto varios paizes europeus reclamam a honra de uma pequena secção propria para expôrem, principalmente em ampliações photographicas, o que teem de mais importante no culto ao Santo portuguez.

Avultarão entre as obras originaes: uma tela espanhola, da propriedade de Laubisch & Hirth, da Capital Federal; um antiquissimo quadro a oleo do convento de Santo Antonio; outro moderno, allemão, do convento franciscano de Petropolis; 19 estatuetas em marfim, do colleccionador J. L. de Souza Lima; várias imagens do Santo, em madeira e barro; objectos de prata cinzelada; reliquias historicas, como o rico bastão doado para a imagem do Santo no seu convento da Capital Federal, e um bom numero de objectos de arte antoniana de propriedade particular, muito mais frequentes do que em geral se suppõe.

Frei Pedro Sinzig

Uma das maiores cerebrações franciscanas; autor de innumeras obras sobre todos os conhecimentos humanos e a maior autoridade sobre Santo Antonio, no Brasil, cuja vida escreveu com rara perfeição no seu livro preciosissimo: *O Thaumaturgo Santo Antonio.*

Constituirão outra atracção os dispositivos de obras particularmente interessantes, que, bem illuminados e apresentados artisticamente, permittirão conhecer melhor todas as particularidades. Já se prepararam, por exemplo, os dispositivos duma encantadora obra de arte popular, uma "Casa do Santo", com innumeras minucias a modo dos presepios, ostentando, além do Santo portuguez, seu irmão de habito, S. Benedicto; provém da Bahia, pertencendo á collecção do sr. A. Catharino, que tambem possue avultado numero de placas de prata, com o relevo do Santo.

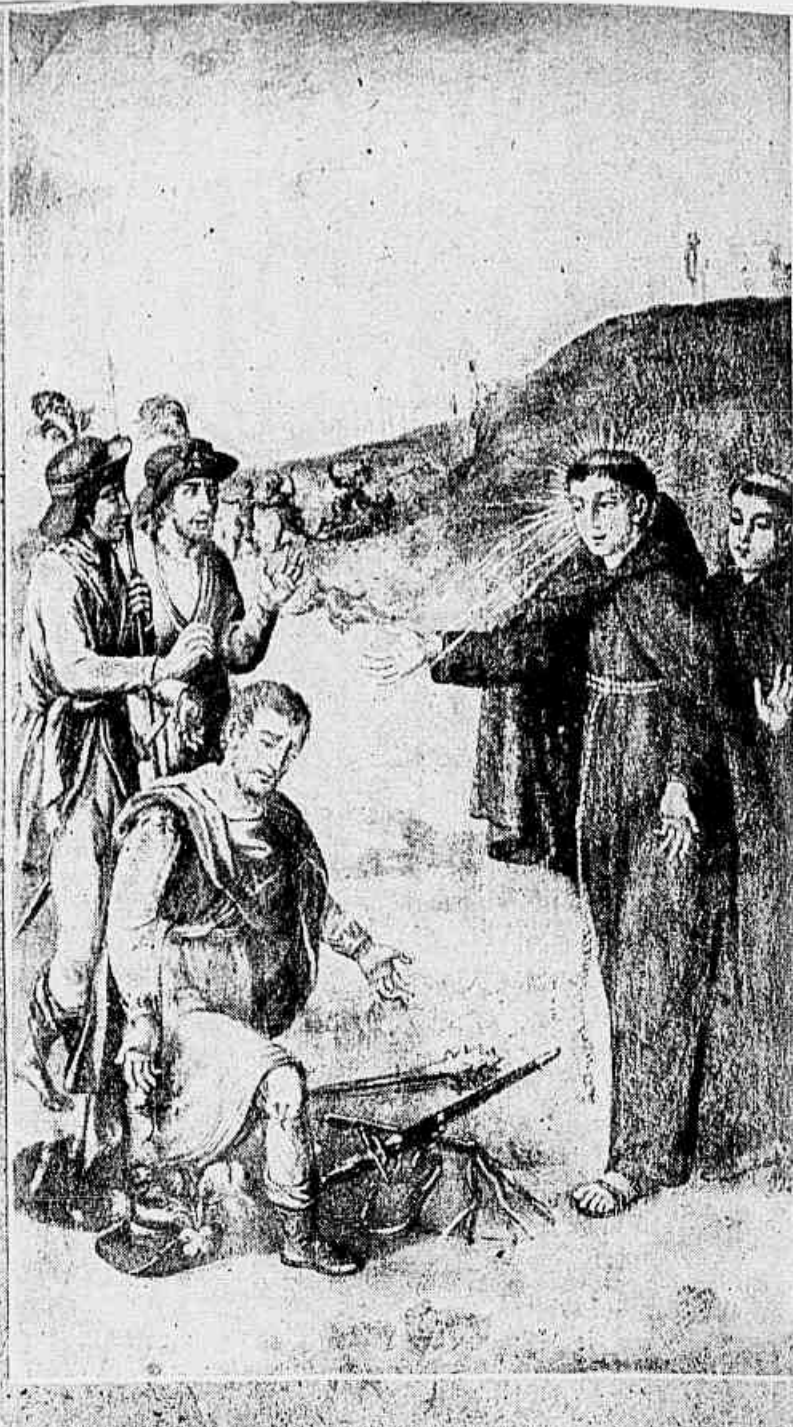
Não despertarão interesse menor as photographias e as ampliações de celebres quadros de azulejos de conventos antonianos, como ainda existem em Recife e Iguarassú (Pernambuco) e na Villa de S. Francisco (Bahia), para não falar dos poucos que ainda se salvaram, nos decennios de abandono, no convento do Santo no Rio.

A nossa valente pleiade de artistas actuaes não se contentará em admirar o que foi creado por seus predecessores, tanto que alguns já estão preparando uma ou mais obras originaes para a dita Exposição. Assim: Nicolina Vaz Pinto do Couto (fonte antoniana), Noebauer (retrato), Carlos Oswald, Oswaldo Teixeira, H. Graf e outros.

A secção de literatura, sem pretender ser de alguma maneira completa (o que tornaria necessaria uma bibliotheca inteira), sempre dará uma idéa de quanto a figura do Santo preoccupou os espiritos e quão grande foi, no correr dos seculos, e ainda é, a sua influencia no mundo culto.

Não deverá faltar alguma referencia aos postos militares concedidos a S. Antonio, como amplamente referiram Mello Moraes, Cunha Mattos, Furtado de Mendonça e Vieira Fazenda, tendo sido declarado o Santo praça do Regimento de Lagos, do exercito portuguez, e promovido a Tenente, depois da batalha contra o reducto de Palmares, Repellida a invasão do Rio, tentada por Duclerc, Santo Antonio, na mesma data, 18 de Setembro de 1710, foi nomeado Capitão, mandando a Carta Regia de 21 de Março de 1711 que "a importancia dos soldos se applicasse em sua festa e ornato de sua capella" pelo que foi entregue, ininterruptamente, até ao governo do marechal Hermes da Fonseca, ao convento de S. Antonio da Capital Federal.

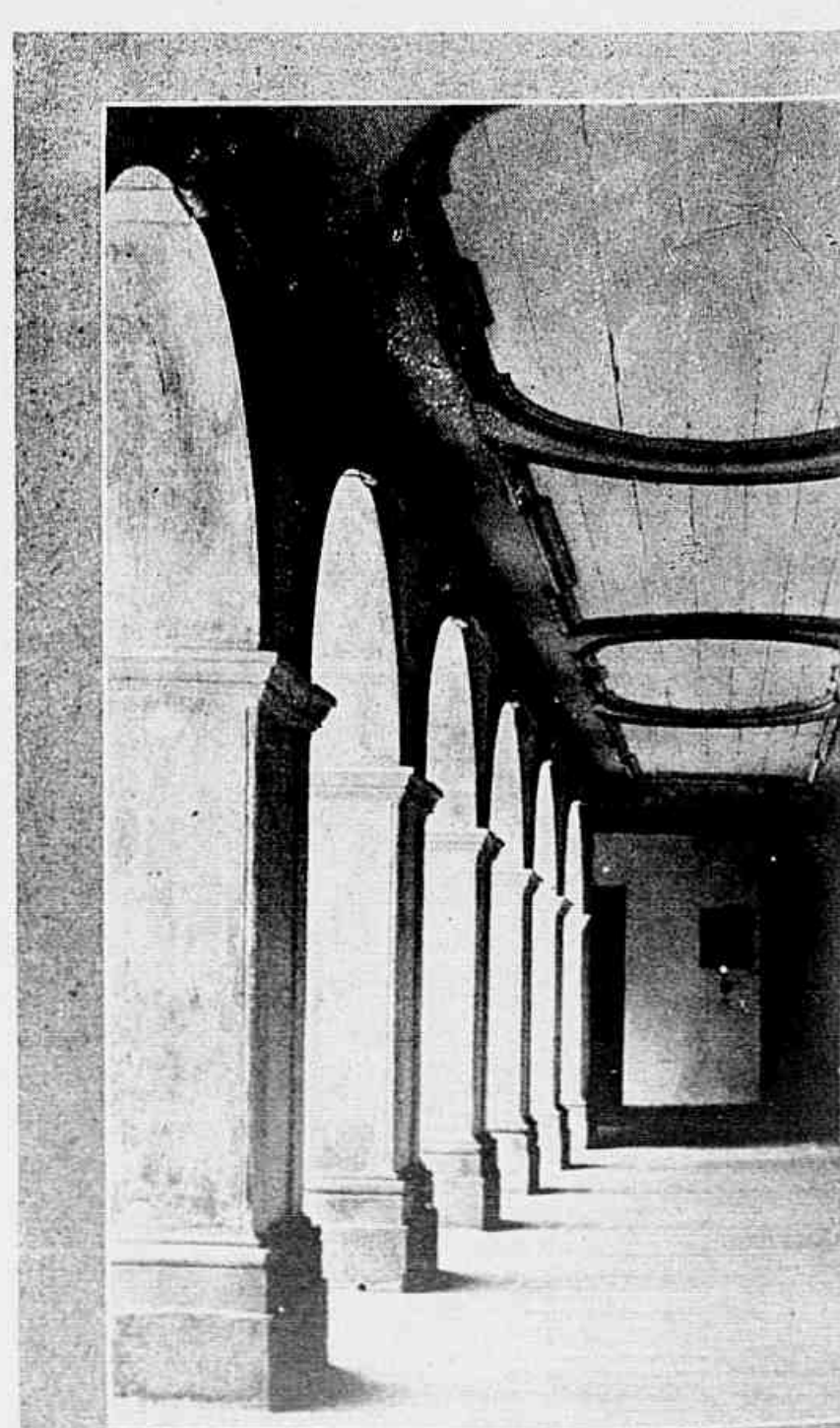
Em 14 de Julho de 1810, o Principe Regente, no Brasil, o promoveu a "Sargento-Mór de Infantaria desta Capitania", ordenando que "pela Thesouraria se lhe fique pagando o competente soldo". Por decreto de Dom João VI, datado de 26 de Junho de 1814, o Santo obteve o posto militar de Tenente-Coronel.

As palavras supra citadas da Carta Regia de 2/III/1711, longe de terem que ser interpretadas como subvenção dum culto religioso, apenas indicam que se trata da homenagem a um militar, de posto elevado, e dum preito de gratidão por serviços reaes, homenagem e gratidão que não devem ser prejudicadas por ser este militar um Santo.

O Thaumaturgo convertendo o rico impostor. Quadro existente no Convento de Santo Antonio nesta capital.

De mais a mais, nada impede que, no restabelecimento do pagamento do soldo por uma patente nunca negada ou disputada, o Governo defina a applicação desta importancia, mais de conformidade talvez com o modo de ver de hoje e a pratica já estabelecida: no soccorro dos pobres que, ás centenas, affluem ao convento de S. Antonio, e ás centenas costumam ser soccorridos, na medida do possivel.

O facto de S. Antonio não constituir pessoa viva deste mundo, tão pouco póde ser allegado (como não o foi durante dois seculos) para negar-lhe o soldo por uma patente legitima, porque desde o principio a sua familia religiosa, isto é o respectivo Convento, foi considerada sua legitima representante.

Já se vê que a Exposição Antoniana vem continuar uma tradição gloriosa, patenteando quanto o Thaumaturgo Santo Antonio foi e é querido em todo o paiz.

Um dos corredores do claustro, no Convento de Santo Antonio.

Na tradição carióca
« Naquelles tempos ditosos" de Casimiro de Abreu, as moças sentiam carrilhões de esperanças na alma...
e punham a imagem do Santo no fundo do pôço, com cuidado, de cabeça para baixo. Sonhavam depois com a imagem do futuro...
Casavam-se nesse mesmo anno, eram felizes e tinham muitos filhos. Como os tempos mudam!
RAUL

A singularidade e a variedade dão sal á vida. Não lhes escapa siquér o calendario catholico, a memorar seres de singularidade sobre variedade.

No mez de Junho a Igreja, no calendario da fé, collocou tres santos cuja existencia e cujos grandes feitos são de singularidade e variedade bem opposta: S. João Baptista, S. Pedro e Santo Antonio.

Aqui estão enumerados em obediencia ás severidades da chronologia, o registro civil da Historia: perpetúa o nascimento e o obito de tudo quanto o destino vae fazendo passar sobre a terra, palco dos palcos.

O calendario catholico, porém, não se adstringiu ao respeito da chronologia. Mandou o mais moço preceder os mais velhos, dando primeiro homenagem a Santo Antonio antes de prestada a S. João e a S. Pedro.

Santo Antonio, uma das grandes glorias da ordem franciscana, em toda a luz, vio a do mundo em Portugal, n'essa Lisbôa onde os saloios são espertos talvez por se haver pretendido a cidade fundada por Ulysses, o grego rei de Ithaca e da astucia.

Nascido em 1195, Fernando de Bulhões, depois Santo Antonio de Lisbôa, morrería em Padua, em 1231, ahi Santo Antonio de Padua, após pouco mais de trinta annos de vida á qual para realce nem faltaram prodigios.

Santo Antonio, o Martello dos Hereges, morreu no leito, *de sa belle mort* como dizem os francezes, procurando com adjectivo gracioso mitigar a terribilidade da hora extrema.

S. João Baptista, o Precursor, desapparecido um anno antes da Paixão de Christo, pereceu á violenta, mandado decapitar pelo sensual Herodes rendido aos meneios de Salomé dansatriz. A esta deu a lenda fim tragico e vingador. Dansava um dia Salomé, em cima do gelo, de subito rompido para fechar-se sobre a impudica, decapitando-a.

S. Pedro, o primeiro papa, e simples pescador que deslocou o centro religioso do mundo, transferindo-o de Jerusalem para Roma, como João Baptista soffreu morte violenta.

A Pedro, o novo Moysés, guia de novo Israel, seria dado por companheiro inseparavel o phariseu convertido Paulo de Tarso, elle e S. Pedro as duas testemunhas da divindade de Christo.

Todos os tres santos magnos, Antonio João e Pedro, são de memoria indelevel no Brasil para o qual, desde a alvorada do Descobrimento, Portugal trouxe a fé catholica.

Numerosos são os logares brasileiros aos quaes se associa o nome de Santo Antonio, de constante lembrança na corographia patria por qualquer dos nossos Estados, dos maiores aos menores.

Ilhas, morros, serras, rios, ribeirões, corregos, lagôas, cachoeiras, lagos, bancos de areia, cidades, villas, povoações, tudo lembra ao Brasil o nome de Santo Antonio.

O nome de S. Paulo ultrapassa o de Santo Antonio na corographia patria. Deram aquelle ao Estado paulista aquelles jesuitas que na missão de Piratinga, a 25 de Janeiro de 1554, celebraram missa em honra do convertido no caminho de Damasco.

S. Pedro, como S. Paulo, socios no martyrio, deu nome, embóra menos conhecido, a Estado nosso, S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Assim entranhados na vida nacional, Santo Antonio, S. João Baptista e S. Pedro, não admira sejam tão populares. O *sejam* do periodo anterior poderia com vantagem ser substituido por um *fossem*.

Ainda agora, nas classicas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro o céu carioca, no frio e na pureza do céu de Junho, apparece cheio de balões, com desrespeito de posturas municipaes infensas á pyrotechnia.

Comtudo os festejos aos tres santos de Junho são, pelo menos aqui no Rio de Janeiro, pallidos ao lado das suas luzes de outr'ora.

Para lhes dar a antiga animação falta factor principal, o dinheiro, e vae faltando outro, a vida de familia. Alegrias com o bolso murcho cousa rara. A vida de familia é hoje solicitada por uma porção de diversões externas, que quasi supprimem a sala de jantar, quanto mais a de visitas.

O mez de Junho era de prosperidade para os fogueteiros de outr'ora, procurados nas vesperas de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, e cada qual enchendo as columnas do fim dos jornaes com os reclamos dos productos de sua fabricação.

Tudo isso desappareceu: hoje quem quizer fogos tem de atravessar a bahia e ir compral-os de outra banda, n'esse Nitheroy todo vida, mais Rio de Janeiro suburbano que capital de provincia e de Estado.

Não só os fogueteiros de outr'ora lucravam com o desejo de festejar a trindade santa de Junho. Com menos bulha auferiam lucros os livreiros, a começar pelo Garnier em acachapada loja da rua do Ouvidor.

Os livreiros da cidade convocavam poetas menospreziveis e davam-lhes a incumbencia de rimar versos para os livros de sórte. Quando lhes faltava a incumbencia dos livreiros outra recebiam os pobres poetas, sem sórte e sem éstro: a de arranjar quadrinhas para balas de estalo, d'ellas avidas as crianças, freguezas eternas da gulodice e do ruido.

O livro de sórtes explorava o ridiculo ou o amor. Tal o fundo commum de taes livros, fosse "A Roda do Destino" ou "Os Segredos do Futuro".

Nas familias havia sempre gente noiva ou para o ser. O namoro, já de caminho para os proclamas ou ainda á violeta, encontrava no livro de sórtes desafogo ou supplicio, proclamado o idyllio publico ou denunciado o particular pelas quadrinhas do livro de sórtes.

Ao velho Rio de Janeiro, em Junho de cada anno, não faltavam festejos dos tres santos populares.

Santo Antonio era o Santo das moças, S. João de todos, S. Pedro especialmente de pescadores. Como Santo Antonio sempre teve fama de poderosa intercessão para obter isso que com a mortalha no céo se talha, o casamento, a elle, o franciscano morto ainda com forças de juventude, não faltava prece virginal da disposta a perder direito ao adjectivo.

Mas se acaso a petição de amor não lograva deferimento, ai de Santo Antonio, de imagens descidas até a fundo de poços para castigo. Tanto póde o despeito humano. Pelo contrario, se o requerimento de amor recebia em favor da requerente um "como parece", que prazer, que homenagens ao intercessor, sobretudo na noite do seu dia.

As chacaras no Rio de Janeiro eram o melhor scenario das festas nocturnas de Junho em honra de Santo Antonio, S. João e S. Pedro. Não lhes faltava espaço para enormes fogueiras dentro das quaes deviam ser assadas as batatas, os carás, os aipins e sobre as quaes era proeza saltar com maior ou menor elasticidade de pernas.

As brazas das fogueiras, para o povo, tornavam-se bentas e asseguravam um anno de vida a quem as recolhesse.

Ao Rio de Janeiro jamais faltaram praias; entretanto nelle nunca se realizou o chamado banho de S. João, tão de uso em certas provincias.

O santo era conduzido á beira de cursos d'agua nos quaes devia ser immerso. As aguas se tornavam milagrosas para quantos nellas se banhassem, antes porém do levantar do sól. A superstição gosta do rotulo do milagre.

Protheu legou prestigio á superstição. Não era ella quem dava ás moças ouvidos para que na noite de S. João o primeiro nome de homem pronunciado fosse o de futuro desposador?

Não era ainda por ordem da superstição que se deitava bacia cheia d'agua ao Sereno, agua na qual era mistér mirarse antes do despertar do sól? Quem não lograsse vêr a sombra não alcançaria vida no vindouro Junho.

Noite de S. Antonio, noite de S. Antonio, quanto foste outr'ora Brasil por esta nossa grande terra, ao crepitar de tuas fogueiras dentro das quaes as cannas estouravam e as espigas de milho, mais silenciosas, iam sendo cozinhadas a fogo lento para ultima de dentes no prato de melado!

No Rio de Janeiro as festas populares do mez de Junho não ultrapassavam triduo. Nas roças, nas fazendas, nos engenhos, prolongavam-se por dias e dias.

Não se limitavam no Rio de Janeiro as festas em louvor de Santo Antonio, S. João e S. Pedro á vastidão suburbana onde Deus era grande e o matto maior, consoante dicto popular applicavel a momentos de perigo.

Tempo houve, e não muito remoto, no qual qualquer das noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro era festejada com fogueira e assar de batatas no perimetro urbano carioca. Referia-nos alguem, não idoso, que na infancia se divertira em pular fogueira no becco do Carmo, estreita via publica nas proximidades da actual praça Quinze de Novembro.

Impossivel é negar o caracter eminentemente popular dos festejos a Santo Antonio. A este attribue o povo o dom de fazer achar as coisas perdidas, excepto talvez a vergonha. Tambem muitas vezes aquelle mesmo povo se vale dos santos para desculpar-se. Assim inscio do Evangelho, elle quér vêr para crêr como S. Thomé.

Que o povo tem trato com a Escriptura Sagrada, mesmo sem lêl-a, provam-o as suas expressões correntes "levar a cruz", por soffrer, "andar de Herodes para Pilatos" e outras empregadas por ignaros, entre os quaes numerosos devotos de Santo Antonio, de mistura com gente de escól.

Nas suas necessidades apegam-se todos ao santo luso-italiano, bem conhecida em sua honra a instituição do pão dos pobres ou Pão de Santo Antonio, que a tantos sacia fome de estomago na sêde christã de bem fazer.

Riem-se os incredulos tendo por infelizes os credulos. Muito incréo brada ao céo nos seus apuros justificando o dito do seculo XVIII: quando o corsario promette cêra, por mal anda o galeão.

Escragnolle Doria

M. von Feuerstein: "Santo Antonio prégando aos peixes".

Santo Antonio

O Convento de Santo Antonio

MAIS e mais, o Convento de Sant'Antonio, da Capital Federal, está attrahindo as attenções. O movimento religioso de sua egreja, consagrada ao Thaumaturgo Sant'Antonio, tomou taes proporções que, nas terças-feiras do anno, em particular nas primeiras do mez, a egreja é pequena para abrigar a massa dos visitantes, como pequeno é o numero dos religiosos franciscanos para attenderem á avalanche dos que nesta egreja tradicional querem confessar-se e commungar.

Em outros dias do mez, este movimento não é inferior, embora não seja constituido pelos mesmos elementos que, de preferencia, são os da sociedade: affluem, em dias marcados, os pobres para receberem da "Pia União de S. Antonio", dirigida pelos religiosos, pão e outros alimentos e objectos de primeira necessidade.

Ainda ha uma terceira classe de interessados no dito Convento, aos quaes pertencem innumeros que abstráem da Religião, mas vêem no dito convento, com razão, um dos nossos poucos mas melhores monumentos historicos, de tradições gloriosas — uma casa indissoluvelmente ligada a nomes celebres da nossa historia.

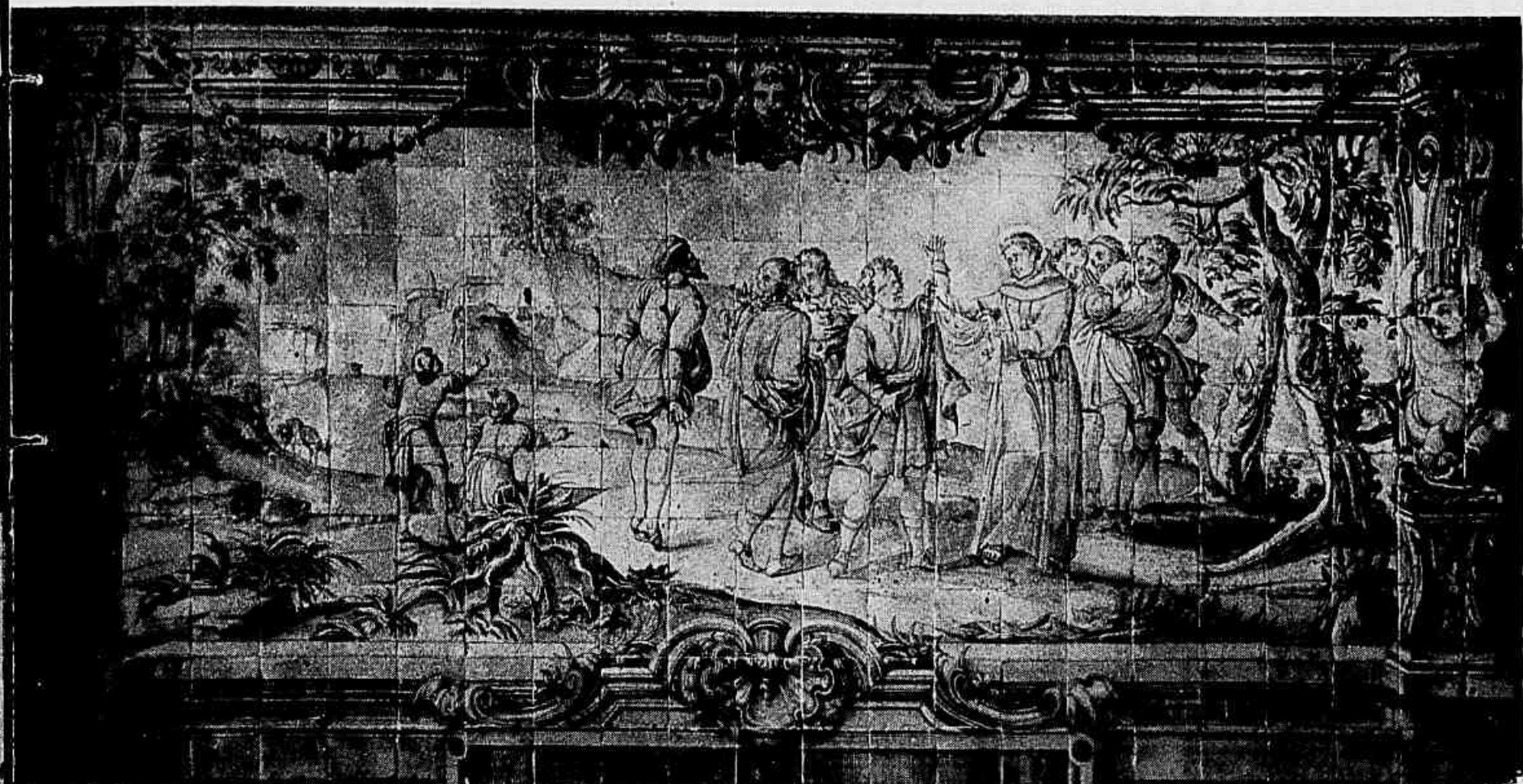
Entrada do Convento e da Egreja de Santo Antonio (Rio de Janeiro).

Um dos corredores do claustro, com lapides de tumulos, capella á direita, e a imagem de Christo Crucificado, ao fundo.

E' assim que — para citar um só exemplo — por deliberação do dr. João Barbosa Rodrigues Junior, d. presidente da Sociedade Brasileira de Botanica, foi designada uma Commissão de scientistas e homens de valor, para representar a dita sociedade em todas as homenagens a serem prestadas ao 7.º Centenario da Morte de Santo Antonio, já que no Convento deste Santo, no Rio, professou e viveu o insigne botanico Frei José Mariano da Conceição Velloso e o habil artista pintorFrei Francisco Solano, illustrador da "Flora Fluminense" (da autoria de Velloso).

O historico convento, que de facto estava em ruinas, tem sofrido reformas que abrangem já 2/3 de todo o predio e que continuam na medida de apparecerem os meios indispensaveis aos religiosos que, não podendo ter receitas certas, vivem do que lhes traz o dia. São tão importantes estas obras de reforma e respeitosa conservação de reliquias historicas que mesmo os defensores do arrazamento do Morro de Sant'Antonio, que ainda não se sujeitaram ás razões dos que preferem, com meios muito mais economicos e effeito melhor, o perfuramento por tunnel de ligação, querem a todo transe que se respeite, em qualquer hypothese, a área do Convento, suas dependencias e jardim e o sumptuoso templo de S. Francisco da Penitencia, uma das joias mais admiradas desta capital.

Reproduzimos hoje do Convento de Sant'Antonio algumas visitas pouco ou nada conhecidas, como a capella de Nosso Senhor Crucificado, reaberta ha poucos dias e, portanto, ainda não conhecida

Capella-mór da Egreja com a imagem milagrosa de Santo Antonio, do seculo XVII.

Castigo de um incredulo que fingia de cégo, para zombar do Santo.

Christo, hoje novamente tão popular e venerado; — entre os segundos: Frei José Mariano da Conceição Velloso, autor da "Flora Fluminense"; Frei Francisco Solano, artista pintor; Frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho ("talvez o mais sabio religioso da Provincia"); Frei Francisco de São Carlos, autor do primoroso poema "Assumpção; Frei Francisco de S. Teresa de Jesus Sampaio, orador afamado e popular; Frei Joaquim de Santa Leocadia, lente de Philosophia e Theologia; Frei Fernando Antonio de S. José, grande theologo; Frei João Capistrano, orador insigne; Frei Francisco de Conceição Valle; Frei Caetano da Natividade; o Irmão leigo Frei Manoel, habil entalhador; Frei Bernardo, medico notavel; Frei Apollinario da Conceição, historiador classico e erudito; autor da importante obra em 5 volumes "PEQUENOS NA TERRA E GRANDES NO CÉU"; Frei Miguel de Santa Maria Frias, eloquente orador; Frei Antonio do Lado de Christo, sabio orador régio; Frei Agostinho da Conceição, escriptor; Frei Fernando de Santo Antonio; — galeria de honra, da qual todo o Brasil conhece o prodigio da eloquencia que era Frei Francisco de Mont'Alverne, e outros já citados.

Oxalá esta casa religiosa, novamente em fóco por seus grandes e abençoados trabalhos, continue por todo o futuro na sua missão de beneficiar o Brasil em todos os terrenos da actividade humana.

FRANCISCO DE LINS

Vista do claustro e jardins, vendo-se o guardião do Convento.

Interior da egreja de Santo Antonio.

pelo publico. E' um canto de corredor que muito contribue para dispôr religiosamente quem anda pelo claustro.

Os dois lindos quadros de azulejos, existentes na sacristia, são quasi os unicos que restaram dos muitos que outr'ora ornamentavam as paredes do convento. Foi fatal para este a longa presença de um contingente do Exercito e o abandono da casa, cujos religiosos, antigamente numerosos e de nome ás vezes nacional, tinham sido reduzidos a um unico. Os azulejos da sacristia, representando scenas da vida de Santo Antonio, são explicados na bella monographia "O THAUMATURGO S. ANTONIO NA VIDA, NA LENDA E NA ARTE" de Frei Pedro Sinzig, e figuram honrosamente ao lado de 150 gravuras de arte antoniana, muitas das quaes de origem brasileira.

Quanto á pequena imagem de Santo Antonio em cima da entrada do convento, é a mesma á qual o governo de então attribuiu a salvação da cidade na invasão de Duclerc, e da qual se fala em outra pagina deste numero commemorativo.

"O convento de Santo Antonio — escreve em sua valiosa monographia Frei Diogo Freitas — deu muitos religiosos que se distinguiram tanto em virtudes como em letras e artes". Cita, entre os primeiros: o padre-mestre Frei Antonio dos Extremos, Frei Antonio de Sant'Anna Galvão e os Irmãos leigos Frei Diogo das Chagas, Frei João Baptista, Frei Antonio de S. Gregorio e Frei Fabiano de

Outro milagre de Santo Antonio — Quadro de azulejo na Sacristia.

Santo Antonio, o Apostolo da Verdade,

atravez da Carta Apostolica de S. S. o Papa Pio XI

S. S. Pio XI

S. S. Leão XIII

"Entre os homens preclarissimos, assim o Nosso antecessor Leão XIII, de f. m., na sua Carta, dirigida ao Cardeal Patriarcha de Lisbôa (3 de Maio de 1895), pelas virtudes e pelos santos emprehendimentos dos quaes derivou singular gloria para Portugal, com muita razão deve-se incluir com o maior louvor Santo Antonio chamado de Padua, por causa do logar onde santamente morreu. A fama de seus muitos milagres, tendo-se espalhado por todos os povos, contribuiu a augmentar lustre e decoro ao nome portuguez, e de modo especial á cidade de Lisbôa, que o teve por filho.

Nessa cidade, de facto, o nosso Santo nasceu, de nobre familia, e quer pela agudez do engenho, quer pela abundancia de patrimonio da familia, como pelo valor da nobreza entre os primeiros cidadãos, podia, desde os primeiros annos, prever e prelibar um luminoso porvir, tal de dar-lhe certeza de poder gozar todos os gostos que fornecem os prazeres e juntamente os esplendores de uma gloriosa e proficua carreira. Todavia, elle na flôr da mocidade, com sublime alegria de sua alma, abandonou todas essas coisas — isto é os bens paternos, os auspicios da grandeza humana, as lisonjas dos prazeres — e não só as abandonou, mas as sacudiu longe de si, generosamente, como pesadas cadeias, que paralysavam e impediam as suas ascensões para os ideaes celestes.

Portanto, em primeiro logar, pediu e obteve o humilde saio da Congregação dos Conegos Regulares de Santo Agostinho; e em seguida, ansioso de maior perfeição, abraçou com grandissimo amor a Ordem nascente do Seraphico Patriarcha de Assis. Neste genero de vida progrediu elle com tanta alacridade que pareceu alcançar em breve tempo o fastigio mais alto de todas as virtudes. E entre os dotes singulares da santidade, com que elle procurava por todos os meios e com toda a piedosa industria adornar a sua alma, brilha, antes de tudo, a flôr da castidade mais absoluta, pela qual era por todos considerado e admirado como um anjo revestido de carne humana.

Não se julgue, porém, que o Santo não sentisse as lisonjas e os attractivos dos prazeres e que não haja experimentado aquelles desregrados impulsos da alma e dos sentidos que, como todos sabem, pesam, como triste herança do peccado original, sobre todo o genero humano; antes, teve elle, como a historia nos relata, ainda na sua idade juvenil de lastimar em seus membros aquella lei funesta que se insurge contra a lei superior da alma, da qual, com tanta intensidade, se queixou o mesmo Apostolo das gentes. Todavia, elle se lhe oppôz com tanta fortaleza e com tanta diligencia que, reprimidos e calmados os movimentos impuros e desordenados da natureza decahida, poude conservar illibada a candida flôr da pudicicia. E quem poderia expressar com palavras aquelles supremos gozos que inundaram a alma do castíssimo joven, depois de obtida esta tão assignalada victoria? Não conseguiu sómente as celestes delicias, qual premio ambicionado por ter desprezado e domado as falacias dos sentidos, mas poude outrosim gozar das visões e das caricias suavissimas d'Aquelle que "se apascenta entre lirios". Narra-se, com effeito, que um dia, emquanto elle estava recolhido na sua cella, absorto na oração ou occupado no estudo e meditação das Sagradas Escripturas, de repente, uma luz fulgidissima inundou seu quarto e o Menino Deus, descido do Céu, appareceu-lhe sorrindo com doçura paradisiaca. Não lhe appareceu sómente; mas, aproximando-se delle, o abraçou com sua pequenina mão e trocou com elle as caricias e os beijos mais ardorosos.

E é por isto que, em memoria deste maravilhoso acontecimento, tambem em nossos dias as imagens do Santo de Padua representam á piedade dos fieis, em modo tão expressivo, o santo joven franciscano, no acto de sustentar com uma mão um branco lirio, symbolo da sua innocencia, e com a outra mão no acto de apertar ao seio o Divino Menino, em attitude de ternissimo affecto...

Desprezava elle as riquezas e tinha sua alma completamente dellas desapegada, seguindo os fulgidos exemplos do Patriarcha de Assis, que se uniu em mysticas nupcias com a pobreza evangelica.

Renunciou a quasi todas as commodidades da vida, e não sómente se desapegou com todas as forças destas coisas terrenas, mas renunciou tambem a si mesmo para poder mais expeditamente attender a Deus, a seu divino serviço. Soube unir á vigilante e cuidadosa mortificação dos sentidos a mais diligente fuga das occasiões e dos prazeres; e sobretudo, visto não ter confiança nenhuma em suas proprias forças, insistia noite e dia nas orações mais fervorosas, de sorte que, com toda a razão, póde-se dizer que a sua vida foi uma continua oração erguida para o throno de Deus.

Na verdade, elle bem sabia que nós temos continuamente necessidade do auxilio divino, visto como, conforme diz S. Paulo, "nós não somos capazes, por nós mesmos, de formular nem um bom pensamento, mas a nossa capacidade provém de Deus".

Como a terra, no caso que venha a ser privada de luz e calor, fica esqualida e improductiva, assim a alma dos mortaes, si por meio da oração não fôr illuminada e alimentada pela graça do Eterno Sol, não poderá resistir aos pravos impulsos dos prazeres, não poderá nutrir a fé e a caridade, não poderá, emfim, realizar aquellas ascensões para os ideaes mais fulgidos da santidade. Porém, embora o nosso santo, segundo a exhortação divina — "E' necessario orar sempre e não desfallecer" — nunca cessasse de effundir com a oração o seu amor para com Deus, comtudo, quando chegou a presentir a aproximação da morte, não desejou outra coisa, nada mais procurou sinão separar-se completamente dos homens e de todas as demais coisas transitorias deste mundo, afim de gozar da summa alegria de se achar em constante e familiar união com Deus.

Tumulo e altar de Santo Antonio na Basilica de Padua

Narra-se a este proposito que elle, achando-se num bosque silencioso e solitario, junto do eremiterio de Camposanpiero, e tendo ahi visto uma arvore basta e bem solida, expressou o desejo de que ali, entre aquelles ramos, fosse construida uma pequena cella suspensa, na qual pudesse passar o ultimo resto de sua vida na solidão e na bemaventurada contemplação.

Satisfeito neste seu desejo, subiu elle jubiloso ao pequeno ninho que lhe prepararam, no qual, por algum tempo, passou uma vida mais angelica que humana, contemplando em extase, ardendo de amor de Deus, prelibando a felicidade sempiterna.

Mas, embora o nosso Santo, conforme expuzemos até aqui, refulgisse pelos dotes das virtudes mais eminentes, a perola mais resplandecente na corôa luminosa de sua santidade foi, sem duvida, o zelo apostolico que o inflammava; entendemos dizer aquelle zelo apostolico que tem sua base segura na perfeição interior da alma e que della attinge e revela continuamente a propria força e actividade.

Elle, com effeito, desde os primeiros annos de sua vida religiosa, tendo chegado a seu conhecimento os gloriosos feitos dos protomartyres franciscanos — que tinham ido a Marrocos para levar áquelles povos barbaros a luz da civilização christã, e por isso haviam derramado ahi seu sangue pelo nome de Jesus Christo — e ardendo pelo desejo do apostolado e do martyrio, pediu insistentemente que tambem a elle fosse concedido o tomar parte naquellas expedições missionarias e poder com a sua obra e, si necessario fosse, com a effusão do sangue propagar e amplificar o Reino de Jesus Christo.

Porém, obtida a satisfação deste seu ardoroso desejo e arribado ás praias africanas, foi incontinenti atacado por insistente febre, por causa da qual, em vista da arruinada saude, foi obrigado a voltar á Patria. Mas o navio, que deveria ter dirigido o seu curso para Portugal, impellido por ventos contrarios alcançou o litoral da Italia, desta Italia que devia ser percorrida e illuminada por esse novo apostolo da caridade, por esse admiravel arauto da divina palavra, não sem predisposição da Divina Providencia. Aqui, de facto, em modo especial, começou a resplandecer o seu ardor e a sua actividade apostolica, aqui se desenvolveram os seus trabalhos de apostolado: como tambem em muitas provincias da França, visto como o nosso Santo, sem preferencia alguma de nacionalidades e de raças, a todos egualmente abraçava com o seu laborioso zelo, a saber: seus queridos portuguezes, africanos, italianos, francezes e quantos, emfim, sabia que fossem privados da luz da verdade catholica.

Contra os hereges, pois, isto é contra os Albigenses, os Catharos, os Patarinos, que naquelles tempos em toda a parte assolavam o ambiente, forcejando por extinguir nos corações dos fieis a luz da verdadeira fé, combateu elle tão corajosamente e com tanta felicidade que, com toda a razão, chegou a merecer o titulo de "martello dos hereges".

Porém, emquanto increpava, com aquella sua eloquencia vehemente e calorosa asperez a oratoria, os hereges de toda a especie e os depravados costumes, todavia, para com aquelles que, obcecados pelo erro, iam com ardor em busca da luz do Evangelho, para com aquelles que, fóra do recto caminho, procuravam angustiosamente a via da verdade, para com os "filhos prodigos", emfim, desejosos do perdão e do amplexo do Pae celeste, tinha elle entranhas paternaes de caridade".

A NOSSA CAPA

E' ao pincel magico de Murillo, o genial enamorado da côr e o maravilhoso interprete das figuras sagradas, que devemos o admiravel quadro existente no *Kaiser-Friedrich Museum* de Berlim e que, em fundo do de ouro, reproduzimos na capa d'este numero especial.

Torna-se desnecessario encarecer o valor dos quadros de Murillo consagrados a Santo Antonio e, em geral, inspirados na apparição do Menino Jesus.

Um delles foi roubado em 1874. William Schaw o comprou por 1800 dollares, cedendo-o graciosamente depois ao governo espanhol.

Conta-se dessa téla que o Duque de Wellington se offereceu para compral-a ao cabido cathedralicio sevilhano, pagando como preço tantas *onzas* de ouro quantas fossem necessarias para recobrirem a téla de Murillo, o que dava a conta de quatro milhões e setecentos e cincoenta mil *reales*, daquella época, ou sejam, mais ou menos, dois mil contos de réis.

E, diga-se em louvor dos sevilhanos: o cabido recusou a proposta...

Santo Antonio, official de Infantaria

por Affonso de Carvalho

Santo Antonio, capitão de Infantaria. (Desenho de Alberto Lima)

A'S expressões já consagradas para definir o popular Santo Antonio de Lisbôa — sal da terra e martello das heresias — pode-se accrescentar mais uma, na apparencia muito chocante com a doçura do lyrio de Padua, mas na verdade tão inoffensiva como uma distincção theologica: Santo Antonio, official de Infantaria...

O padroeiro de Lisbôa arroga-se honras militares. Chega ao Brasil como um pobre naufrago, atirado como foi ás pedras de Itapoan. Surgindo do mar revolto, devorador de caravellas, mal sabe o pobre Santo que a Bahia passará muito breve a render-lhe homenagens especiaes e o Rio de Janeiro ainda o ha de fazer um dos seus governadores e pedir protecção ao seu bastão miraculoso.

A sua praça é discutida. Querem uns que tenha sido em 1640, graças a D. João IV. Querem outros que se tenha verificado no Regimento de Lagos, no reinado de D. Affonso VI, successor d'aquelle Rei.

Mas, se a data de praça é discutivel, o que é incontestavel é a promoção de Santo Antonio a Capitão, em 12 de Setembro de 1683.

Pode-se affirmar, no emtanto, que é como capitão que o Santo inicia, effectivamente, a sua carreira militar.

E inicia bem. Segundo Vieira Fazenda, "Santo Antonio apparece em sonhos a Fernandes Vieira. Ordena-lhe que se erga do leito e marche sem demora em busca do inimigo, que Deus lhe assegurava a victoria. Cumprida a intimação, Vieira derrota os Hollandezes nos campos da Casa Forte.

Uma imagem do mesmo Santo, que se venerava na capella do engenho em frente ao qual se feriu o combate, e cuja imagem fôra mutilada pelo inimigo, verte sangue dos golpes que recebera".

Como se vê, o bravo capitão não se contenta com as glorias do commando. Quer ainda as honras dos ferimentos em combate...

Em que pése a sua acção decisiva na guerra hollandeza, Santo Antonio soffre um inexplicavel rebaixamento de posto. E de capitão, cuja gloria subiu ás nuvens, desce de improviso a soldado raso.

João de Souto Maior — é ainda Vieira Fazenda quem o diz — por portaria de 13 de Setembro de 1685 manda assentar praça a Santo Antonio, "afim de seguir para a Guerra dos Palmares e proteger as armas reaes na destruição do celebre *Quilombo*. Ao mesmo tempo expede ordens para que se pague ao syndico do convento de Olinda o soldo e a importancia do fardamento, que lhe compete".

A historia não conta os rasgos de heroismo praticados pelo Santo na Serra da Barriga, contra o famoso Zumby.

O certo, porém, é que o valente soldado se sae tão bem na lucta contra os negros que immediatamente readquire os tres galões e, desta vez, designado para servir no forte de Santo Antonio da Barra, na Bahia.

Mas é no Rio de Janeiro que o invencivel capitão tem o seu maior quinhão de gloria.

Na manhã do dia 17 de Agosto de 1710, a cidade acorda sobresaltada com um tiro. — Os francezes!

O povo alvoroça-se, no nervosismo do alarma, correndo para pontos do litoral, improvisando defesas, emquanto as familias fogem para os arrabaldes.

Vêem-se, ao largo, balouçando solennemente nas ondas, dez poderosos navios, usando abusivamente a bandeira ingleza.

A defesa da cidade impõe todavia respeito. Só de armamento e munição (vide *Relação das Munições, materiaes e mais petrechos que estão nos Armazens da Fazenda Real desta Cidade do Rio de Janeiro* — Archivo Nacional) existiam á disposição do governador Castro Alves 4.300 pederneiras; 100 cunhetes de balla miuda e de chumbo miudo com 295 arrobas e 13.000 granadas de ferro. A pretenciosa esquadra de Charles François Duclerc renuncia ao ataque. Faz-se de vela para o horizonte. A cidade respira, alliviada de uma grande desgraça. Já se julga livre de tamanho pesadelo, quando, no dia seguinte, novamente as velas de Duclerc branquejam enfunantes na barra, fazendo ranger a cordoalha. A esquadra está de canhões promptos para o combate.

Valha-nos Santo Antonio! exclama o povo desesperado. Mas, é bom não esquecer, o Padroeiro da cidade não é Santo Antonio e sim São Sebastião...

Faz-se, então, um accordo. São Sebastião fica incumbido da defesa por parte do mar e Santo Antonio da parte da terra.

S. Sebastião sáe-se admiravelmente. Santa Cruz acerta logo um tiro na capitanea e, aterrorizado, o almirante desiste de afrontar a barra e resolve um desembarque em Guaratiba. Chega, assim, a vez de Santo Antonio...

E o bravo capitão sáe-se, tambem, muito ás maravilhas.

A sua imagem é collocada na muralha do convento. Combate-se com verdadeiro desespero. Para animar o governador Castro Moraes, que se sentia acovardado na lucta, os frades arrancam de Santo Antonio o famoso bastão, offerta de Sebastião da Veiga Cabral, governador da Colonia do Sacramento e vão leval-o, como reliquia milagrosa, ao governador.

Castro Moraes contenta-se em tocar a cabeça com a vara maravilhosa. Devolve-a, mais animado, ao Santo.

Combate-se com vivo enthusiasmo.

— Valha-nos Santo Antonio!

Umas barricas de polvora explodem providencialmente... Os atacantes, tomando a explosão como senha já combinada, julgam-se victoriosos e avançam despreoccupadamente.

E logo a reacção, a chacina, a derrota completa, a rendição incondicional.

Santo Antonio tinha, de facto, valido á cidade...

E o povo passou a prostrar-se a seus pés, diante do salvador.

A fama dos seus feitos chega a Portugal.

El-Rey determina que "seus soldos se appliquem para a sua festa e ornato de sua capella, cujos soldos ham de ser os mesmos que se pagam a dinheiro aos mais capitães".

No anno seguinte, porém, surge a arrogante esquadra de Duguay-Trouin.

Como da vez de Duclerc, prevaleceu a divisão de funcções: S. Sebastião, responsavel pelo lado do mar; Santo Antonio, pelo lado de terra.

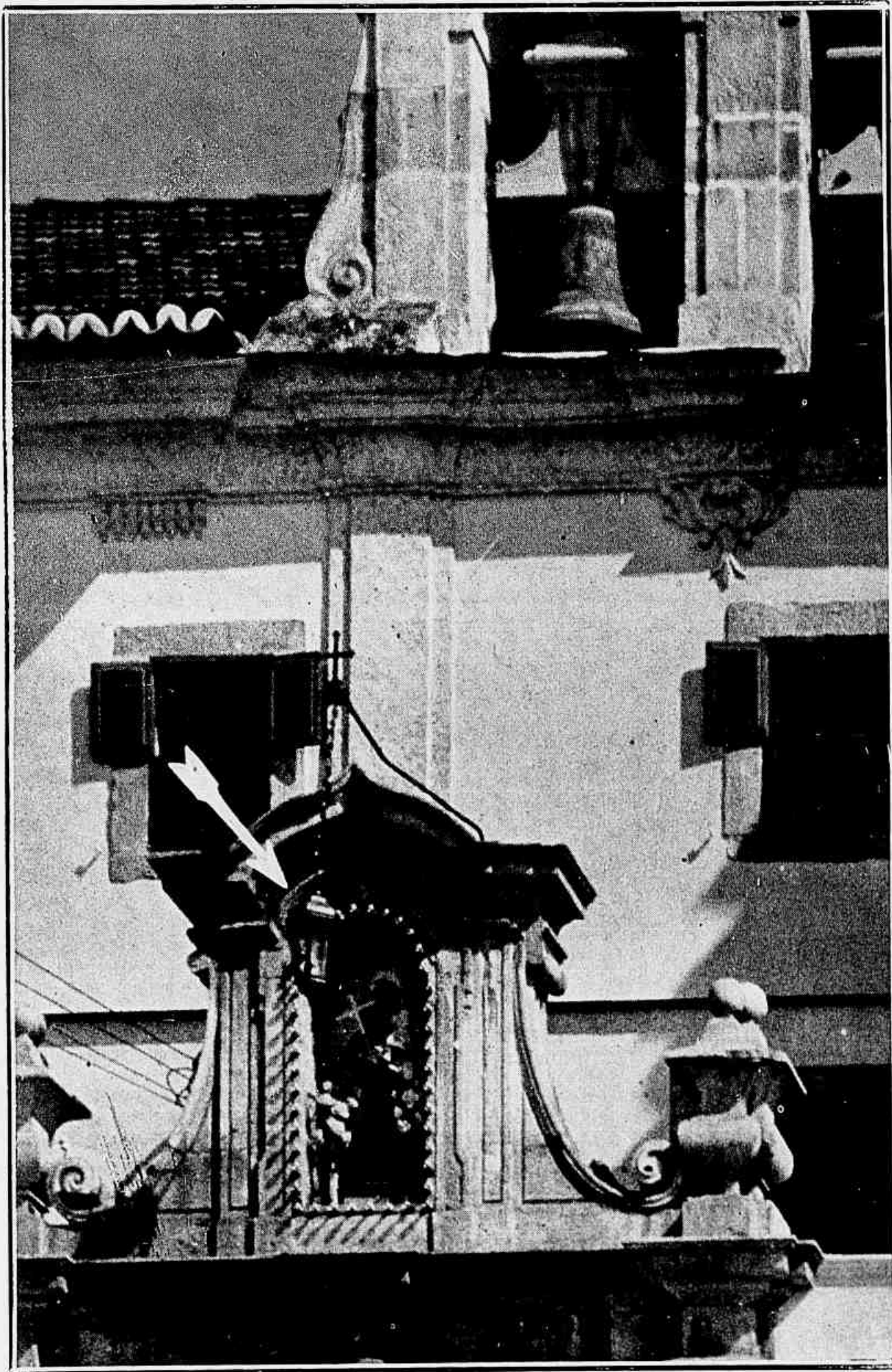
A esquadra do corsario insolente insinua-se pela nevoeiro e, quando o povo ainda a julga distante, vê todos os navios francezes fundeados em plena bahia! E é o desastre, a derrota, a maior vergonha do Brasil no seculo XVIII.

O povo foge com as estatuas do Santo. Quer culpal-o pelo fracasso. Mas é forçoso convir... o inimigo entrou pelo lado do mar.

— O culpado é S. Sebastião...

O prestigio de Santo Antonio mantem-se intangivel. De capitão passa a Tenente-Coronel, recebendo sempre o respectivo soldo.

Em 1897 "a requerimento do Convento de S. Francisco da Bahia, se mandou pagar o soldo da mesma patente — tenente-coronel — relativo ao mez de Dezembro". Assim aconteceu até 1904, data em que o marechal Dantas Barreto, ministro da Guerra, resolveu mandar suspender o pagamento do soldo "por falta de fundamento legal".

Desrespeitaram-lhe a patente! Pobre Santo Antonio! Negaram-lhe o valor militar, a elle, o guerreiro invicto da guerra hollandeza, dos Palamares e do ataque Duclerc; a elle soldado de raça, e que aos symbolos do lyrio e do livro — a pureza e a sabedoria — bem podia acrecentar a espada, symbolo da lucta. Não fosse elle descendente de Godofredo de Bouillon, o guerreiro "*sans peur et sans reproche*" em que se mirou Bayard!

Lampada existente no oratorio ao alto da entrada do Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, mandada accender em 1710, em acção de graças pela victoria conseguida contra os invasores francezes, de Duclerc. Até hoje se conserva accesa, isto é ha 221 annos que, sob o cuidado dos frades do Convento, vem illuminando a imagem do Padroeiro.

A fortaleza de Santa Cruz (estado actual) a cujos tiros certeiros, acertando logo na capitanea, se deve a defesa da cidade em 1710, quando do ataque de Duclerc, victoria que na época foi attribuida mais ao poder de Santo Antonio que á pontaria dos artilheiros...

Lisbôa, a cidade do berço

MUI NOBRE LEAL CIDADE DE LISBOA

O passeio de Santo Antonio

Sahira Santo Antonio do convento,
A dar o seu passeio costumado
E a decorar, num tom rezado e lento,
Um candido sermão sobre o peccado.

Andando, andando sempre, repetia
O divino sermão piedoso e brando,
E nem notou que a tarde esmorecia,
Que vinha a noite placida baixando.

E andando, andando, viu-se num outeiro,
Com arvores e casas espalhadas,
Que ficava distante do mosteiro
Uma légua das fartas, das puxadas.

Surprehendido por se ver tão longe
E fraco por haver andado tanto,
Sentou-se a descansar o bom do monge,
Com a resignação de quem é santo...

O luar, o luar clarissimo nasceu...
Num raio dessa linda claridade
O Menino Jesus baixou do céu,
Poz-se a brincar com o capuz do frade.

Perto, uma bica de agua murmurante
Juntava o seu murmurio ao dos pinhaes.
Os rouxinóes ouviam-se distante.
O luar, mais alto, illuminava mais.

De braço dado, para a fonte vinha
Um par de noivos todo satisfeito.
Ella trazia ao hombro a cantarinha,
Elle trazia... o coração no peito.

Sem suspeitarem de que alguem os visse
Trocaram beijos ao luar tranquillo.
O Menino, porém, ouviu e disse:
— Oh, frei Antonio, o que foi aquillo?

O santo, erguendo a manta de burel
Para tapar o noivo e a namorada,
Mentiu, numa voz doce como mel:
— Não sei que fosse. Eu cá não ouvi nada...

Uma risada limpida, sonora
Vibrou em notas de ouro no caminho.
— Ouviste, frei Antonio? Ouviste agora?
— Ouvi, Senhor, ouvi. E' um passarinho...

— Tu não estás com a cabeça bôa...
Um passarinho a cantar assim!
E o pobre Santo Antonio de Lisbôa
Calou-se, embaraçado; mas, por fim,

Córado como as vestes dos cardeaes,
Achou esta sahida redemptora:
— Se o Menino Jesus pergunta mais,
Queixo-me a sua Mãe, Nossa Senhora!

Voltando-lhe a carinha contra a luz
E contra aquelle amor sem casamento,
Pegou-lhe ao collo e accrescentou: — Jesus,
São horas...
E abalaram p'ra o convento.

AUGUSTO GIL

Aspecto varios de Lisbôa, a cidade natal de Santo Antonio. Vemos nas presentes gravuras alguns pittorescos panoramas da capital portugueza, obtidos de pontos dominantes, como o castello de S. Jorge e o zimborio da Estrella. Lisbôa apparece em toda a sua belleza, que sobremodo avulta neste momento com a evocação do nascimento, ha sete seculos, do seu maior Santo, de todos o que possue a maxima popularidade.

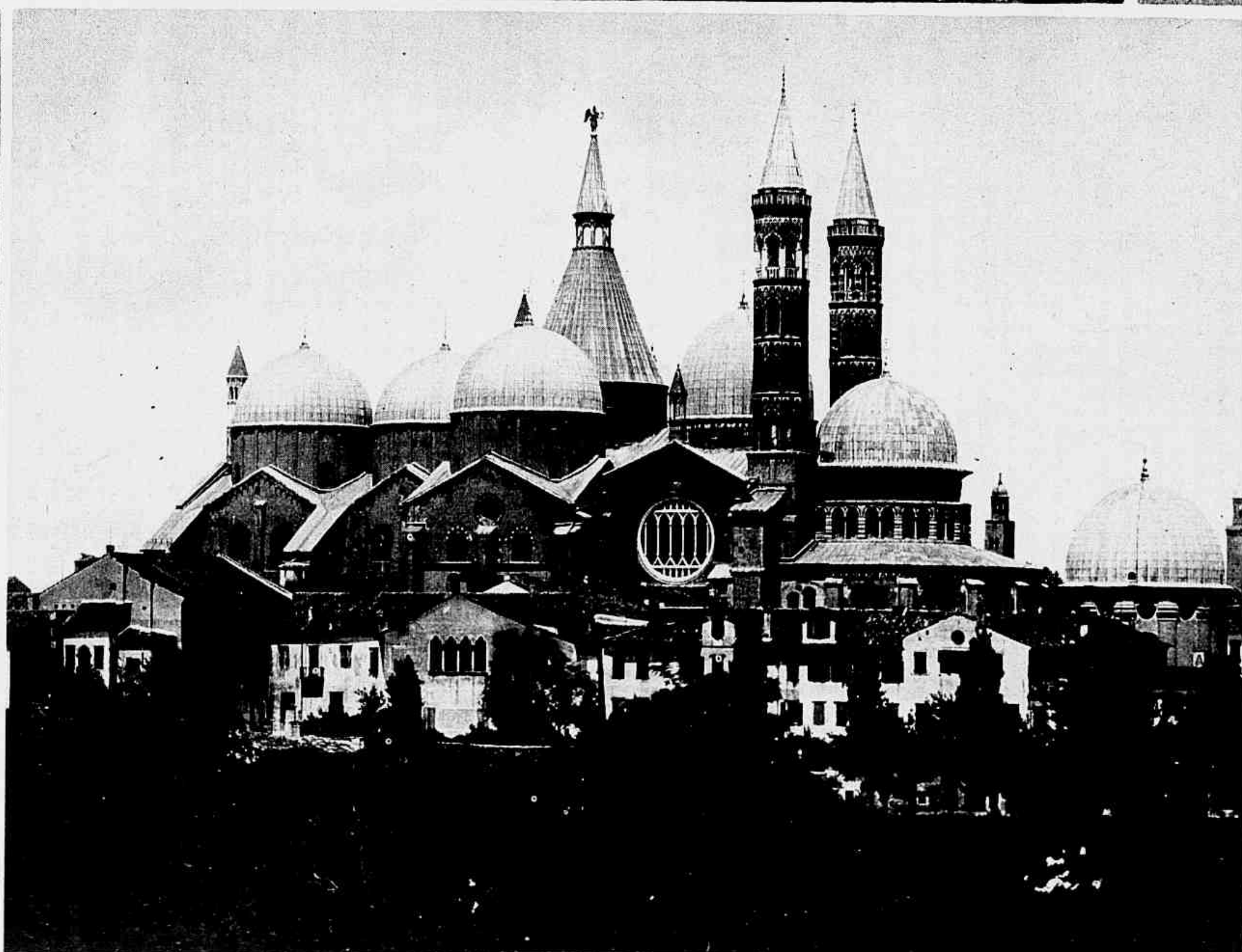
Padua, a cidade do tumulo

A idéa de se elevar um templo a Santo Antonio rapidamente empolgou os paduanos. Os trabalhos de construcção foram começados em 1232 e proseguidos até 1237. Interrompidos nessa data, foram recomeçados em 1269.

A egreja de Santo Antonio é um monumento de estylo ogival até dois terços de sua altura, e oriental no resto. Esse duplo caracter lhe tira a unidade, sem lhe fazer perder o encanto. Isto explica-se pela influencia das duas épocas a que elle corresponde: foi começado no seculo XIII, em pleno florescer da arte gothica; veiu a ser acabado no seculo XV, quando a Renascença substituia em toda parte as velhas fórmas.

A egreja méde 280 pés de comprimento, 31 de largura e 110 de altura. No exterior, é desenhada pelo modelo de S. Marcos de Veneza. E' coroada de seis grandes cupulas, abertas á claridade, e tendo todas uma cruz no vertice. Dos angulos do côro partem quatro torres polygonaes.

Segundo os Bollandistas, o campanario da direita é um pedaço da antiga egreja dos Menores, conservado em respeito ao sino que, em vida de Santo Antonio, servia para chamar o povo aos seus sermões.

O seu interior não é menos sumptuoso. O tabernaculo de pedra preciosa, cercado de estatuas cinzeladas, está collocado no meio do altar. E', segundo diz Valerio Polydoro, "o symbolo da autoridade e da majestade de Deus, que o habita.

A egreja antoniana mais moderna do Brasil

Ao alto, á direita a egreja de Sto. Antonio, no bairro de Pary. A' esquerda, baixo relevo do pulpito, representando o Thaumaturgo prégando aos peixes.

Ao alto, á esquerda, o interior da nave; á direita, outro baixo relevo do pulpito.

SÃO Paulo tem a gloria de possuir, na egreja parochial de Pary, no bairro do Braz, a egreja antoniana mais moderna do Brasil, admiravel creação do especialista benedictino Dom Anselmo, architecto de nome feito na Europa. Perfeitamente identificado com o espirito da obra, Frei Oliverio Kraemer então superior dos Franciscanos, D. Anselmo soube corresponder plenamente ás intenções do vigario de Pary que, homem emprehendedor, por sua vez não queria uma egrejinha modesta, por pobres que fossem os seus parochianos, innumeros dos quaes são operarios de fabrica. Incansavel e perspicaz, Frei Oliverio soube fazer o impossivel, não só para comprar o terreno sufficientemente amplo para a egreja e o planejado grupo escolar, mantido pelos pobres de São Francisco, mas ainda para dar á casa de Deus as dimensões indispensaveis para um bairro de incontestavel futuro, e dotal-a da sumptuosidade exigida por seu elevado fim.

E' imponente a silhueta da egreja de Santo Antonio, com suas torres muito altas e massiças, a triplice série de janellas lateraes e a entrada particularmente digna e apropriada. Qualquer detalhe e minucia resistem ao mais severo exame, quer se trate de investigar-lhes o estylo, quer a execução artistica e conscienciosa.

No interior, uma ala de altas columnas com ricos capiteis leva ao altar mór que, encimado por um amplo baldaquim, tudo domina, como é a sua missão. Neste altar figura a expressiva imagem de Santo Antonio, do esculptor portuguez Fernandes Caldas, apresentando o Menino Deus ao povo, para que o ensine, console e abençõe.

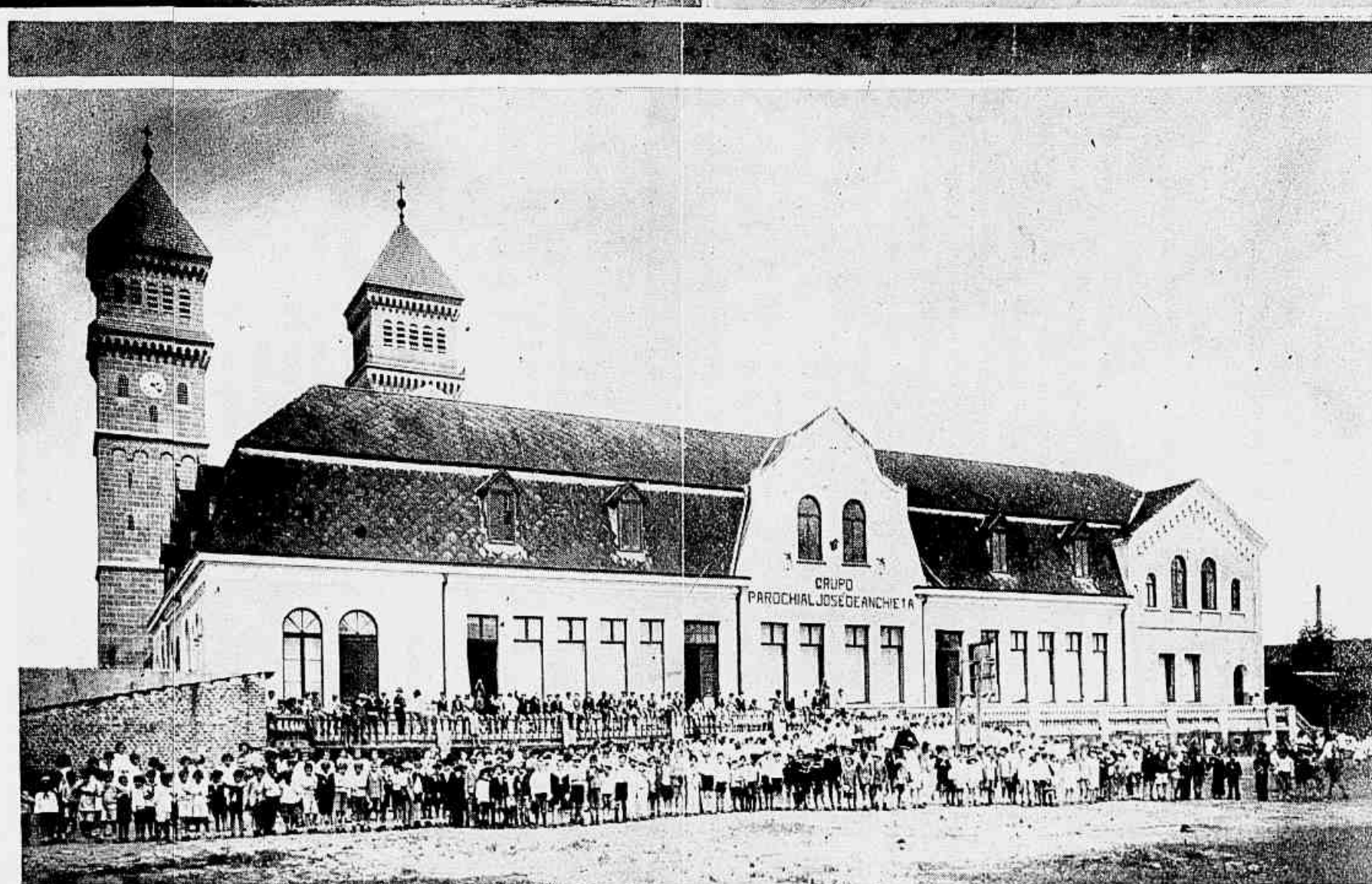
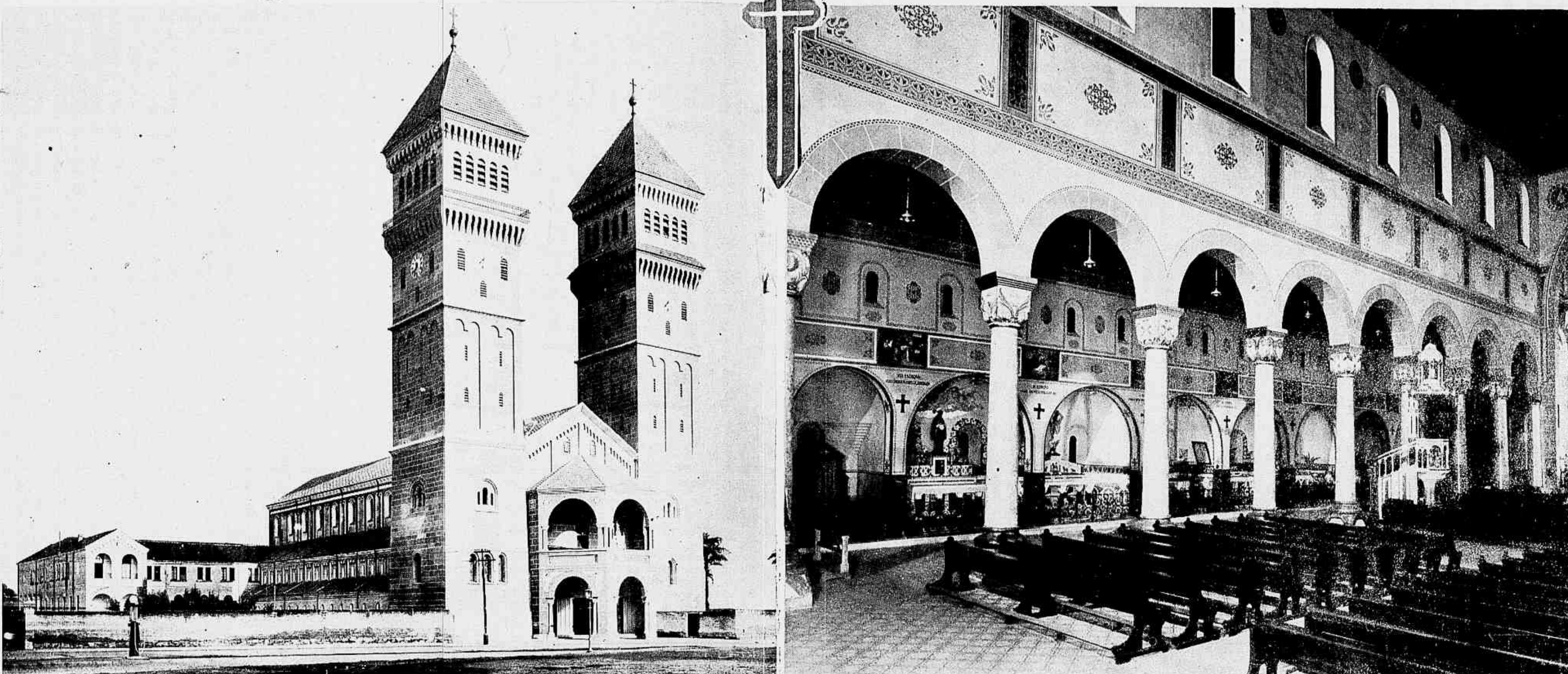
As naves lateraes são avivadas por uma série de altares bem accessiveis. O pulpito da egreja constitue uma attracção por si, pois está ornado de uma série de altos-relevos, da vida de Santo Antonio e da do fundador de sua ordem, S. Francisco de Assis. O da prégação aos peixes baseia-se, como a gravura permitte ver, num inspirado quadro do pranteado mestre allemão Martin von Feuerstein, fallecido ha poucos mezes.

O predio escolar do grupo parochial intitulado "José de Anchieta" é tão amplo que, visto da frente, encobre a majestosa egreja. Não podia deixar de ser assim, uma vez que a matricula de alumnos vae a varias centenas e o bairro é um dos mais populosos da capital paulista.

A obra de Frei Oliverio, desde annos, está sendo completada e continuada principalmente por seu successor Frei Paulo Luig, auxiliado por seus irmãos de habito. E' ainda a Frei Paulo que se devem o orgão e o pulpito da egreja, innumeros outros melhoramentos e a organização para a ultima semana de Junho do Congresso Antoniano, cujas sessões se effectuarão na Basilica de S. Bento. E' ainda Fr. Paulo Luig quem está preparando a grande procissão antoniana, que promette transformar-se num acontecimento, taes as adhesões já recebidas e o enthusiasmo do povo.

A egreja de Santo Antonio no Pary honra a capital de S. Paulo e, em particular, a humilde população operaria da parochia, que soube corresponder á confiança, iniciativa e dedicação de seus inspirados vigarios.

F. P. S.

A' esquerda, o grandioso pulpito, cujos magnificos detalhes se vêem nas gravuras acima.

Perspectiva da nave, vendo-se ao fundo o altar-mór, em fórma de sacrario.

A' direita, um magnifico detalhe architectonico da egreja de Santo Antonio, em S. Paulo.

Os Sant'Antonios de marfim da collecção Souza Lima

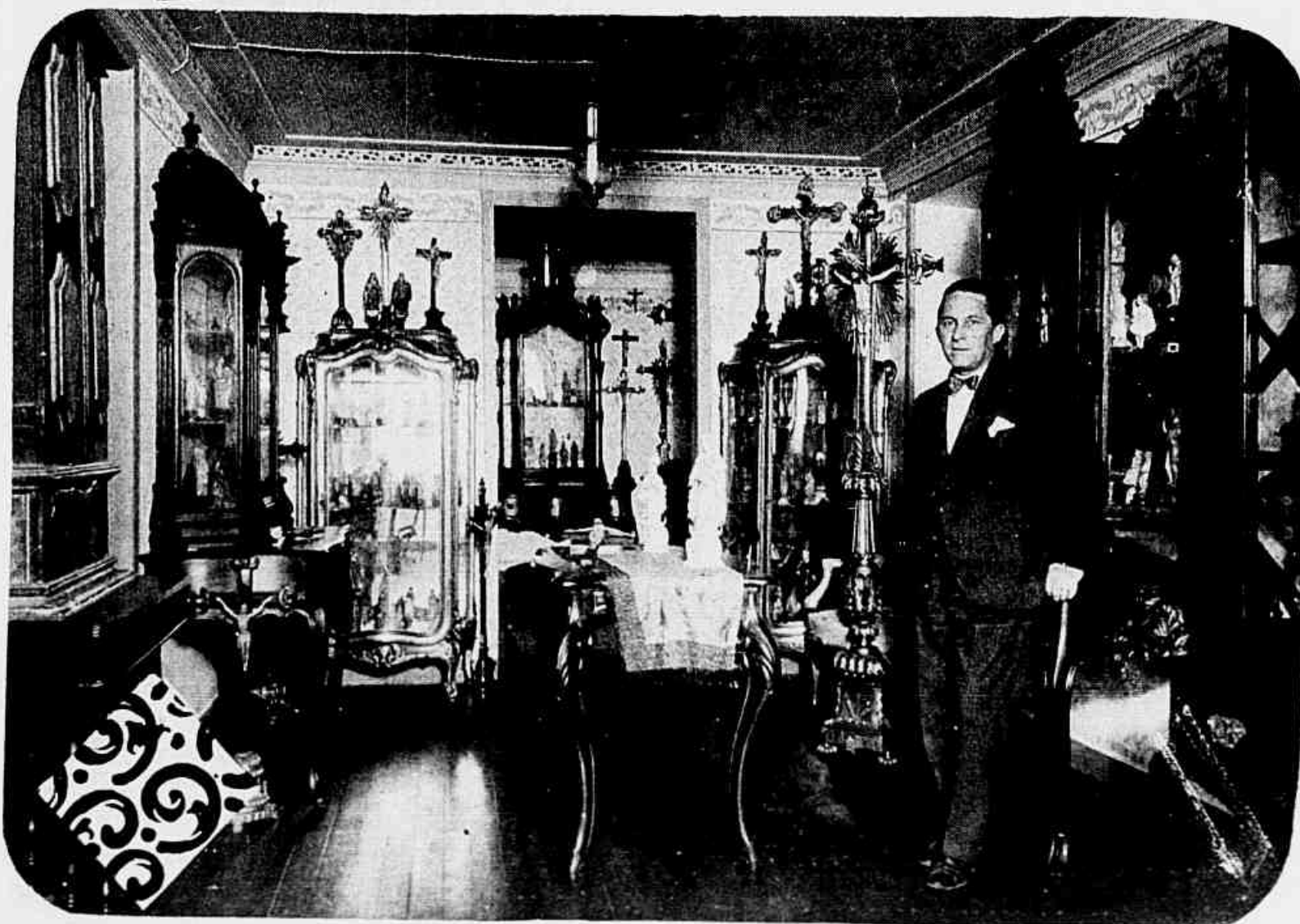
A REVISTA DA SEMANA, preoccupada em illustrar o numero consagrado a Santo Antonio com o que de mais historico e interessante existe a seu respeito no Brasil, não poderia prescindir da maravilhosa collecção de Sant'Antonios de marfim de propriedade do sr. Souza Lima e cujas reproducções photographicas ora illustram estas paginas.

O benemerito colleccionador patricio soube transformar parte da sua pittoresca residencia, em Copacabana, num raro museu de arte religiosa, onde se pode admirar a mais rica e original collecção de Christos de marfim, unica no mundo. Visitando essa collecção de maravilhosos Christos, de todas as épocas e paizes, esculpidos em varios estylos e enriquecidos com resplendores de prata e ouro, e a representação artistica do sangue do Nazareno com rubis verdadeiros, d. Chrysostomo De Saegher O. S. B., abbade do Mosteiro de S. Bento, assim se expressou :

"Denotam esses objectos de arte religiosa, talvez mais que o monumento do Christo Corcovado, o espirito religioso dos habitantes da terra de Santa Cruz."

E d. Adaucto de Miranda Henrique, arcebispo metropolitano da Parahyba, accrescenta:

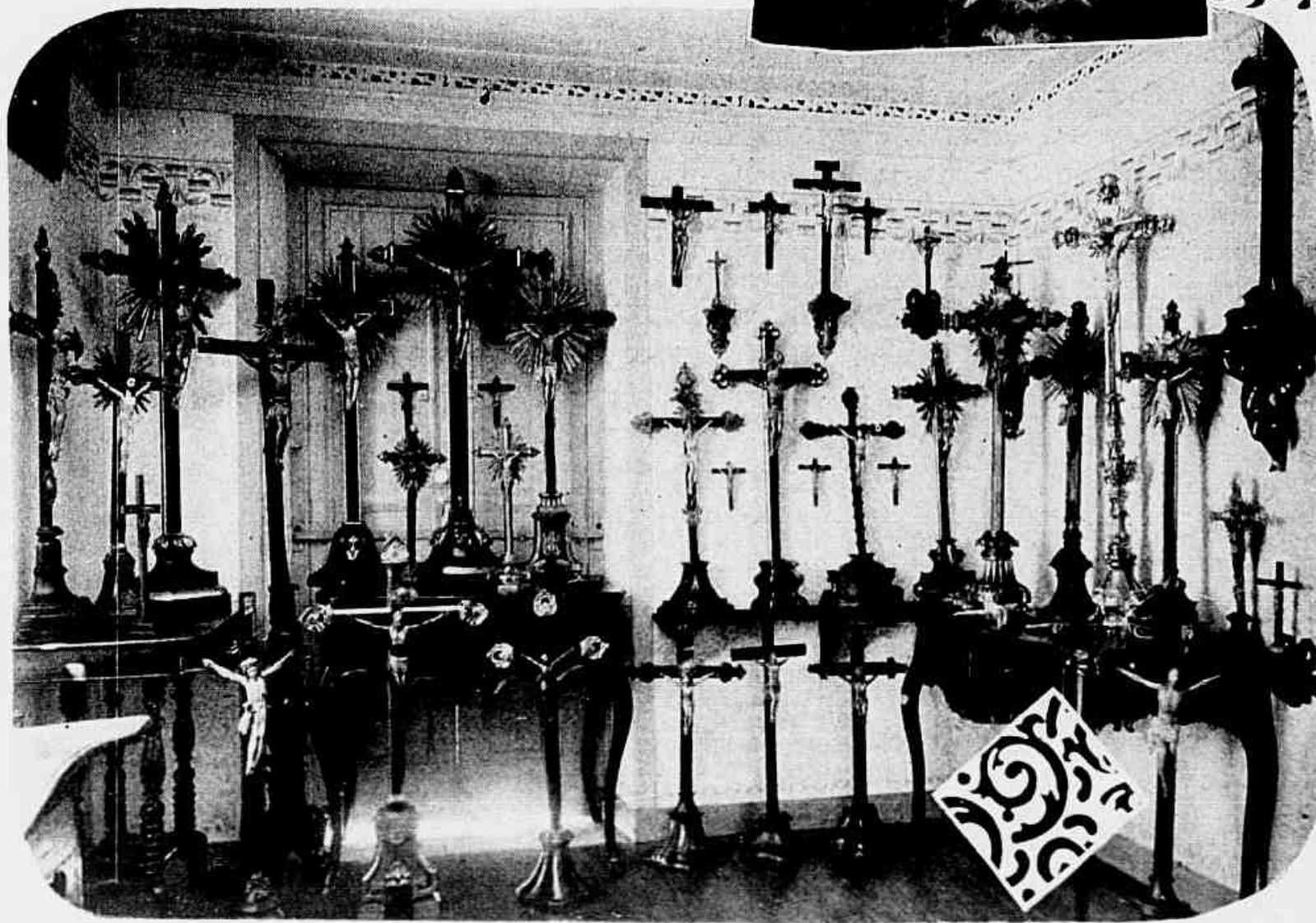
"Devo declarar que cousa semelhante não vi em parte alguma da Europa, onde passei seis annos, nem no Oriente"

Realmente, o Brasil pode se orgulhar da preciosa collecção Souza Lima, e com elle os estudiosos da arte religiosa em nossa patria, em cujas obras de tão fino lavor se vê representado artisticamente todo o passado da nossa terra e todo o sentimento religioso da nossa gente.

Dão margem a longas considerações os Sant'Antonios de marfim desta collecção, quer sejam examinados sob o ponto de vista religioso, quer sob o iconographico ou o artistico.

Dos symbolos mais vezes usados, livro e lyrio, este ultimo não apparece uma só vez nesses marfins, o que, entretanto, não surprehende, porque não poucas imagens então privadas dos braços que muito bem podem ter segurado aquelle symbolo da pureza.

O livro faz lembrar que St.º Antonio foi escolhido pelo proprio fundador da Ordem, S. Francisco, para ensinar aos confrades a theologia, já que se distinguia por grande saber adquirido quando ainda religioso agostiniano, Ordem que deixou quando chegaram a Coimbra os corpos dos primeiros martyres franciscanos. Educado e formado nos amplos conventos dos Agostinianos, Santo Antonio soube comprehender sempre a importancia duma solida sciencia, um dos fundamentos da acção apostolica.

Outro symbolo iconographico do grande Thaumaturgo é, como as imagens de marfim permittem ver, a cruz, já que elle a prégou em toda a parte, inflammando os ouvintes de amor a quem nella morreu pela salvação do mundo. Varias imagens apresentam o Santo com o Menino Jesus nos braços, visto que o apparecimento do Menino Deus, relatado pelos biographos, serviu de ponto de partida para innumeras glorificações do Santo na arte, tanto que só de Murillo se conhece uma série de telas maravilhosas que, todas, tratam deste assumpto.

A falta do Menino Jesus em grande numero dessas imagens pode ser attribuida a um habito muito popular no Brasil e que consiste em as moças roubarem o Menino Jesus para terem breve casamento. No Norte, sobretudo, esse habito é muito vulgarizado

Santo Antonio - Padroeiro do Brasil Colonial

SANTO dos nossos avós, familiar e fiel, santo de casa, da nossa raça, da nossa historia, da nossa amizade, Santo Antonio continuou a ser no céu um optimo portuguez.

Aos outros, aos santos severos que subiram aos altares sobre escadas de livros, sobre ondas de sangue e feixes de palmas do martyrio, sobre os altos e graves exemplos, nós offerecemos uma devoção respeitosa e distante. O amor a Santo Antonio, este nos rebaixa o orago até nós, sem lhe empallidecer a gloria, e nos permitte, a nós e a vinte gerações patricias delle, falar-lhe a encantadora linguagem da confiança, que só excepcionalmente os antigos dirigiam aos seus padroeiros, São Gonçalo d'Amarante, S. Pedro Gonçalves, S. Benedicto marroquino. Meu santo Antonio — diziam, antes de casar, as avózinhas, desafiando ingenuamente as preferencias do beato frade pela descoberta do perdido — dá-me um marido. E Santo Antonio dava... Como as meninas que lhe pediam noivo, os homens a ventura, as velhas o paraiso — os Estados lhe rogavam conservação, os generaes victoria, os reis paz, certos todos de que elle não nascera portuguez para desamparar a terra do berço "seu jardim de adolescente" e fôra morrer a Padua precisamente para soffrer a saudade, e com ella querer melhor ao seu Portugal.

Ha santos com quem só se ha de falar com cortezia, deslumbrados pela sua majestade. Assim os doutores da Igreja. A outros, a gente é induzida a conversar com piedade, protectoramente, consolando. Assim os pobres martyres. Finalmente a muitos a ceremonia de um culto, que não chegou ao coração, manda que se diga uma saudação ligeira... Assim os santos regionaes, que os gentios não entendem, feitos para a crença de uma unica tribu, para a tutela de um só paiz. A Santo Antonio, porém, sempre chamamos por "tu". Era simples, maravilhoso, domestico e puro, embora sábio como um theologo, eloquente como um apostolo: a Arca do Testamento, no elogio de Gregorio IX. Os seus milagres eram claros, a sua bondade era diaphana, a sua ternura era transparente, como se elle encarnasse Jesus, escondendo-o sob o burel franciscano. A sua palavra era modesta, a sua caridade era prompta, a sua alma era leve e o seu sorriso era justo, apezar da combatividade do seu temperamento — "martello das heresias" — da profundeza da sua sabedoria — "Vos estis sal terrae".

Por isso um dia Vieira, seu devoto, não teve duvidas de prégar em Lisbôa em nome de Santo Antonio, a convencer os politicos desavindos com a rhetorica que já uma vez convertera os peixes na ribeira de Arimino.

Que Santo Antonio foi official de todo officio na sua terra, e no Brasil, prolongamento della... e delle. Andava pela tribuna dos oradores, rolava pelos gabinetes dos conselheiros, reinava no throno com os Braganças, esteve nos accesos combates, defendeu cidades e muralhas, pelejou de pé e pelos ares, como homem e como sombra, acutilou hereges, guiou catholicos, resguardou praças, activo, vigilante, patriota, como se nas suas veias lisboetas batesse o sangue cálido dos guerreiros que fizeram a patria e trucidaram o mouro.

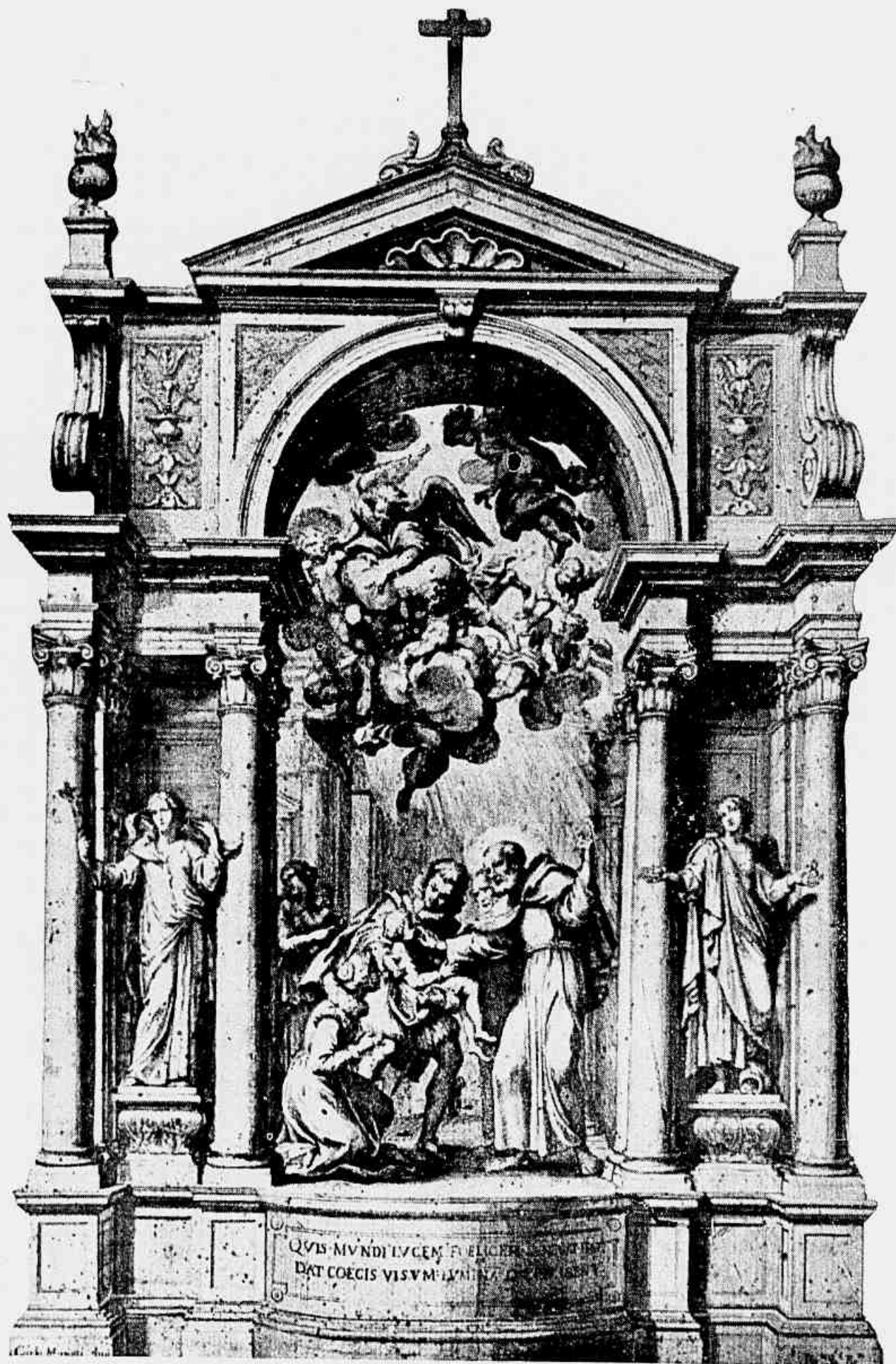
⁂

Ganhou o Brasil o santo em 1595 e por milagre.

Historico e esquisito milagre, que erigiu Santo Antonio de Argoim em orago da Bahia, séde do Estado, e—por extensão—do Brasil inteiro, até que D. João IV definitivamente lhe désse por padroeira a Nossa Senhora da Conceição.

Na praia alva de Itapoan, perto do rochedo onde os primeiros jesuitas viram a pégáda funda de São Thomé, num sitio de palmares que a ventania acurva e de vagas quebradas em montanhas, encalhara naquelle anno longinquo uma imagem do nosso santo rudemente maltratada. Adagas infieis lanharam-lhe o rosto glabro, rasgaram-lhe o corpo tenro, profanaram-lhe a belleza seraphica. Soube-se depois que os sacrilegos eram piratas francezes, que a imagem tinha sido pilhada no castello d'Argoim, e que os calvinistas por escarneo e insulto a lançaram ao mar picada de golpes, como vinte e cinco annos antes o fizeram aos quarenta padres do Brasil. Aconteceu que, ao invés de perder-se entre as aguas, ella se conduziu sobre as ondas como um navio que tem bussola e pannos e, deitada ao pégo bem longe, déra na costa da Bahia como em porto predestinado. Os francezes naufragaram em seguida, vararam naquelle mesmo litoral, foram presos e executados, em castigo dos crimes, e Santo Antonio recolhido á ermida da Conceição da Torre de Garcia d'Avila, donde os missionarios da Companhia o passaram á sua egreja da Ajuda, e afinal ao convento de São Francisco, a que pertencia. Em 25 de Agosto de 1595 a imagem estraçalhada, aos hombros do povo, mudou pela ultima vez de casa.

Mas não gozou ali, no seu rico nicho florido, venerado como dono e chefe, a tranquillidade duradoura que prégára pelo mundo, aos homens de bôas vontades. As guerras, batendo-lhe á porta, acordaram do seu lindo sonho Antonio de Lisbôa, e por muitos annos moirejou — crêram os antepassados, que nos legaram disto fartos documentos — como soldado do rei contra os flamengos, inimigos da Egreja, depois em Portugal, como guerrilheiro da independencia contra os exercitos de Castella. A espada restituiu-lhe o ar marcial com que apparecera outr'ora aos hollandezes: é o symbolo de um passado aspero. Lembra o tempo em que os homens e a terra mereciam que baixassem do céo os santos para ajudal-os com o gladio flammivomo, empunhado ao sol do Brasil.

P. C.

Santo Antonio "lux mundi" dando vista a um cégo. Reproducção photographica da célebre gravura de Pietro Sancti Bartoli (seculo XVII) existente na Bibliotheca Nacional. A originalidade da estampa, rarissima na iconographia de Santo Antonio, está na sua representação como velho e barbado, malgrado seus 36 annos.

Como S.to Antonio livra da morte a um menino que ficou dentro de uma caldeira de agua fervendo

Uma mulher quiz lavar,
Como tinha de costume,
Um filho para o pensar,
E uma caldeira ao lume
Com agua poz a aquentar.

Como a devota mulher
Ver o santo desejava,
Que pregava ouvio dizer,
E sabendo que pregava,
Se alvoroça para o vêr.

E estando d'esta maneira
Para lavar o menino
A devota verdadeira
A criança com desatino
Deixou dentro da caldeira.

Cuidando pobre innocente
Que a punha na bacia
Onde laval-o só ia,
O deixava na agua quente
Que na caldeira fervia.

Não póde aqui o demonio
Dar fim ao que começou,
Que logo Deus revelou
Ao seu servo Santo Antonio
Onde a criança ficou.

Deus que deu vida aos dormentes,
Tanta gloria merecendo;
E Deus que do fogo ardendo
Livrou aos trez innocentes,
Livre este na agua fervendo.

A simples mulher tornando,
Sendo do filho lembrada,
Gritando corre a pousada,
Acha o menino brincando
Na agua fervendo, sem nada.

Acudindo a visinhança
Aos gritos que a mulher dava
Já de alegria gritava,
E todos vêem a criança
Que dentro n'agua brincava.

Permittiu Deus que viesse
A gente vêr tudo isto,
Para que visse, e que crêsse
O que este servo de Christo
Ao mesmo Christo merece.

(Do livro "Vida e Milagres de Sto. Antonio")

Pedro Calmon

Santo Antonio, no banco dos réus

(Conto historico)

POSSUIA Santo Antonio umas cobiçadas terras de lavoura á roda da sua ermida branca das Queimadas. Era no fim do seculo XVIII, por esse Brasil dentro onde os costumes barbaros governavam os barbaros homens, e no sertão aspero a egreja, com os passes em volta, fechava um recinto estreito de tranquillidade e de tolerancia. Fóra desses escassos limites da paz christã, campeavam os rudes conquistadores e a sua escravaria, o seu gado, a sua violencia.

Feia e desolada é a caatinga que circumda, nas Queimadas, a capella e o arraial. Esbate-se num horizonte razo uma vegetação calcinada que o sol lentamente incendiou; o seu perfil é doloroso, como o de uma selva derrubada pelo fogo, e do seu solo quente um bafo de cinzas exhala a catastrophe.

Fogem, muito ao longe, sombras de serras; e onde a agua, repuxando riachos, se insinua, um raro tom verde mancha a paizagem, os gados se accumulam e apparece o vaqueiro. Santo Antonio tinha os seus campos de farinha, e o olho máu da inveja namorava-os. Só por milagre, ali, em tal tempo, não perderia o padroeiro o rico patrimonio; e Santo Antonio das Queimadas não parecia disposto a fazer milagres á custa de uns palmos de chão e de umas arvores de fruta.

Foi quando um escravo, em condições sombrias, morreu á porta da ermida. Não se descobria o assassino, nem se suspeitava de ninguem. Os moradores reuniram-se para debater o caso. A justiça sertaneja compareceu na pessôa de um meirinho incorruptivel. O criminoso não se denunciava e a lei penal devia ser desaggravada. O vizinho que disputava o quintal do Santo lembrou a cumplicidade deste. Pela letra da lei, era culpado, por indicio forte, o dono da casa em cujos batentes jazesse cadaver de assassinado. O verdadeiro autor da morte desapparecera, subtilizara-se no ar, mettera-se pela terra dentro; então, que se julgasse Santo Antonio!

Houve uma indecisão de perplexidade no arraial, vacillante entre o cégo respeito das Ordenações e o amôr da sua imagem. Castigar-se o bom do santo por morte que elle não commettera, apezar das suas tradições de soldado e "martello das heresias", era de uma calva injustiça; de certo, juravam, não fôra elle o assassino do negro. Os rabulas, o meirinho, as opiniões letradas atiravam á mesa os cartapacios da legislação. Competia ao ouvidor resolver... — Accenderam-se os animos, o zelo das ovelhas emparceirou com a fúria dos lobos, os que defendiam Santo Antonio ameaçaram de tremendo desforço aos que, por causa dos campos de mandioca, accusavam Santo Antonio, e quando voltou o meirinho com o mandado, citando o réu para a audiencia, encontrou na rua o motim. Entrincheiraram-se alguns devotos na egreja, abraçados aos trabucos. Outros adversarios daquelles, tomaram armas em soccorro do official de justiça. Provocaram-se a distancia, com as clavinas á cara, temendo-se e odiando-se. Em torno da capella alva uma tragedia pairou. Afinal meirinho, ordenanças e escopeteiros investiram o reducto, forçaram-lhe a entrada, como permittia o direito, depois dos pregões do estylo, leram a autoação do santo por ter malignamente resistido á prisão e carregaram com a imagem para o pretorio. Santo Antonio de Lisbôa fez a longa viagem ás costas de um burro, todo jungido de cordas como um perigoso meliante cuja fuga se prevenisse. As populações chegavam á beira da estrada, pasmas, a verem ir-se o milagroso padre no dorso de um dôce jumento, olhando suavemente para o céu com os lindos olhos de louça, e um éco de maldição acompanhou a caravana até á villa longinqua, onde o juiz concluiu a farsa. Mandou o ouvidor vender em hasta publica as posses do delinquente, por lhe escapar a sua pessôa ao gladio da justiça; e restituiu-o depois ao seu altar.

Com as mesmas formalidades voltou a imagem para o nicho pobre das Queimadas — sem que a solheira do trajecto, as peias e os tormentos da prisão lhe alterassem o brando sorriso da bemaventurança. Despojaram-na do que possuia. Ficou sem as suas ferteis leiras de sustento, e ainda culpada de connivencia num crime tenebroso pelos tribunaes del-Rei. Jamais, porém, esqueceu esse povo sertanejo a scena burlesca de Santo Antonio de Lisbôa, com o seu burel franciscano chamarrado d'oiro, a trotar num burro para o palacio de Pilatos. E não falta quem attribúa a esterilidade e a tristeza dessa terra cheia de luz e de pó á velha impiedade, que tocou com mãos sacrilegas o seraphico padroeiro.

Depois de ter sido o primeiro na Italia, heróe em Portugal, dono do Brasil, espelho da perfeição e gloria do mundo, andou de verdade Santo Antonio pelos sertões do nordeste, como rebelde e homicida, ás cangalhas de um jumento...

PEDRO CALMON

HYMNO

Virgem gloriosa e immortal,
Que aos céus dos céus te elevaste,
A quem te creou criaste
Em teu seu seio virginal.

O que por Eva perdemos,
Por teu Filho restituiste,
E as portas do Céu abriste
Para que, salvos, entremos.

Do Rei és porta luzida,
Palacio de luz fulgente:
Louvae a Virgem, ó gente,
De quem houvestes a Vida.

Jesus seja engrandecido,
Da Virgem pura nascido,
E o Eterno Padre tambem
Com o Espirito Santo, Amen.

Este hymno constituiu a prece favorita de Santo Antonio de Padua. Um dia em que o santo Thaumaturgo dormia, o demonio o assaltou pela garganta e o teria estrangulado se não fosse o soccorro de sua bôa Mãe, o qual se fez sentir quando elle recitava este hymno.

Uma primeira audição no dia de Santo Antonio

PRIMEIRAS audições de obras musicaes de valor podem contar com interesse tanto mais intensivo quanto maior o numero dos entendidos e a importancia da composição e dos executantes. Na Europa, não poucas vezes affluem ouvintes de cidades longinquas e mesmo de outros paizes, para não perderem uma primeira audição.

Não são raras estas em nossas salas de concerto, graças á iniciativa e comprehensão dos regentes Francisco Braga e Walter Burle Marx, dos nossos solistas e dos mestres que nos visitam. Já não é a mesma cousa no terreno do canto coral que, exigindo maior numero de executantes, está sendo menos cultivado.

D'ahi o interesse que despertou a noticia de que a Missa Pontifical, celebrada por S. Em. o cardeal Leme, no dia de Santo Antonio, 13 de Junho, no convento do mesmo nome, será abrilhantada por um conjuncto coral e orchestral de cerca de uma centena de pessôas, sendo constituido o côro por avultado numero de senhoras e pelo "Maennercher" da sociedade allemã "Harmonia", reforçado por outros cantores. A orchestra será fornecida pelo Centro Musical do Rio, sendo executada, sob a direcção do compositor, a "Missa Festiva" de Frei Pedro Sinzig, O.F.M., opus 57, para mezzo-soprano e barytono.

A propria partitura de orgão dá a conhecer que a Missa foi escripta de preferencia para orchestra, unica que fará sobresahir sufficientemente as numerosas partes dramaticas e descriptivas. Emquanto a primeira parte do *Kyrie* interpreta o sentido das palavras que exprimem o pedido humilde da creatura ao Ceador, a ultima, sem sacrificar aquella, attende ao mesmo tempo ao fim especial da composição, destinada a abrilhantar o S. Sacrificio da Missa em dia festivo. Do thema inicial, o motivo da quinta é empregado com especial empenho, dando vida, movimento e caracter dramatico.

O texto do *Gloria* e do *Credo* é particularmente grato para musica descriptiva, que é empregada logo no inicio do *Gloria*. O mysterioso e suave começo do "Et in terra pax" eleva-se rapidamente a pomposas exclamações de jubilo com a idéa da paz, promettida aos homens de bôa vontade. O motivo da tonica, que, em passos de segunda, desce até á dominante, desde o seu apparecimento na palavra "pax", volta com frequencia em toda a Missa, de preferencia nas passagens de caracter solemne, festivo ou majestoso.

Trechos do *Crédo* da *Missa Festiva*, em honra de S. Francisco Seraphico, a duas vozes mixtas, com orgão, e de composição de Frei Pedro Sinzig O. F. M.

Compassos do "Gloria", da majestosa partitura da *Missa Festiva*, citada noutra legenda.

O autor da *Missa Festiva* revela certa predilecção por notas syncopadas que, de facto, trazendo novos accentos, augmentam a vida e a fluencia, como ainda se vê no acompanhamento de "Glorificamus te", com a inesperada separação, por uma pausa geral, do "te", para chamar a attenção para o mais alto objecto de todas as homenagens: Deus.

As exclamações de "Domine Deus", em intervallos de oitava, contrabalançados pelo orgão resp. orchestra, não carecem de explicações, tão pouco como o destaque dado, no fim, á inebriante idéa da gloria de Deus ("gloria Dei") acima de tudo quanto a terra sabe offerecer — e ás insistentes confirmações pelo "amen", o jubiloso "assim seja"!

No *Crédo*, impõem-se como trechos descriptivos: logo no principio, a possante evocação do Creador do céu e da terra — o "Deum de Deo" etc.; a invocação do autor de tudo — "per quem omnia facta sunt" — o suavissimo "Quem por nós homens desceu do céu" com a repetição das palavras como em longinquo e finissimo echo; a tragedia do Calvario: "passus" (com forte dissonancia intencional) e, depois de grande pausa geral, "et sepultus est" o "et resurrexit", "judicare" e o impetuoso final com a profissão de fé na vida futura e a confirmação pelos repetidos "amen".

O *Sanctus*, com lindas graduações, emprega no "Pleni sunt coeli" a melodia do "Prefacio" cantada pelo celebrante no altar, e termina com surprehendentes modulações, de naturalidade perfeita.

As duas restantes partes, *Benedictus* e *Agnus Dei*, teem os mesmos caracteristicos de musica sacra descriptiva, sendo excusado dizer que o autor, em tudo e por principio, respeita as leis ecclesiasticas sobre musica liturgica.

A *Missa Festiva* de frei Pedro Sinzig, que ouviremos no dia de Santo Antonio em primeira audição para o Rio, já foi cantada em parte em Blumenau, na sagração episcopal de dom Daniel Hostin, bispo de Lages, e integralmente, já duas vezes e com grande orchestra, pelo "Culto de S. Cecilia", em S. São Luiz do Maranhão, onde constituiu uma contecimento musical. E' de suppôr que contribuirá para dar um impulso á musica sacra dos nossos templos nas grandes solemnidades do anno ecclesiastico.

J. V.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A escalada transatlantica

A aviação acaba de registrar mais um dos seus assignalados triumphos: a travessia do Atlantico pelo maior avião do mundo: o Do-X. No crescendo de glorias a que se vem habituando a aviação mundial, o feito sensacional do gigantesco aeroplano vem marcar a maior conquista do "mais pesado que o ar", e com uma expressão de triumpho jamais conseguido. As attenções mundiaes vinham acompanhando com o maior interesse o *raid* maravilhoso, e — digamos — com alguma displicencia, acentuada com o desastre soffrido logo de inicio.

Refeito do primeiro fracasso, o Do-X levanta vôo e, em magnifica fórma, atravessa o Atlantico, chegando cheio de glorias a Natal.

Se á humanidade, em geral, a escalada transatlantica interessa sensivelmente, com a projecção das suas admiraveis consequencias, ao Brasil é particularmente grato o extraordinario acontecimento, escolhido como foi, a exemplo do Zeppelin, para o pouso tão ambicionado do Leviathan do espaço.

Aspecto da visita, ao Nuncio Apostolico monsenhor Aloysi Masella, dos Bispos que vieram ao Rio por occasião da coroação de Nossa Senhora da Conceição Apparecida, Padroeira do Brasil.

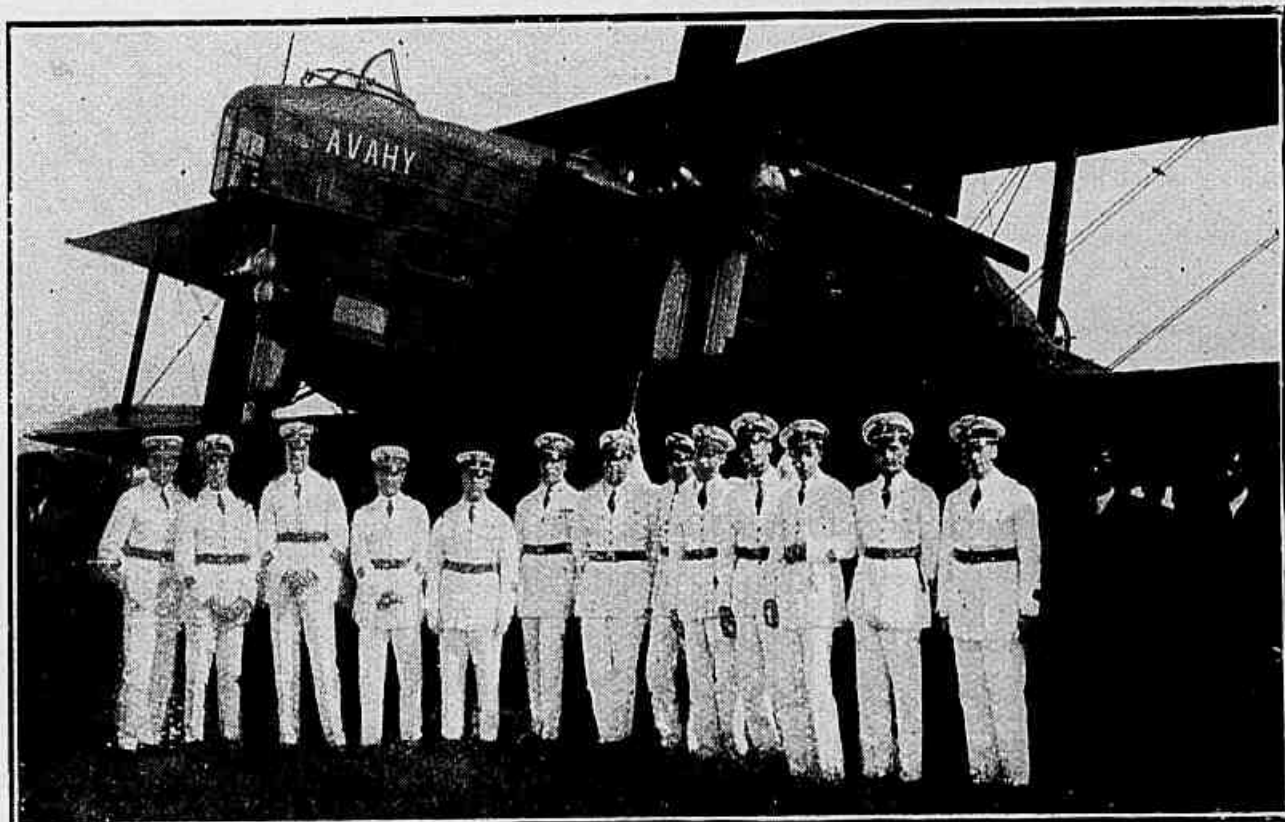
O novo Ministro da Marinha

Em substituição do almirante Conrado Heck, que solicitou a sua exoneração, assumiu o cargo de Ministro da Marinha o almirante Protogenes Guimarães, então Director Geral da Aeronautica.

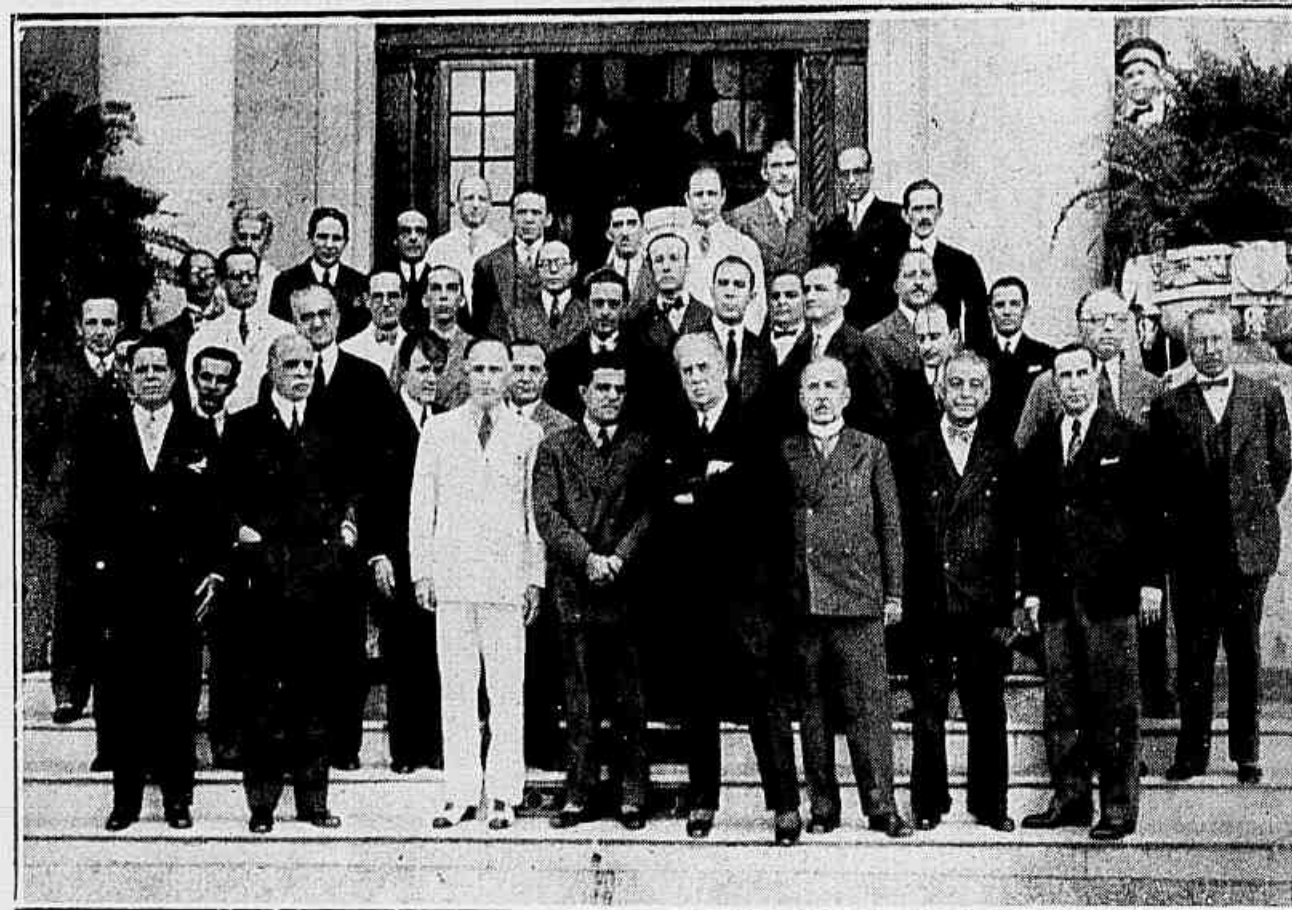
O novo ministro é uma figura sobejamente conhecida na Marinha pelas suas altas virtudes civicas e militares, estando perfeitamente integrado na Revolução, da qual foi um dos mais esforçados precursores, tendo pago com um periodo de longos mezes de prisão o seu devotamento á causa revolucionaria, que visava um Brasil maior.

A nomeação do novo titular da pasta da Marinha deu motivo a sensiveis modificações no alto commando e nos postos de mais responsabilidade, não tendo sido esquecido, felizmente, o nome do almirante Isaias de Noronha, indiscutivelmente uma das suas figuras mais representativas e legitimo patrimonio militar e moral da classe.

Almirante Protogenes Guimarães, novo Ministro da Marinha.

Visita feita pelo interventor do Estado do Pará, capitão Joaquim Barata, ás Officinas Ford, nesta capital. O capitão Barata acha-se assignalado e tem á sua direita o sr. Braustein, director da Ford, e á esquerda os srs. dr. Pedro Ernesto, director da Assistencia Hospitalar; dr. Abel Chermont, dr. Ribas e Yager.

Officiaes da Escola de Aviação Militar, presentes á Festa do Centro de Aviação Naval. Vê-se ao fundo o grande avião de bombardeio do Exercito, o *Avahy*, cujo arriscado *atterrissage*, no limitado terreno daquelle Centro, constituiu uma nota de sensação durante a festiva ceremonia a que nos referimos noutro lugar.

Os centenarios do nascimento e morte de S. Antonio tambem tiveram a sua brilhante consagração philatelica. Vemos, ao alto e nos cantos, os quatro sellos-typos da collecção de 15 sellos posta em circulação pelo governo portuguez em 1895, por occasião do centenario do nascimento do Thaumaturgo, e que nos foram gentilmente cedidos pela Casa Jeremias, á rua Rodrigo Silva 15. Os demais (7) fazem parte da edição agora posta á venda pelo governo italiano, em commemoração do centenario da morte de Santo Antonio, o que divulgamos em primeira mão, graças á obsequiosidade da Casa Philatelica, á rua Buenos Aires 30.

Aspecto da posse do dr. Carvalho Mourão, novo ministro do Supremo Tribunal Federal.

Grupo de amigos e admiradores do dr. Leonidio Ribeiro *posando* para a REVISTA DA SEMANA, após o almoço offerecido a esse distincto clinico por motivo da sua nomeação para director do Gabinete de Identificação. Vê-se o homenageado, de branco, tendo á direita o professor Miguel Couto e á esquerda o dr. Baptista Lusardo, chefe de Policia.

Santos Dumont e o Do-X

O Pae da Aviação chegou doente ao Brasil. Dispensou as honras festivas da recepção e, fortemente combalido na sua saúde, retirou-se de bordo para a sua residencia.

O seu regresso á Patria, que agora se reveste de condições especiaes e de uma tocante expressão de saudade e de amor á terra natal, vem focalizar ainda com mais attenção a sua inconfundivel figura, que ficará para sempre como um dos grandes vultos da humanidade.

Recordando a sua viagem, os passageiros do *Lutetia* não puderam esquecer a emoção que sentiu Santos Dumont, vendo passar a poucos metros do navio, em pleno oceano e voando para o Brasil, o maior avião do mundo.

Foi um instante de emoção, talvez uma das maiores da sua vida.

Porque, na verdade, não pode haver maior e mais legitima emoção que a do creador ao contemplar a creatura...

Com que idade ?

A *Little-Esther*, a pretinha diabolica cujas pernas têm feito furôr nos palcos americanos e europeus e que, ha pouco, tanto successos obteve em Buenos Aires, com o reclamo de ser uma especie de Josephina Baker-mirim, não poude estrear, como esperava, no Rio, devido a uma ordem do Juiz de Menores.

O magistrado não quiz saber das habilidades coreographicas da negrinha nem tampouco da sua estonteante precocidade.

Pediu apenas uma cousa mais simples, muito mais simples que um diploma de bailarina: — uma certidão de idade.

Mas *Little Esther* não tinha. E não estreou no dia marcado. A pequena bailarina ficou possessa porque não poude dansar o *jazz*. Bateu os pés, indignada, e repetidas vezes.

Não se póde, porém, dizer que, com esses sapateados, Little Esther não tenha dançado o *jazz*...

Santas a prazo fixo...

A policia mineira resolveu, finalmente, a exemplo do que fez a de Recife, acabar de uma vez com as *benções* da "santa" de Coqueiros e as reuniões que os suggestionados das vizinhanças faziam em torno da sua cabana, num triste espectaculo de crendice e de miseria.

Os protestos que, em côro unanime, se levantaram contra os "milagres da Santa" em todo o paiz, e principalmente no meio catholico, foram, graças a Deus, ouvidos em bôa hora, pelas autoridades policiaes em Minas.

As providencias agora adoptadas pela policia só teem um lado mau: não terem vindo mais cedo...

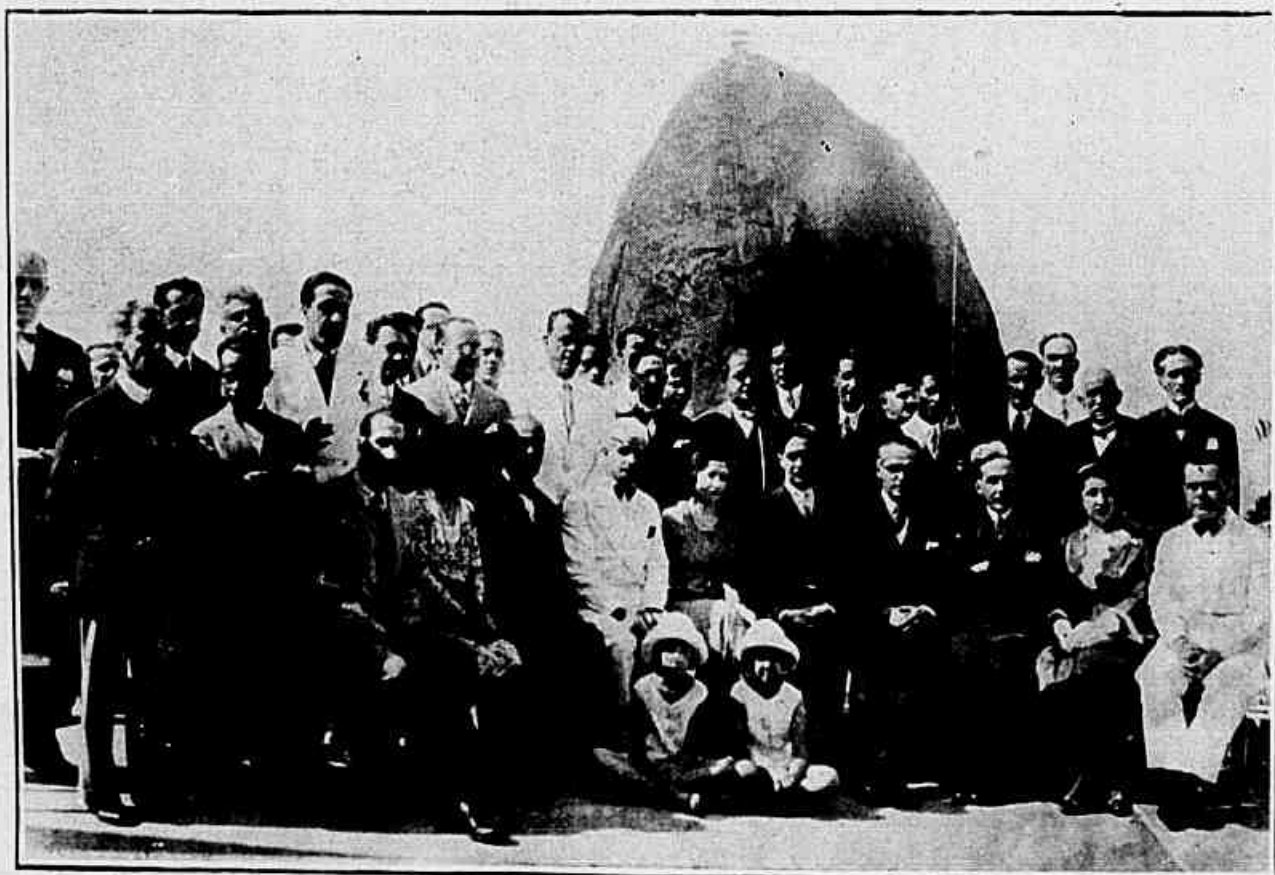
Mas, para applicar a phrase da Inconfidencia Mineira:

"Libertas quae sera tamen"...

Henrique Oswald

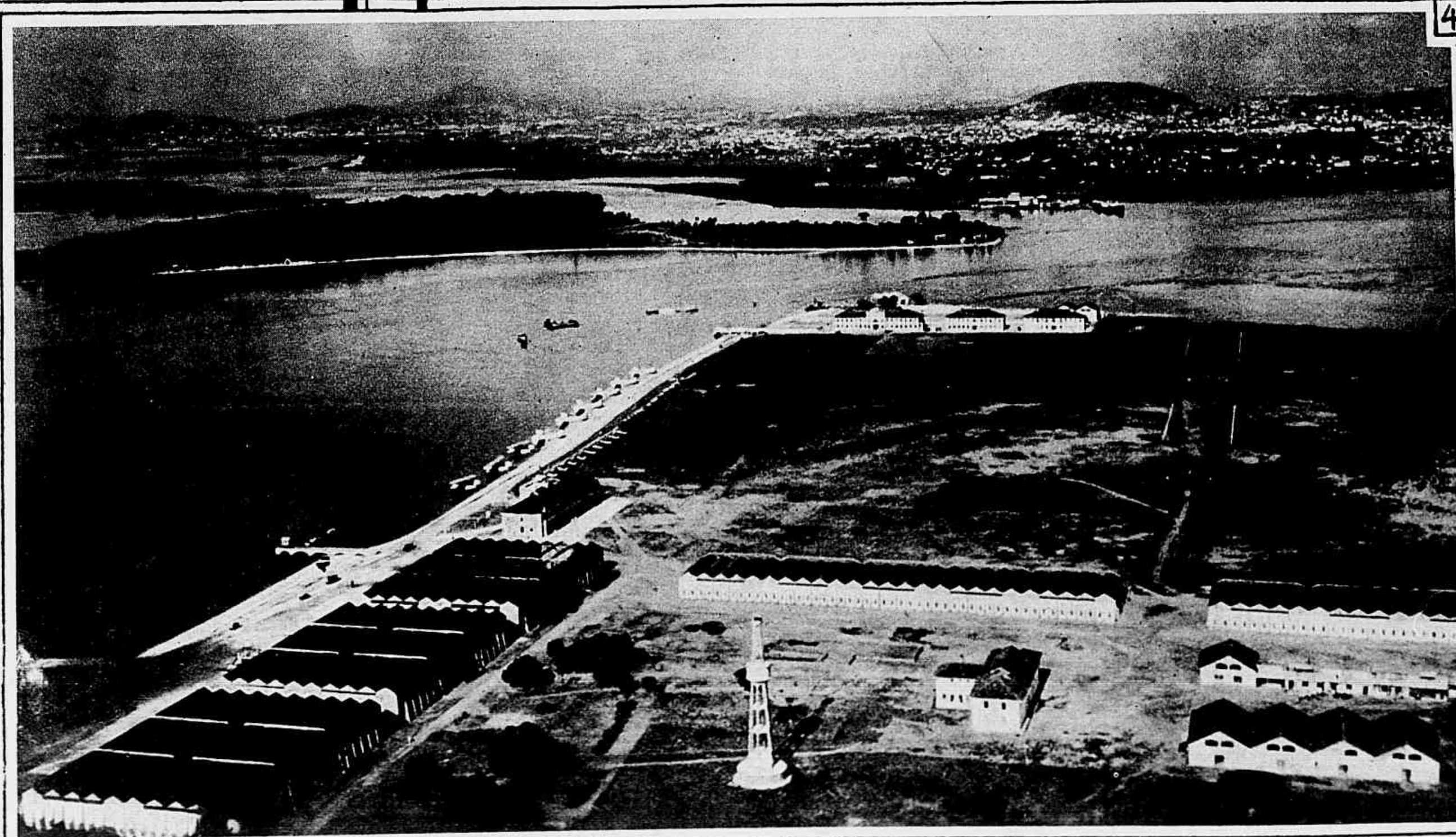
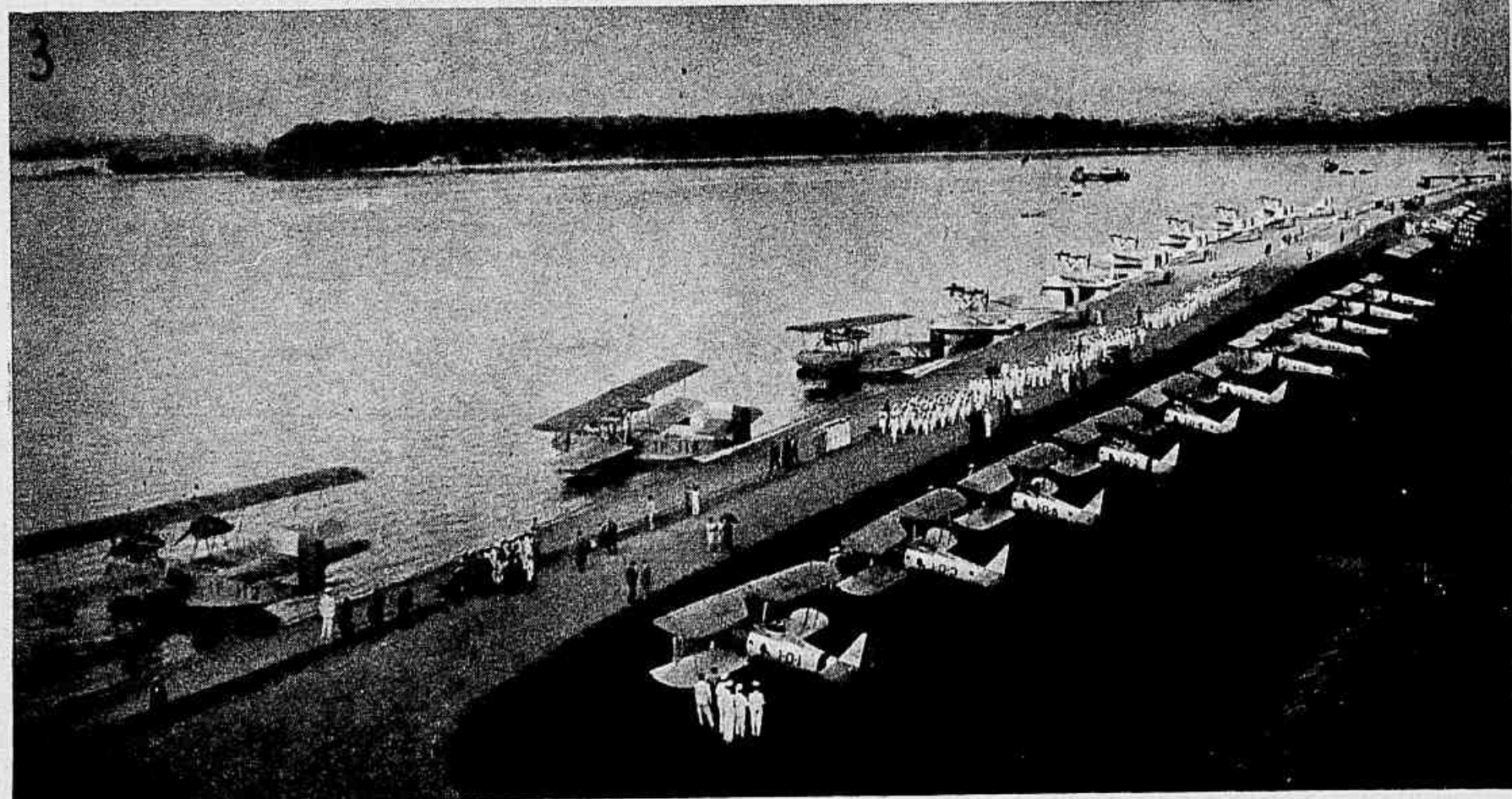
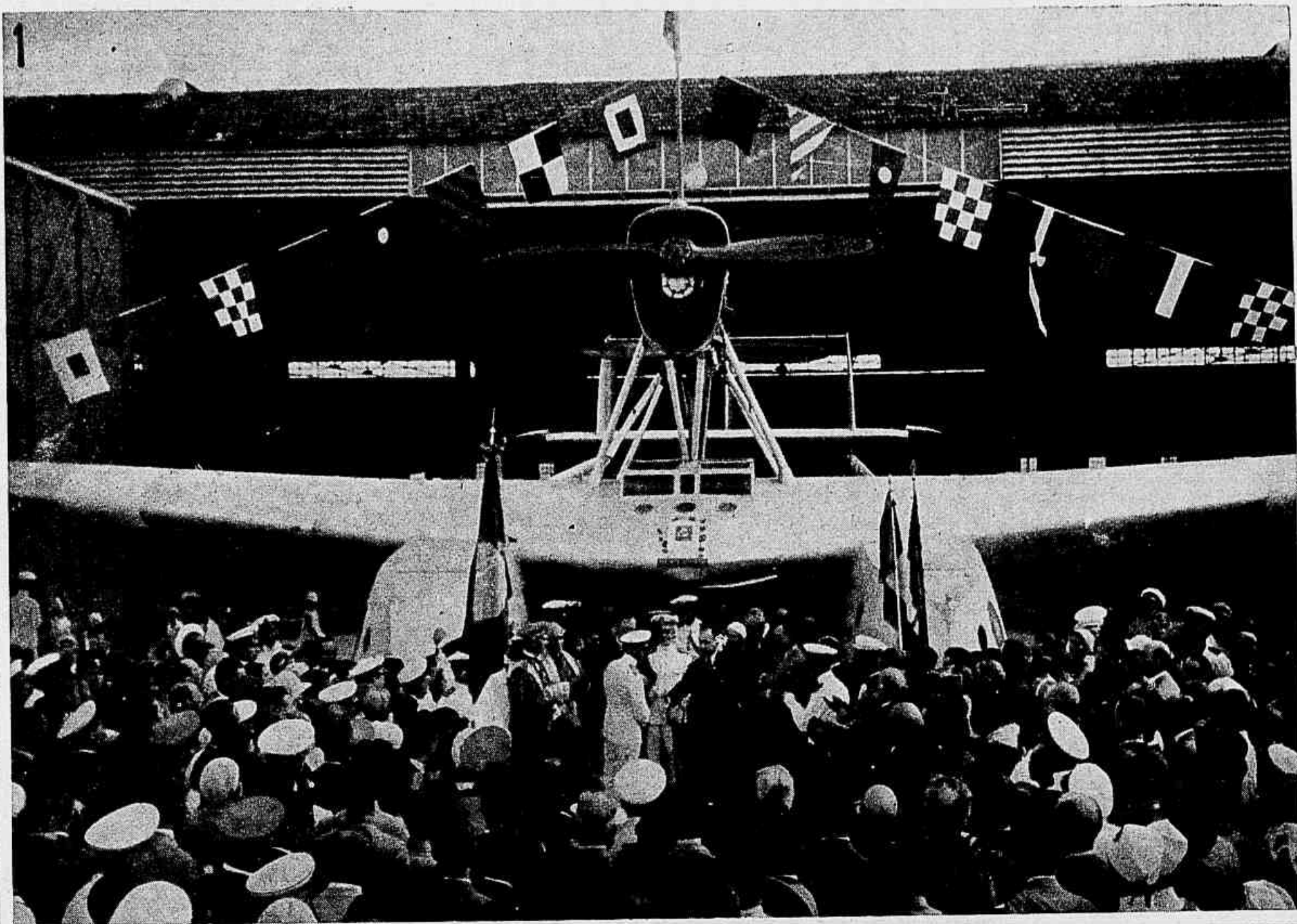
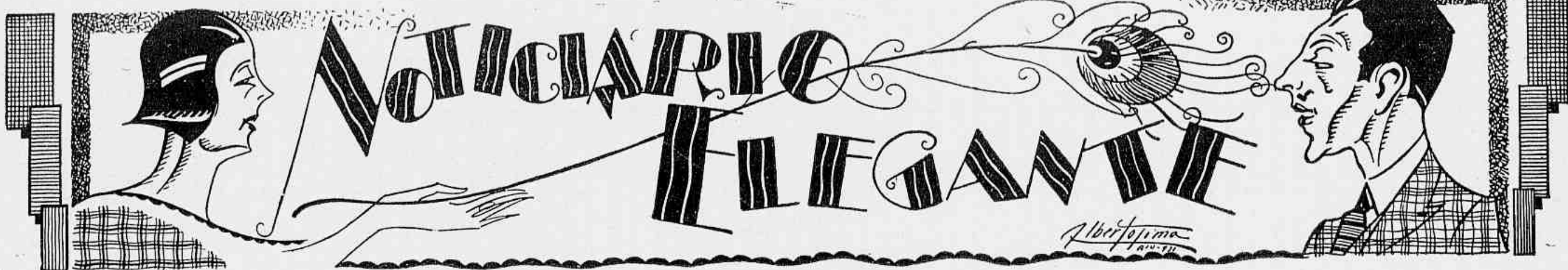
Morreu Henrique Oswald! A noticia nos chega justamente ao encerrarmos os nossos trabalhos, o que não nos permitte dar maior desenvolvimento ao necrologio do grande maestro, indiscutivelmente uma das expressões mais legitimas da musica brasileira.

A obra do musico predestinado, em cujas paginas ha, realmente, lampejos de genio, ficará como um dos mais sonoros elogios á intelligencia creadora brasileira e ao genio artistico da nossa raça.

Inauguração da travessa Eurycles de Mattos, no bairro das Laranjeiras, assim denominada em homenagem á memoria do sempre lembrado director do GLOBO. Vê-se, na gravura, sua exma. familia e o seu interessante filhinho.

No restaurante do *Morro da Urca*, realizou-se a semana passada o grande almoço em homenagem ao director da Imprensa Nacional, e a "feijoada jornalistica", promovida pelos jornalistas militantes, em regosijo pela fusão das Associações de Imprensa. Dada a opportunidade das duas homenagens, fez-se o congraçamento da imprensa diaria com o DIARIO OFFICIAL. Achavam-se presentes os srs. ministro da Justiça, representado pelo dr. Heitor Bracet, official de gabinete; dr. Lindolfo Collor, representado pelo nosso collega Horacio Cartier; interventor dr. Adolpho Bergamini, dr. Evaristo de Moraes, dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e outros literatos e jornalistas.

O Movimento Artistico Brasileiro inaugurou na semana passada, com invulgar solennidade, a sua séde artistica no *Studio Nicolas*. A novel associação, que já surgiu victoriosa, contando para o seu exito com um punhado de artistas e escriptores, inteiramente dedicados á arte e ao novo emprehendimento, teve a sua inauguração prestigiada por vultos representativos das artes, das letras e da diplomacia, constituindo a sua inauguração um verdadeiro acontecimento artistico e social. Vê-se, no presente grupo, destacados elementos que tomaram parte na festa, — notando-se o terceiro á esquerda — o sr. Nicolas, presidente do Movimento Artistico e esforçado propulsor da brilhante iniciativa.

A visita do dr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, ao centro de Aviação Naval deu motivo a que os nossos brilhantes officiaes de marinha levassem a effeito uma das mais interessantes festas de aviação realizadas pelos bravos aviadores navaes. Vemos em: 1 — S. ex. cumprimentando o almirante Protogenes Guimarães, após o seu discurso de saudação ao chefe do Estado. Vê-se, entre o director da Aeronautica e o dr. Getulio Vargas, o almirante Conrado Heck, ministro da Marinha. Ao fundo, o avião da nossa marinha de guerra baptisado com o nome de "Umberto Maddalena", em tocante homenagem á memoria do inesquecivel aviador italiano. 2 — O dr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, no acto da inauguração, ao descobrir a placa commemorativa, que ainda se vê coberta com as bandeiras da Italia e do Brasil. 3 — Pittoresco aspecto da visita presidencial, notando-se em linha promptos para o *décollage*, os hydro-aviões que tomaram parte na magnifica Festa das Azas. 4 — Vista aérea do Centro de Aviação Naval.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANNIVERSARIOS

JUNHO — Lua Nova a 16 — **13** — SABBADO

as senhoras Vicente Neiva Pinheiro Guimarães, Paranhos de Macedo e Masson da Fonseca; as senhorinhas Baby Costa Motta, Cleonice Soares, Antonieta Delphim Moreira e Aydil Cintra; a poetiza Leda Rios; o dr. Antonio Salles; o menino Roberio, filho do casal Sylvio Julio; o ex-senador Lacerda Franco.

JUNHO — Lua Nova a 16 — **14** — DOMINGO

a senhorinha Virginia Arnaldo Tinoco; os drs. João da Costa Ribeiro e José Fortunato de Medeiros; o professor Aloysio de Castro, da Academia Brasileira, e director do Departamento Nacional do Ensino; o ex-senador Godofredo Vianna.

JUNHO — Amanhã Lua Nova — **15** — SEGUNDA-FEIRA

as senhorinhas Eugenia de Faria Ramos, Ilka Tavares Guimarães; o barão de Ramiz Galvão, o general Serzedello Correia.

JUNHO — Hoje Lua Nova — **16** — TERÇA-FEIRA

as sras. Marieta Ferreira Borges de Fortes, Olga Magdalena Brandão de Azevedo Ramos, Isolina de Carvalho Cruz; senhorinhas Leonor Martins Costa e Edith de Carvalho Coutinho; o professor Aristides Rocha Bastos; o academico Oscar Santa Maria; o sr. José Vieira, auxiliar do nosso redactor photogaphico.

JUNHO — Quarto crescente a 23 — **17** — QUARTA-FEIRA

as senhoras Fontoura Cordeiro e Eliza Costa; as senhorinhas Iole Costa, Ayrde Martins Costa, Edith Constantino de Faria, Maria Duque Estrada, Olivia Rodrigues Ribeiro; a graciosa Iolanda Alvaro de Mattos; o illustre dr. Pandiá Calogeras, ex-ministro de Estado; o commandante Francisco Antonio Pereira; o menino Renato de Paiva Rio; o dr. Alaor Prata, ex-prefeito do Districto Federal; o illustre ex-senador Paulo de Frontin.

JUNHO — Quarto crescente a 23 — **18** — QUINTA-FEIRA

a senhora Corina Silveira Teixeira; as senhorinhas Virgilita de Sá Pereira, Bertha Martins Baptista, Diamantina Ferreira França, Dulce Theophilo de Azevedo, Helena e Suzanna Aurelio de Figueiredo, Wanda da Fonseca; o commendador Antonio Jannuzzi; o coronel Povoas Junior; os drs. Doyle Silva Paes Barreto e Abelardo de Araujo; o joven João Rodrigues Vieira.

Carneiro e o dr. Ivan Lins Monteiro de Barros;

— a senhorinha Zilda Rodrigues Ribeiro e o sr. Olavo S. de Almeida.

CASAMENTOS

— a senhorinha Anahyd Rosa e o sr. Hamilton França;

— a senhorinha Malka de Almeida e o sr. Guilherme Zelcovithe;

— a senhorinha Giannina Giannette e o sr. José Rossi;

— a senhorinha Carmen Pego de Faria e o dr. Mathias Costa;

Inaugurou-se auspiciosamente na Escola de Bellas Artes o 1.º Salão Feminino. Damos acima um grupo de pessôas presentes ao *vernissage*.

as senhoras Maria Candida Cabrera, esposa do sr. Arthur Osorio da Cunha Cabrera, Aristides Lopes Vieira e Marieta Raposo Murtinho; a senhorinha Zuleide Godinho; o commandante J. J. da Costa Velho.

NOIVADOS

— a senhorinha Laurinda Coelho e o dr. José Nicolau Franceschini;

— a senhorinha Constança de Queiroz e o academico José Telles;

— a senhorinha Zenith Le Masson e o sr. Alipio Fernandes;

— a senhorinha Sofia Theodora de B. Carneiro e o dr. Ivan Lins Monteiro de Barros;

— a senhorinha Herminia Santos e o sr. Oswaldo Gomes;

— a senhorinha Maria Iolanda de M. Ancora e o tenente Sylvio Monteiro Moutinho;

— a senhorinha Selma Jacob e o dr. Annibal Machado.

DIPLOMATAS

Pelo *Cuyabá*, chegou o sr. Antonio Carneiro do Nascimento Feitosa, nosso embaixador na Belgica, onde tem prestado grandes serviços ao Brasil.

Foi muito concorrido o desembarque do sympathico diplomata, tendo se feito presente no cáes as figuras mais destacadas da sociedade e da diplomacia.

✱

Seguiu para Buenos Aires, de onde seguirá para o Paraguay, o dr. Lucillo Bueno, que vai assumir o cargo de ministro plenipotenciario do Brasil.

O distincto diplomata tomou passagem pelo *Asturias* e teve o seu embarque grandemente concorrido.

MUSICA

Com um magnifico programma, em que figuraram peças do mais raro valôr, despediu-se sexta-feira ultima do publico carioca o nosso maior pianista, Souza Lima.

✱

Quinta-feira, no Municipal, realizou-se uma lindissima tarde de musica. O famoso pianista norte-americano Harold Henry, que pela primeira vez visita a America do Sul, fez-se ouvir com agrado pelo melhor mundo carioca, que o applaudiu muitissimo num repertorio escolhidissimo onde figuraram Beethoven, Liszt, Chopin, Debussy, Mac Dowell, e outras peças de sua propria autoria.

CLINICA ESCOLAR OSCAR CLARK

A nota sensacional da semana que findou foi, sem duvida, o grande concerto em beneficio da Clinica Escolar Oscar Clark, organizado por um grupo de illustres damas de nossa sociedade.

DECLAMAÇÃO

Um lindo recital se annuncia para a proxima segunda-feira. E' mais uma hora de delicioso enlevo para o nosso espirito. Aracy Faria, encantadora na sua maneira simples de interpretar os mais apreciados poetas nacionaes e extrangeiros, dará esse explendido recital em beneficio do Patronato de Menores Abandonados do E. do Rio, no Theatro Imperial da vizinha cidade.

PELOS CLUBS

Foi devéras notavel a festa de arte com que o Atlantico Club homenageou, quinta-feira ultima, o Praia Club.

O programma, que teve a organização de Mercedes Dantas, foi preenchido com os brilhantes nomes de Maria Eugenia Celso, Nydia Soledade, Oscar Gonçalves, Eros Volusia, Egydio de Castro e Silva e outros, vivamente applaudidos.

AS REUNIÕES DE INVERNO

Hoje, o chá-dansante do Automovel. O annuncio faz logo presuppôr o brilho da reunião. E' a parada elegante no sentido justo, cabal. O Automovel é dos que resistem ao *mélange* social. Os seus brazões mantêm-se puros, sem nódoa.

RECEPÇÕES

No dia 2 — a elegante senhora Francisco de Sá Filho, festejou seu anniversario offerecendo um chá ás suas amizades.

M. DE D.

Por motivo de sua nomeação para 1.º secretario da Embaixada do Brasil em Paris, e sua consequente partida para a Europa, afim de assumir seu novo e elevado posto, o brilhante escriptor Ronald de Carvalho foi alvo de uma grande manifestação de apreço e sympathia, por parte de seus innumeros amigos e admiradores. Vemos na gravura acima um grupo das pessôas presentes ao almoço que lhe foi offerecido, notando-se o homenageado, assignalado por uma cruz, entre o dr. José Americo, ministro da Viação e o sr. Mora y Araujo, embaixador da Argentina, vendo-se ainda entre os convivas os srs. embaixadores do Mexico, da França e dos Estados Unidos, o interventor do Districto Federal, o commandante Gregorio da Fonseca, secretario da Presidencia, o ministro Lucillo Bueno, o ministro Cavalcante de Lacerda e outras figuras representativas das artes, das letras e da diplomacia.

TOILETTES PARA CASAMENTO

A MODA PARA OS CASAMENTOS

Ha casamentos com pompa e casamentos modestos, mas a noiva deve sempre estar o melhor possivel. Não é ella o ponto de attracção da ceremonia? Gabar-se-á e criticar-se-á a sua toilette. Procurem portanto, jovens, empregar todos os esforços para ficarem o mais bonitas possivel nesse grande dia.

Todo casamento provoca uma corrente de elegancia á qual se submettem paes e amigos. No cortejo, senhoras, moças e creanças devem fazer honra á noiva pelo gosto das toilettes, dos chapéus e dos accessorios. Uma certa sobriedade é exigida na toilette quando o casamento se realiza de manhã.

O vestido comprido confere grande distincção ao vestido de noiva. A longa cauda e o vestido tocando o chão têm uma imponencia que não tinha o vestido pelo joelho. Os grandes decotes e as mangas curtas não são usadas nessas toilettes. Poucas joias, apenas um fio de perolas.

O vestido de estylo é interpretado de diversas maneiras segundo a silhueta da noiva e o seu gosto pessoal. Nota-se nos modelos apresentados pelas melhores casas de Paris a preoccupação da linha simples para essas toilettes — uma simplicidade apenas apparente, porque recortes e incrustações guarnecem esses vestidos.

Sem duvida o crêpe-setim ficará o tecido typo dos vestidos de noiva; pelo seu brilho e sua flexibilidade convem para essa toilette e tem a vantagem de ser depois muito facilmente aproveitado. No emtanto as failles, as mousselines, os lamés, a pelucia, os crêpes de seda, os tafetás e o tulle, em todas as tonalidades de branco, prestam-se egualmente para os feitios estylisados como para os modelos modernos de vestidos de noiva.

Os pesados e flexiveis setins com trama de fios de prata teem um aspecto imponente, sobretudo quando uma rêde de perolas, onde se misturam o strass e fios de prata, completa a toilette.

As guarnições para a cabeça são cada vez mais fantasistas: touquinhas, rêdes, diademas e turbantes são empregados para realçar a simplicidade dos vestidos e contrastar por uma nota brilhante com o embaciado dos brancos, amarellados ou azulados. Mas a singela grinalda de flôres de laranja sempre terá as suas adeptas.

O sapato de noiva deve ser de formato simples, do mesmo tecido do vestido; com salto Luiz XV, a sua linha classica acompanhará bem a toilette de noiva. No caso que quizerem pôr fivella no sapato só as fivellas do mesmo tecido ou de perolas poderão ser usadas. Mas terá que conservar uma absoluta sobriedade de forma.

Tanto são usados os bouquets redondos com uma renda em volta, como as palmas ou flôres soltas. Conforme o estylo da toilette será escolhido o genero de bouquet — uns lyrios ou umas orchideas. A toilette genero princeza com a rede de perolas. O vestido sem cauda pede o acompanhamento d'um bouquet redondo; a palma de rosas, camelias ou cravos brancos acompanham bem qualquer toilette.

1 — Vestido de crepe-setim branco. Pala em bico, saia en-forme, longa cauda. Véu de tulle com renda, touquinha de tulle com grinalda de rosas brancas e flôres de laranja. 2 — Toilette de setim branco, o corpo muito blusado, os panneaux da saia cortados en-forme e pregueados. Véu rendado mantido por fios côr de laranja e vindo terminar nas fontes. 3 — Toilette de demoiselle d'honneur de tafetá rosa muito pallido, guarnecido com bordado de strass. Babados cortados en-forme. 4 — Toilette de renda preta e crepe georgette do mesmo tom. 5 — Vestido de casamento de crepe georgette branco, mangas e pala de renda; saia cortada en-forme. Véu de tulle; diadema de perolas e strass.

OS ANTIGOS FILTROS DE BELLEZA SÃO SEMPRE OS MELHORES

Os especialistas de belleza de Paris declaram que as mulheres elegantes começaram a rebellar-se em todos os paizes do mundo. Em sua afanosa busca por novos elementos que permittam augmentar a belleza feminina, ellas hão terminado por verificar que, afinal de contas, os velhos amigos são sempre os melhores. Não se deixando levar pela extravagante propaganda de certos modernos productos de belleza, as mulheres de hoje em dia volvem aos simples remedios que, através dos annos, têm demonstrado a sua efficacia e que gozavam de popularidade entre as gerações que precederam immediamente a actual. Por exemplo, durante o transcurso do ultimo anno, ha augmentado tão notavelmente o consumo da antiga cêra pura "mercolized" ("Pure Mercolized Wax") pois muitos pharmaceuticos e droguistas, com o proposito de attender á crescente procura popular, a vendem agora tambem em caixinhas de tamanho menor e, logicamente, de preço mais reduzido.

Tambem o carminol puro voltou ao seu antigo auge, pois offerece sobre o rouge a vantagem de que o colorido que empresta á cutis é muito mais natural e perfeitamente innocuo.

A legitima cêra pura "mercolized" é vendida sómente em latas douradas de dois tamanhos. Preço de venda no Brasil Rs. 12$000 e 7$000.

Conselhos sociaes

CURIOSIDADE MALSÃ

Entre as causas que agitam e cansam a triste humanidade, deve se collocar em primeiro logar a incansavel curiosidade a respeito do proximo.

Querem saber tudo que fazem os outros, no que pensam, os seus successos e seus revezes; têm um desejo morbido de querer saber seus projectos, e applicam não sómente as suas faculdades porfiadas de observação e de intuição para penetrar os segredos dos outros, mas ainda indagam e procuram todas as indicações (mesmo as mais tenues), informações (mesmo as mais vagas) para tirar conclusões a respeito delles.

Quaes os moveis que os fazem tentar esse incansavel, esse indiscreto, esse minucioso inquerito? E' raramente o interesse pelo proximo que os guia: é, quasi sempre, uma necessidade de comparar-se a elles para invejar suas vantagens ou para orgulhar-se das vantagens que teem sobre elles, como tambem uma azeda malevolencia, resolvida a apanhal-os, sem cessar, em falta...

A inveja humana está extremamente espalhada, é um espirito de rivalidade que faz estabelecer um parallelo permanente entre sua sorte e a dos outros. Soffrem de qualquer coisa? o soffrimento é ainda mais penoso se o vizinho foi poupado; e, pelo contrario, tudo que lhes acontece de bom é muito mais precioso se o facto é mais raro; investigam avidamente a vida do proximo para encontrar elementos necessarios a estabelecer esse parallelo constante que é indispensavel para avaliar suas alegrias e tristezas.

Se tivermos essa feia curiosidade, que nos rebaixa, devemos procurar por todos os meios corrigir-nos. Não nos occupemos com aquillo de que moralmente não estamos encarregados; abandonemos a pretenção de julgar os outros e dirigil-os, quando o nosso dever não nos obriga. A unica obrigação que temos é dar o bom exemplo e deixar os outros livres, deixando-os agirem sob o controle da sua propria responsabilidade.

Senhoras, com o tempo que absorve a nossa curiosidade a respeito do proximo teremos vagar para nos examinar a nós mesmas. Temos muito que fazer para conhecermos nossos defeitos e os corrigir.

Depois de nos termos estudado renunciaremos a julgar tão severamente o proximo, verificando em quantos pontos somos dignas de censura.

Tendo conseguido essa serena sensatez, ainda nos é necessario não a deixar perturbar por aquelles que não a teem. Virão a nós com noticias de sensação; experimentarão interessar-nos em calumnias, maledicencias. Procuremos defender-nos; mas fieis ao nosso methodo ajamos com tacto, sem censurar nem magoar ninguem, sem pretender impôr o nosso modo de pensar.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de toile de seda, guarnecido com grupos de pregas e pontos abertos. 2 — Vestido de crepe bordado, os babados terminados por *festonnés*, golla e jabot de crepe georgette. 3 — Blusa de crepe georgette de fantasia, saia e bretelle de sarja azul marinha. 4 — Toilette de mousseline de fantasia, guarnecida com ordens de babadinhos cortados muito en-forme.

Vestido de crêpe-setim branco. Bolero e saia com pala em bico e panneaux en-forme.

Pensamentos

As pessôas felizes não sabem muita cousa da vida: o soffrimento é o grande educador dos homens.

ANATOLE FRANCE

E' preciso estar só para ler a pagina que se ama.

LACORDAIRE

"Ha mezes que estou usando estas roupas e Lux ainda continua a dar-lhes a apparencia de novas"

Meias das mais finas
Lãs das mais macias
Sedas diaphanas....
Nada tem a recear do Lux.

Os seus vestidos mais delicados, as suas meias de malha mais finas, as suas combinações mais valiosas, conservam-se frescas e bellas sob o cuidado do "LUX". A sua espuma rica e leitosa restaura a belleza primitiva dos tecidos, penetrando em todos os fios e expurgando-os de suas impurezas. A maciez de suas mãos será o testemunho da delicadeza do "LUX" para com as sedas mais finas. Uma lavagem com "LUX" torna os seus lindos vestidos macios e brilhantes e com toda a attracção de novos. Lave em casa por este processo economico todas as peças do seu mimoso enxoval. Conserve por mais tempo como novos os seus vestidos predilectos

S. A. IRMÃOS LEVER

SÃO PAULO — BRASIL

Lx. 15-0136 Bz.

Nossa alimentação

COMO ALIMENTAR OS TUBERCULOSOS

Não ha ainda muito tempo que a superalimentação estava na ordem do dia; depois de tel-a considerado como a panacéa para a tuberculose, voltou-se atrás, verificando-se como era perigoso um tal methodo, applicado systematicamente e, deve se confessar, com excesso. Quem não se lembra dessa época pantagruelica em que os doentes eram condemnados a absorver quantidades absurdas de alimentos?

Póde se dizer, sem ser accusado de exaggero, que o prognostico da tuberculose pulmonar depende em grande parte do estado das vias digestivas, e que um tuberculoso que póde se alimentar, e assimila os alimentos ingeridos, tem grandes probabilidades de cura; em todo caso curam sómente aquelles que pódem luctar contra a invasão bacillar por uma alimentação racional.

Deve-se portanto conformar escrupulosamente com o conselho dado pelo professor Peter — "rodeiar de todos os cuidados o estomago dos tuberculosos", e, entre as precauções a tomar, deve-se pôr na primeira fila a que consiste em evitar os remedios cujo uso prolongado é susceptivel de determinar perturbações digestivas.

O tuberculoso, que tem um bom estomago, supporta facilmente uma alimentação abundante bem regrada. Se o doente não tem fastio nem diarrhéa a alimentação abundante é util; mas se tem, aggravará as perturbações intestinaes. A curva do peso é um processo pratico para regrar a alimentação, mas não dá sempre o mesmo resultado; o tuberculoso que engorda não é forçosamente um doente que se cura.

A carne sob todas as suas formas será absorvida, mas evitando o emprego de muitos temperos e môlhos. Os peixes são muito recommendados: a ostra e ovas de peixe são excellentes alimentos. O ovo crú ou cozido é muito util. O leite empregado de toda maneira. Os cereaes, os leguminosos, ricos em azoto, o macarrão e talharins, as batatas farão parte constante do menu. Muito moderada a ração de pão. Os legumes verdes, devido á grande percentagem de saes mineraes, são muito necessarios. Quasi todas as fructas são recommendadas. Doces e bolos como sobremesa.

D'uma maneira geral, o regimen exclue os acidos (devido á descalcificação) os temperos irritantes, os alimentos excitantes e o leite durante as refeições.

E sobretudo comer lentamente, mastigando muito bem, e digerir em paz durante a sesta.

MENU DE ALMOÇO

PEIXE EM MATELOTE
BATATAS COZIDAS

ERVILHAS COM PRESUNTO

BIFES ENROLADOS
ESPINAFRES

PUDIM DE ARROZ COM MAÇÃS

BISCOITOS DE ARARUTA

PEIXE EM MATELOTE

Corta-se o peixe depois de bem limpo em postas. Refogam-se essas postas em um pouco de manteiga. Junta-se em seguida um pouco de vinho branco, alguns champignons, cebola, sal e um bouquet de cheiros. Deixa-se cozinhar em fogo brando. Na hora de servir junta-se um pouco de manteiga.

ERVILHAS COM PRESUNTO E OVOS

Refoga-se num pouco de manteiga uma fatia de presunto e cebolinhas juntando em seguida a ervilha, já cozida em agua e sal. Arruma-se a ervilha n'uma travessa, deixando no centro um espaço para arrumar sobre torradas fatias de presunto com um ovo frito (ou escaldado) por cima.

BIFES ENROLADOS

Cortam-se bifes no lombo de vitella; depois de batidos põe-se em cima de cada qual um pouco de picadinho

MANTEAUX

1 — *Manteau* de crepe-setim, com tiras applicadas e babado en-forme. Golla-chale. 2 — *Manteau* de *failletine*, formado por tiras cortadas en-forme Golla e punhos guarnecidos com tiras applicadas. 3 — *Manteau* de crepe marocain. Fechamento cruzado abotoado com tres botões. 4 — *Manteau* de *charmeuse*, golla-écharpe. Os *panneaux* plissados dos lados terminam-se por bolsos.

MODA INFANTIL

1 — Vestido de linho azul claro, saia com babado pregueado. Cinto de fantasia. 2 — Vestido de etamine de lã, cinzento e vermelho, golla de lingerie, gravata e cinto de seda vermelha. 3 — Vestido de tafetá de fantasia, guarnecido com viezes e nervures. 4 — Vestido de linho rosa, enfeitado com nervures e terminado por um babado de pregas duplas. Cinto do mesmo tecido com fivella de madreperola. 5 — Bolero e saia de reps de lã, vermelho, blusa de crepe da China branco, gravata de foulard branco com pintas vermelhas. 6 — Roupa para menino de reps azul marinha, camiseta de toile de seda branca, gravata de foulard branco com pintas azul marinha. 7 — Roupa para menino de flanella branca. Golla, punhos e cinto de faille azul marinha. Galões de seda azul marinha guarnecem o peitilho e a blusa. 8 — Vestido de tricoline de fantasia, guarnecido com carreira de botões e babado pregueado. 9 — Vestido de crepe da China de xadrez verde e branco. A pala forma a capinha que cobre os braços.

de carne, enrola-se e amarra-se com um fio de barbante branco. Põe-se dentro d'uma panella propria para banho-maria rodellas de cebola, salsa, um pouco de azeite e manteiga, tres colheres d'agua e duas de vinho do Porto. Collocam-se em cima os bifes enrolados e tampa-se bem a panella, que é collocada dentro de outra contendo agua, e vão cozinhar sem destampar até ficarem promptos.

PUDIM DE ARROZ COM MAÇÃS

Põe-se para cozinhar em meio litro de leite, ao qual se juntou 50 grs. de assucar, 80 grs. de arroz muito bem lavado. Junta-se em seguida 30 grs. de manteiga, duas gemmas e um ovo inteiro.

A' parte põe-se para ferver um quarto de litro de agua com 30 grs. de assucar e junta-se quatro maçãs descascadas e partidas em pedaços e umas gôtas de succo de limão. Dez minutos de cozimento são sufficientes.

Unta-se com manteiga uma fôrma lisa, forram-se as paredes e fundo com a massa de arroz e enche-se a fôrma com camadas alternadas de arroz e do doce de maçã. Vae assar no forno uns 20 minutos, tira-se da fôrma e rega-se com calda de maçã.

BISCOITOS DE ARARUTA

Mistura-se bem 250 grs. de assucar com egual quantidade de manteiga; depois juntam-se tres claras muito bem batidas, 6 gemmas, bate-se um pouco mais e mistura-se a massa da manteiga e assucar, em seguida vae se juntando a araruta peneirada até a massa ficar no ponto de enrolar. Os biscoitos são arrumados no taboleiro e vão assar em forno regular.

O valor do macarrão como genero alimenticio

O macarrão é um genero alimenticio de origem muito remota, que segundo a lenda teria sido descoberto casualmente por uma mulher chineza.

De grande consumo na Italia e na França, a principio, em pouco tempo as suas excellentes qualidades alimenticias tornaram-no usado em todo o mundo.

Em seu livro sobre hygiene alimentar, Gilman Thompson, a maior autoridade londrina sobre o assumpto, diz:

"Peso por peso, o macarrão é tão valioso para a economia organica quanto os mais nutritivos pratos de carne de vacca ou de carneiro, e é consideravelmente mais facil de digerir

VESTIDOS SINGELOS

1 — Vestido de crêpe marocain de fantasia, branco, *beige* e marron ; punhos e golla-*jabot* de crepe-setim branco. Cinto de camurça marron. 2 — Vestido de crêpe de Chine marron escuro, guarnecido com o mesmo tecido de fantasia. 3 — Vestido de crêpe marocain verde resedá, tunica com *nervures*; mangas *raglan*; punhos, golla e frente de *faille* branco ; ponta da golla de setim preto.

SANTO ANTONIO

Em toda parte vão festejar com toda a pompa o setimo centenario do grande santo que uns chamam Santo Antonio de Lisbôa e outros de Padua. Na realidade é elle de Portugal, apezar dos Italianos considerarem este santo como delles, por ter vivido muitos annos na Italia e ter morrido em Padua, onde está o seu tumulo. Nasceu elle em Lisbôa e a cidade faz questão do seu Santo.

O que tornou talvez S. Antonio mais conhecido como de Padua foi o celebre quadro de Murillo que o designa por este nome e que está na cathedral de Sevilha.

S. Antonio é talvez um dos santos mais queridos do calendario, não fosse elle o padroeiro dos casamentos, o protector de todo namorado infeliz. E' o protector do afflicto, faz encontrar os objectos perdidos e é tambem o padroeiro dos animaes. Na Italia ha um curioso costume de levarem para a frente das igrejas os animaes para serem benzidos, o mesmo se dando na Espanha: cavallos e mulas, ricamente ajaezados, são conduzidos pelos seus donos para que o padre os abençõe no dia do seu padroeiro. Provavelmente esses lendarios e tão interessantes costumes serão abolidos agora na Espanha com a mudança de regimen.

A vespera de S. Antonio era d'antes muito festejada, tanto nas cidades como nas villas e fazendas; mas era sobretudo a festa da roça: foguetorio, danças e lauta ceia terminavam os festejos.

Mas as moças da cidade como as da roça não deixavam de verificar a sua sorte nessa noite milagrosa: papelinhos na janella para que abrissem com o sereno; ovos do dia quebrados den-

Santo Antonio.

do que a carne, além de não causar a formação de acido urico, tornando-se portanto um alimento de valor nos casos de rheumatismo, molestias dos rins, gotta etc."

Ha varias fórmas de preparar o macarrão, embora muitas pessôas só o conheçam nas duas fórmas mais populares, a sopa de macarrão e a "macarronada". Abaixo damos uma receita, facil de preparar e que constitue um prato de mui bella apresentação:

MACARRÃO COM ERVILHAS

Corte em pedacinhos 70 grammas de carne secca, com cebola, um alho fresco, (*poireau*), meio aipo e cheiros; cozinhe com azeite e quando começar a corar ponha 500 grammas de ervilhas frescas (ou *petits-pois* de conserva), sal e pimenta.

Cozinhe á parte 500 grammas de macarrão Aymoré (Furadinho ou Perciatelle) cortado em pedacinhos nagua com sal; côe bem, misture e sirva com queijo Parmesão ralado, á parte.

Esta receita é para seis pessôas.

❃

A experiencia tem demonstrado que o uso do macarrão "Aymoré" para o preparo de qualquer prato augmenta grandemente as suas qualidades, pois as massas "Aymoré", sendo fabricadas com semolina de trigo duro, tornam se de um sabor agradabilissimo e muito ricas em gluten, proteina e phosphatos.

Photographia tirada o anno passado. Na Espanha, cavallos e mulas ricamente ajaezados são conduzidos deante da igreja para serem abençoados no dia do seu padroeiro.

Na Italia. O padre da igreja de Santo Eusebio abençoando em frente da igreja os animaes no dia de Santo Antonio.

tro d'um copo d'agua diriam qual o nome do futuro esposo e qual a sorte, casamento, viagem, emfim o que se queria ver na clara, que tomava os aspectos mais interessantes. Outro costume tambem usado era o das moças perguntarem o nome ao primeiro pobre a que davam esmola na manhã do dia 13, porque esse teria que ser o nome do seu futuro esposo.

E, apezar de não serem mais usados esses velhos costumes, nem por isso deixou S. Antonio de ser muito invocado pelas jovens assim como por todos aquelles que contam com a sua intervenção junto de Deus.

Preceitos de hygiene

A GARGANTA

A garganta é um orgão muito sacrificado. O ar, penetrando d'uma maneira anormal na garganta, prejudica-a; a passagem dos alimentos, o frio exterior succedendo ao calor, que apenas affecta a mucosa nasal, póde prejudicar muito a garganta, predispondo para innumeras doenças desse orgão delicado.

Isso prova como é preciso tomar cuidado delle. Devemos entretel-o sempre humido e são. Receitam-se os antisepticos: essa precaução é com effeito eminentemente salutar; mas, do momento que uma substancia é antiseptica, exerce por essa razão mesmo uma acção energica sobre os tecidos. A garganta portanto não soffrerá impunemente o contacto frequente dos antisepticos. Por essa razão dever-se-á reservar a antisepcia para o uso passageiro, quer dizer para os casos em que a garganta tem necessidade de ser curada, ou preservada por prevenção de contagio. Nos outros casos, usem os antisepticos em doses minimas e misturados com substancias hygienicas e inoffensivas. Alem disso deve-se fortalecer a garganta. Sem ir tão longe como Kneipp, que recommenda passeiar todos os dias os pés nús na agua, muitos são os medicos que são de opinião que as loções de agua fria exteriormente sobre o pescoço são muito efficazes para conservar a este orgão a saude e vitalidade.

Quando se tem ardencia na garganta, um gargarejo de agua com mel suaviza essa ardencia. Outra receita simples que dá bons resultados é a agua morna com bicarbonato, a agua com sal como desinfectante e o cozimento de malvas com dormideiras.

Mas não se deve descuidar as inflammações de garganta dolorosas ou apresentando traços esbranquiçados ou membranas: o mais depressa possivel se deve chamar o medico.

A amygdalite é a doença de garganta mais commum. Basta ás vezes, para calmal-a, applicações quentes exteriores, compressas mergulhadas na agua fervendo e cobertas com um encerado, para conservar o mais possivel o calor. Gargareja-se com chá preto, malvas etc. juntando-se o tratamento do nariz: tres gottas de azeite resorcinado de 1 para 100 dentro de cada narina.

Os vapores de eucalypto no quarto. Um purgativo simples como desintoxicante e dieta só de leite no primeiro dia, tomando-se tambem uma pastilha de salopheno e bebendo-se bastante agua na qual se dissolveu um comprimido de urotropina (um litro d'agua para cada comprimido).

Antes de cantar, dizem que é bom gargarejar com agua morna na qual se pingou umas gotas de vinagre de vinho (para um copo d'agua morna, dez gottas de vinagre).

A ultima palavra da moda parisiense em Longchamp.

O JAPÃO MODERNO

As geishas executando passos de bailado.

Quem dirá de quantos dramas se compõe a evolução do Japão para a civilização moderna? Não avaliamos bem a verdadeira metamorphose desse povo que abandona tradições millenarias para acompanhar os da raça branca.

Os Japonezes cortaram suas tranças, destruiram seus kimonos, e puzeram-se resolutamente a copiar os outros povos. Não existem mais no Japão os pousse-pousse, mas sim automoveis. Ha buildings, bancos nos quaes senhores de collarinho engommado e oculos de tartaruga — mas de pelle amarella — discutem finanças. Os collegios e escolas estão installados á moderna. O sport entrou como senhor no Japão. E' a conquista mais significativa entre todas. Os campeões japonezes — tennis, natação, aviação — teem lugar de destaque no mundo.

As *geishas* — as encantadoras dançarinas — não aprendem mais a dar aquelles passinhos nem a ajoelhar-se e levantar-se abanando-se rapidamente. Os vestidos bordados de ricas sedas foram substituidos pelos tutus, e as dançarinas japonezas copiam as attitudes classicas das nossas bailarinas.

Preoccupam-se com a saude das creanças d'uma maneira extraordinariamente scientifica.

As geishas entregam-se em grupo aos exercicios physicos. Deitadas de costas, com pouca roupa, executam movimentos de flexibilidade cuja vista teria com certeza feito fugir de pavor as gerações dos seculos passados. De facto, se não fossem os caracteristicos da face — os olhos subidos, as maçãs salientes — pensar-se-ia encontrar-se diante de alumnas de algum collegio europeu ou americano.

A fig. abaixo representa as meninas soffrendo um exame medico. O curioso apparelho que se observa nas mãos da creança que está no primeiro plano é um indicador da força dos pulsos. A creança aperta as duas alças, e uma agulha que gyra no mostrador pára no numero exacto. O medico attento constata o vigor da futura gymnasta e, segundo a cifra attingida, declara-a prompta para seguir os cursos. Em caso de recusa, terá que se fortalecer antes de passar novo exame.

O apparelho da figura á direita é destinado a medir a força dos hombros e dos braços effectuando tracções de baixo para cima.

Na primeira gravura (ao alto d'esta nota) vêem-se as geishas na execução de certas figuras classicas.

E' evidente que, apezar de tudo, ha ainda uma parte da população que fica refractaria ao progresso. Não é possivel transformar todo um povo em alguns annos. Mas é certo que, relativamente em pouco tempo, a ideia que está em caminho conquistou a maioria; e os Japonezes, com a sua energia em progredir, serão muito capazes de mostrar o caminho aos povos dos quaes receberam as lições.

A PRIMEIRA LIÇÃO DE PIANO

O discipulo — Escute, minha senhora, antes de começarmos, devo prevenil-a duma cousa: Eu sou canhoto.

O actor, indignado — Imagine você que, para me deixarem entrar, hontem, nesse novo theatro, tive que dar o nome.

O camarada, muito sério — E' que nome deu você?

PENSAMENTO

Não se ama nunca sufficientemente a pessôa que se ama: porque esquecemos que ella póde morrer.

Exame da força muscular dos pulsos. A aguiha indica o resultado sobre o mostrador.

Prova para verificar a força dos braços e hombros, consistindo em suspender diversas vezes um peso.

Vestido de *voile* de seda azul turqueza, guarnecido com *nervures*, pregas e babadinhos plissados. Um *bouquet* de rosinhas côr de rosa na cintura.

A princeza Izabel de França

Condessa d'Harcourt

A princeza Isabelle-Françoise-Hélène Marie nasceu em Paris, no dia 27 de Novembro de 1900.

Filha mais-velha do duque e da duqueza de Guise, foi a unica entre as irmãs que não ambicionou uma corôa principesca. Aos vinte e tres annos, apezar de já ter sido solicitada pelos partidos mais brilhantes, preferiu tornar-se a esposa do homem que amava e que tinha escolhido entre todos no segredo do seu coração. No dia 15 de Setembro de 1923, casava-se em Chesnay (Versailles) com o conde Bruno d'Harcourt, quatro annos mais velho do que ella. O conde, apezar de não ter nenhum rei entre seus antepassados, pertencia a uma das mais antigas familias francezas, descendendo por seu pae dos D'Harcourt, e neto por sua mãe do marquez Pierre de Nernis.

O casamento foi feliz. Parecia que o futuro abria-se radioso diante do jovem casal, que sómente o amor tinha unido.

Quatro filhos vieram alegrar o lar:

Bernard, nascido em Larache, no dia 1 de Janeiro de 1925.

Gilone e Izabel, nascidas no dia 1 de Janeiro de 1927.

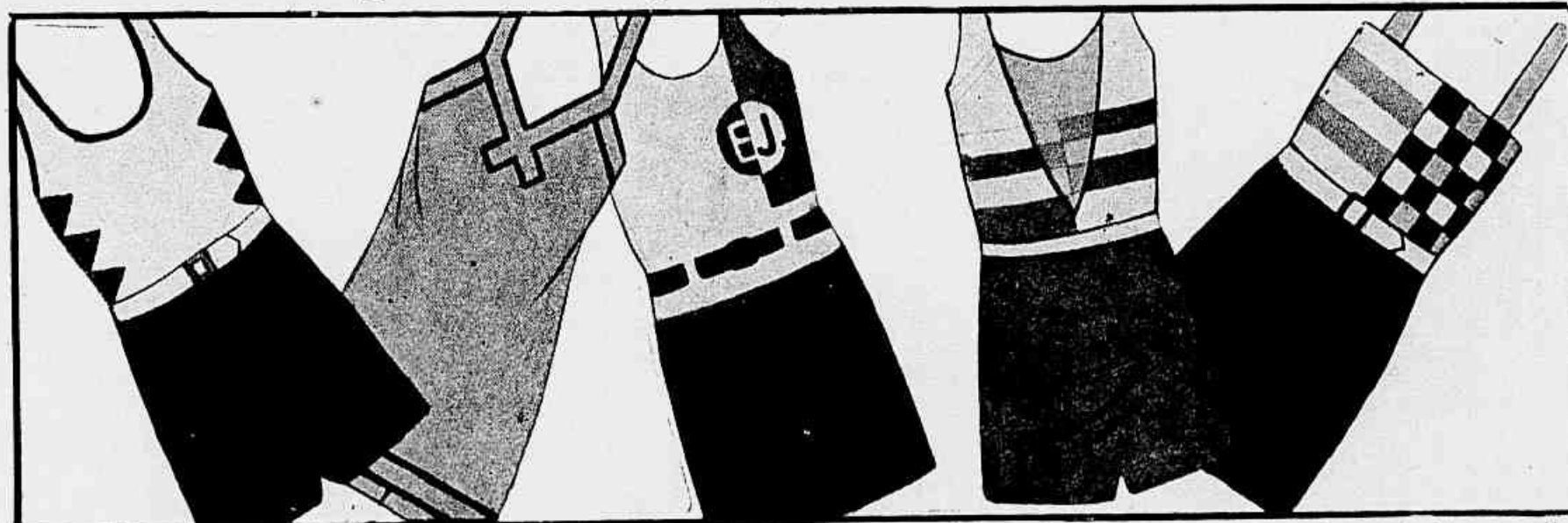
Monica, nascida em Paris no dia 7 de Janeiro de 1929.

Foi um anno apenas depois do nascimento dessa ultima menina que a maior desgraça que póde acontecer a uma mulher, que ama aquelle que lhe deu seu nome, veiu cahir sobre a jovem princeza.

No principio daquelle verão, o conde Bruno d'Harcourt, que como grande sportman se preparava para concorrer na corrida de automoveis organizada em Marrocos, morreu num horrivel desastre, tudo tendo sido tentado para salval-o.

A princeza, então em Paris, correu para junto da sua cabeceira.

Mostrou-se nessa terrivel circunstancia d'uma coragem, d'uma energia extraordinarias. A princeza Izabel aliás mais d'uma vez já tinha dado provas do

Algumas roupas para banho de mar

1 — Blusa de jersey de lã branca guarnecida com vermelho; calção de jersey vermelho. 2 — Blusa longa e calção de jersey verde vivo com viez preto. 3 — Blusa longa de jersey branco e verde. Cinto verde 4 — Calção de jersey azul, blusa de jersey branco com listas azues. Cinto branco. 5 — Calção de jersey preto, blusa com listas e quadrados, branco, vermelho e preto; cinto branco.

Vestido e casaco de *kashatulla*. Golla e plastron bordados.

graças a uma grande energia e constancia invejavel, tendo mostrado até ao fim e em todas as circunstancias a sua admiravel coragem.

Muito sportiva, a princeza Isabel monta a cavallo como o mais intrepido dos cavalleiros, e as grandes viagens pelo deserto nunca a assustaram. Mas, no emtanto, é extremamente feminina.

Occupa-se com uma ternura apaixonada dos seus filhos, que são hoje a sua unica alegria. As pessôas que tiveram a honra de conviver com ella, em Marrocos ou em Paris, dizem que a princeza Izabel, possue uma cultura profunda, e tem uma memoria fóra do commum. Não esquece mais o que aprendeu uma vez, gravando-se no seu cerebro os mais insignificantes factos.

A princeza Izabel, desde a sua viuvez, mora em Paris com os seus filhos. Mas felizmente para ella tem uma familia muito unida, encontrando tanto em sua mãe a duqueza de Guise como nas suas duas irmãs um apoio precioso para o seu coração ferido.

seu caracter. Sabe-se que, como suas irmãs Françoise e Anne de France, passou uma grande parte da sua existencia em Marrocos, em Larache, naquella propriedade que o duque de Guise, seu pae, dirigiu elle mesmo durante muitos annos.

Durante a guerra, a duqueza e suas filhas estiveram durante muito tempo sós, o principe tendo sido chamado pelos deveres do seu cargo. Mãe e filhas substituiram o chefe de familia. Conseguiram dirigir um pessoal numeroso

PENSAMENTOS

O saber seria uma coisa muito bella se désse ainda por accrescimo o senso sobre todas as coisas.

Se tu pintas tua casa de côr de rosa, o destino encarrega-se de sujal-a de preto.

(PROVERBIO CHINEZ)

O bem que fizeres na vespera, fará a tua felicidade de amanhã.

CEGONHA BORDADA

Esta cegonha, bordada com fio de ouro ou de prata sobre folhas de paravento de chamalote branco, é d'um lindo effeito para uma sala de visitas. Esta ave póde tambem ser recortada em tafetá ou setim branco e applicada sobre almofada de setim azul; os contornos bordados com seda preta, o bico e as pernas com seda vermelha. Cortada no linho grosso branco e applicada sobre linho pardo, azul ou verde; os contornos bordados com linha preta e vermelha, para cortinas, centros de mesa ou almofadas.

Vestido de crêpo *blitis* verde claro. Pala cruzada. Saia com um viez incrustado.

Quadrados bordados

Os quadrados bordados prestam-se a numerosas applicações na guarnição da casa. Póde-se combinar barras para os stores e cobertas de cama; toalhas de mesa guarnecem-se duma maneira interessante com esses quadrados; com elles tambem se póde formar almofadas e centros de mesa de feitios originaes, como esse que aqui damos. Os quadrados bordados sobre linho grosso crú, com linha do mesmo tom, são unidos uns aos outros por um ponto aberto (échelle). A franja collocada nos tres quadrados que formam as duas extremidades do panno de mesa dá um aspecto ds novidade a esse trabalho.

O domador e a leôa

Aquelle inglez maniaco que acompanhava de terra em terra um domador de leões, para ver quando a fera o devoraria, teria podido gozar essa sensação — ou quasi — uma noite do mez passado, em Turim.

Com effeito, por um triz não foi um domador victima, naquella cidade, do mau humor duma leôa que, visivelmente contra a sua vontade, fôra installada numa jaula, juntamente com um urso. E tanto isso a contrariou que, á noite, durante o trabalho, a féra se mostrou rebelde, agastada, obedecendo, é certo, mas recalcitrando a cada nova ordem do domador. Quando este, conforme o costume, metteu a cabeça dentro da cabeça da leôa, não houve da parte da féra a menor resistencia; no momento, porém, em que elle quiz retirar a cabeça, a leôa, em vez de abrir mais as fauces, começou a apertal-as devagarinho. O publico, percebendo o drama, ergueu-se, horrorizado. Por felicidade sua, o domador teve bastante sangue-frio para puxar do revólver e fazer fogo, ferindo o animal numa perna. Com a violencia da dôr, a leôa largou a presa. Repelliram-na então para o fundo da jaula e assim o domador se poude escapar.

Tambem, quem o mandou infligir a companhia dum simples urso á esposa do Rei dos Animaes?

— Escuta, meu filho, vamo-nos divorciar. Com quem queres ir? Com papae ou com mamãe?

— Conforme... Quem fica com o automovel?